

FERNANDA CRISTINA LIMA

**TRADUÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO CULTURAL:
OLHARES SOBRE O BRASIL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Lingüística Aplicada)

Orientadora: Prof. Dra. Cristina Carneiro Rodrigues

**São José do Rio Preto
2008**

FERNANDA CRISTINA LIMA

Tradução como representação cultural: olhares sobre o Brasil

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em 28 de março de 2008, área de Lingüística Aplicada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cristina Carneiro Rodrigues
Professora Doutora
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Márcia do Amaral Peixoto Martins
Professora Doutora
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Anna Flora Brunelli
Professora Doutora
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 20 de abril de 2008

*Para Célia Regina Lima, por todas as idas e vindas,
pela confiança e dedicação infinitas, e por tudo mais.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço

À professora Dra. Cristina Carneiro Rodrigues, por desde bem cedo ter apoiado, com dedicação, generosidade e sabedoria, meu interesse pelo modo como diferentes vozes “traduziam o Brasil”.

Aos meus pais, Célia e Benedito, pela paciência, pelo amor e amparo permanente e incansável nessa jornada. À minha irmã Érika, pela amizade e aprendizado.

A Vinícius Sasso, por estar aqui, pelo companheirismo e amor.

Aos amigos Marília Pagliaro, Deni Kasama, Angélica Karim Garcia Simão, Alexandre Sampaio, Beatriz Facincani, Ricardo Montagnoli e Claire Martins, pelos inestimáveis momentos de alegria, cumplicidade e apoio ao longo desse percurso.

Aos professores Álvaro Luiz Hattner, pelas considerações e sugestões realizadas no Exame de Qualificação que, sem dúvida, contribuíram muito para a melhoria deste trabalho; Anna Flora Brunelli, pelo carinho e incentivo demonstrados na Qualificação e por ter aceitado contribuir para a etapa final desta pesquisa; e Márcia do Amaral Peixoto Martins, pela generosa colaboração dada ao trabalho, tanto no VII SELin como na defesa desta dissertação.

À professora Rosa Maria da Silva, pela surpreendente prestatividade, bondade e incentivo durante toda minha graduação e depois dela.

À FAPESP, pela bolsa concedida (processo 05/57720-9).

Translation is not only the appropriation of previously existing text in a mode of vertical succession; it is the materialization of our relationship to otherness, to the experience – through language – of what is different. While the way in which alterity and strangeness are respected in translation has much to do with the historical and institutional norms which come to dominate national traditions, these norms are not eternal.

(Simon, 1992)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- REPRESENTAÇÃO CULTURAL, DISCURSO JORNALÍSTICO E TRADUÇÃO: INTER-RELAÇÕES.....	18
1.1 Representação cultural, identidade nacional e estereótipo.....	19
1.2 Discurso jornalístico e poder.....	30
1.3 Tradução, representação cultural e a formação de identidades nacionais.....	35
CAPÍTULO 2- A REPRESENTAÇÃO DA SENSUALIDADE E DA BELEZA.....	46
2.1 A representação da sensualidade e da beleza: considerações.....	68
CAPÍTULO 3- A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	71
3.1 A representação da violência: considerações.....	90
CAPÍTULO 4- A REPRESENTAÇÃO DA CORDIALIDADE, DO OTIMISMO DA BAIXA AUTO-ESTIMA.....	95
4.1 A representação da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima: considerações.....	115
CAPÍTULO 5- A REPRESENTAÇÃO DO BRASIL COMO PARAÍSO NATURAL E PAÍS EXÓTICO.....	120
5.1 A representação do Brasil como paraíso natural e país exótico: considerações.....	165
CAPÍTULO 6- A REPRESENTAÇÃO DA CORRUPÇÃO.....	172
6.1 A representação da corrupção: considerações.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	202

RESUMO

A tradução é uma prática lingüística que, se por um lado, é influenciada pelas orientações sociais, culturais e políticas do contexto em que é realizada, por outro também tem o poder de atuar sobre o contexto na qual é produzida e consumida. Uma das formas pelas quais a prática tradutória atua na cultura a que se destina a tradução é por meio da veiculação de representações culturais de um determinado país e seu povo. Tais representações culturais utilizam estratégias de significação e associações que auxiliam o direcionamento de interpretações a respeito da nação e do povo em questão e a reiteração de estereótipos nacionais, podendo contribuir para a continuidade das relações assimétricas entre determinadas línguas e culturas.

O presente trabalho analisa essa situação enfocando como o jornal norte-americano *The New York Times* constrói em suas notícias representações culturais do Brasil e dos brasileiros e como essas representações são reconstruídas nas traduções das notícias para o português. As representações do Brasil estudadas são a da sensualidade, da violência, da cordialidade, do otimismo, da baixa auto-estima, do exotismo e da corrupção. Pretende-se evidenciar que as traduções dessas notícias, ao trabalharem com representações culturais do Brasil previamente construídas em inglês, por sua vez também elaboram em língua portuguesa representações desse país e dos brasileiros. Neste caso, uma vez que reconstroem e veiculam as representações para o mesmo público interpretado por elas, as traduções reiteram construções correntes no imaginário da sociedade brasileira e podem contribuir, assim, para a reconstrução, a amenização ou até mesmo o reforço dessas representações.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, representação cultural, representação do Brasil, tradução jornalística, *The New York Times*.

ABSTRACT

Translation is a linguistic practice influenced by the social, cultural and political orientations of the context in which it occurs. It is also able to affect the culture in which it is produced and consumed. One way in which the practice of translation can have effects on the target culture is through the conveyance of cultural representations of a specific country and its people. Such representations usually employ signifying strategies and associations which both conduct the way in which a given country or people is understood and also reiterate national stereotypes, perpetuating unequal relations between languages and cultures.

This dissertation analyses this issue by focusing on how *The New York Times* constructs cultural representations of Brazil and Brazilians and on how these representations are reconstructed in the news when translated into Portuguese. The representations of Brazil selected for this study are: sensuality, violence, cordiality, optimism, low self-esteem, exoticism and corruption. The research reveals that, in dealing with cultural representations of Brazil which had been previously constructed in English, the translated new items also reiterate these representations in Portuguese. In this case, since the representations produce and convey representations to those who are represented by them, they also serve to perpetuate prevalent images in the Brazilian imagination, and may contribute to reconstruct, soften, or even reinforce such representations.

Keywords: Translations Studies, cultural representation, representation of Brazil, newspaper translation, *The New York Times*.

INTRODUÇÃO

Tradução como representação cultural e olhares sobre o Brasil. O título desta pesquisa adianta um pressuposto e o foco de análise. O pressuposto é o de que a tradução atua como uma forma de representação cultural e que ambas essas manifestações lingüísticas suscitam questões políticas e culturais.

O foco de análise são os olhares que se voltam para o Brasil. A respeito desses olhares, colocam-se as questões sobre para onde são dirigidos e de onde partem. Nesta pesquisa, os objetos olhados estão estreitamente relacionados entre si: o Brasil, os brasileiros, a cultura brasileira e, por vezes, o português falado no país. Os olhares enfocados são os de dois sujeitos principais. Um deles é o Outro, o norte-americano que, a partir do seu lugar e da posição que essa nacionalidade, essa cultura e a língua inglesa ocupam no cenário geopolítico atual, se põe a construir representações do Brasil e dos elementos que o ato de pensar sobre essa nação implica – é por meio da representação cultural que o Outro manifesta seu olhar.

Além dos olhares do estrangeiro, há a visão dos próprios brasileiros sobre si mesmos, seu país, língua e cultura. Dentre as diversas variáveis que influenciam esse olhar, que não se dá de maneira isolada, estão a maneira pela qual os discursos dos brasileiros sobre os brasileiros foram se fazendo desde a formação desse território como nação e de seus habitantes como povo, as circunstâncias históricas e políticas que se mostraram decisivas na construção das várias histórias brasileiras, os sentidos sobre esse povo veiculados pelo próprio imaginário brasileiro e aqueles que o imaginário estrangeiro alimenta sobre o Brasil. Nesta pesquisa, é principalmente por meio da tradução que se expressam os olhares dos brasileiros sobre sua própria cultura. A forma como a tradução manifesta essas interpretações também é, em parte, determinada pelo espaço em que se situam o Brasil, seu povo e cultura no jogo de

poder entre nações e pela relação que estabelecem com a hegemonia econômica, política e cultural norte-americana, pois, como afirma Arrojo (1997), a tradução inevitavelmente se inscreve num contexto político e histórico que atua sobre o espaço que as duas línguas e culturas envolvidas nessa atividade poderão ocupar e sobre as possibilidades que poderão considerar.

Os olhares desses dois sujeitos principais não ocorrem separadamente, cada um formando um campo de visão distinto e isolado. Pelo contrário, se entrecruzam, se influenciam e atuam na reconstrução um do outro, dependendo das maneiras como vão se configurando as práticas discursivas dos sujeitos que olham, dos que são olhados, e sobre os que são olhados. Em outras palavras, na representação cultural construída pelo estrangeiro, além de se revelar sua própria visão sobre o Brasil, também se evidencia a maneira como os brasileiros se vêem. Da mesma forma, a tradução pode veicular tanto os olhares dos brasileiros como os dos estrangeiros sobre o Brasil e seu povo.

Tendo como pano de fundo o texto jornalístico, esta pesquisa tem dois objetivos principais. Um deles é analisar questões culturais, políticas e lingüísticas decorrentes do processo em que uma cultura representa outra e em que esta se apropria daquela primeira representação e reconstrói sua própria representação de si mesma. Trata-se de verificar como um importante órgão da imprensa norte-americana, o jornal *The New York Times*, representa o Brasil em notícias sobre esse país para os leitores estrangeiros, majoritariamente norte-americanos. São enfocados quais os sentidos, imagens e estereótipos que o jornal reitera ao noticiar e representar o Brasil e os brasileiros, que tipo de leitura esse Outro faz do país, se envolve generalizações e visões negativas a respeito do país e seu povo.

O outro objetivo é investigar em que medida as traduções dessas notícias para o português, veiculadas pelo jornal eletrônico *Último Segundo*, do provedor IG, e pelo UOL, reconstroem ou não essa representação cultural e nacional para o povo brasileiro. Analisam-se

quais discursos, representações e identidades perceptíveis na imagem elaborada pelo Outro são reconstruídos e assumidos ou atenuados e rejeitados na tradução dos artigos jornalísticos. A partir disso, é possível perceber como o modo pelo qual as representações são tratadas nas traduções pode evidenciar a maneira como tais imagens tendem a ser consideradas pelas instituições envolvidas na circulação e recepção dessas notícias – a saber, as editorias dos *sites* brasileiros que as publicam – e que, de certa forma, dão voz aos discursos que circulam no imaginário do país. Considera-se ainda que essas notícias traduzidas tenham a possibilidade de atuar na disseminação de certas representações e até mesmo de determinados estereótipos, uma vez que é bastante expressiva a quantidade de pessoas que têm acesso a essas traduções, e que esses leitores, ao entrar em contato com as representações reconstruídas nos textos em português, podem passar a ser seus retransmissores em potencial.¹

Nos Estudos da Tradução é escasso o número de trabalhos que utilizam textos jornalísticos como corpus de pesquisa. A esse respeito, Delabastita (1990) lembra que a falta de trabalhos voltados para a tradução de mídia encontra-se relacionada ao fato de as Ciências Humanas tenderem a selecionar seus objetos de estudo segundo o nível de prestígio cultural atingido por esses objetos. Portanto, estaria aí um possível motivo pelo qual há poucos trabalhos sobre como a tradução de textos de menor prestígio no meio acadêmico, como o midiático, pode fazer circular representações culturais e contribuir para a reivindicação ou negação de identidades.

Considera-se que no texto jornalístico, material de consumo rápido e imediato, que se descarta e se renova diariamente – embora veiculando quase sempre as mesmas representações – moldam-se sentidos, culturas, relações hierárquicas e estabilizam-se

¹ Ainda que não seja possível determinar o número de acessos especificamente às traduções do UOL ou do *Último Segundo*, do provedor IG, as estatísticas gerais fornecidas por esses portais parecem significativas. O UOL tem cerca de 1,7 milhão de assinantes, o que significa que este é o número de pessoas que diariamente podem acessar as traduções do jornal, visto que são disponibilizadas apenas para assinantes. Ainda sobre o UOL, no primeiro semestre de 2007 esse portal teve média mensal de 10,5 milhões de acessos de visitantes distintos (*unique visitors*) domiciliares. O IG, por sua vez, também apresenta estatísticas expressivas, com uma média mensal de 8 milhões de acessos domiciliares.

estereótipos. É por isso que, de acordo com Delabastita (1990), a tradução da comunicação em massa desempenha papel determinante nas culturas e na relação entre elas.

Nesta pesquisa, a tradução participa de uma dinâmica de reconstrução, percepção e aceitação ou negação de identidades, pois é um dos meios pelos quais tal dinâmica se estabelece, e tem o poder de reconstruir representações de culturas, identidades culturais e fixar estereótipos (VENUTI, 2002). Assim, também se desenvolve a reflexão sobre a influência do fazer tradutório na maneira como um povo recebe determinadas representações que lhe atribuem identidades.

Para atingir os objetivos a que este trabalho se propôs, além de ter contado com as reflexões desenvolvidas pelos Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o percurso teórico fez-se a partir de duas outras áreas principais. A Antropologia auxiliou no tratamento de questões sobre a representação cultural e nacional, a identidade e o estereótipo. A Análise do Discurso Francesa (ADF)² forneceu trabalhos que, assim como aqueles da Antropologia, tratam da representação cultural, e contribuiu ainda com estudos que se voltam à análise do discurso jornalístico. Martins (2003) e Dota (2005), a partir do ponto de vista da ADF, também estudaram as representações culturais do Brasil no *The New York Times*. Embora não tenham trabalhado com a tradução das notícias, seus trabalhos contribuíram muito para esta pesquisa, já que iniciaram um caminho que começa a ser construído e trilhado para o estudo acerca da representação cultural do Brasil em notícias estrangeiras.

A interdisciplinaridade é um aspecto característico dos Estudos da Tradução. O mesmo ocorre nesta pesquisa, em que a interdisciplinaridade que marca a fundamentação teórica foi necessária devido à escassez de trabalhos acadêmicos que tratem das questões culturais da tradução de notícias ou de textos midiáticos, sendo os poucos trabalhos

² Alguns dos pressupostos teóricos deste trabalho que coincidem com os da vertente francesa da AD são, por exemplo, a consideração da história como fator determinante na construção e reiteração de certos discursos em determinadas condições políticas, culturais e sociais, a caracterização do sujeito de maneira muitas vezes semelhante à forma como o tradutor é visto nos Estudos da Tradução Pós-estruturalistas: um sujeito que não é uno e livre, mas influenciado pelos discursos que o cercam e pelo contexto em que vive.

encontrados nessa área o de Culleton (2005) e o de Zipser (2002). Assim, a articulação dos estudos do discurso jornalístico, da representação cultural e das teorias de tradução foi de importância fundamental para que se pudessem abranger as principais questões levantadas pela pesquisa.

Em relação aos estudos de Antropologia, por vezes será possível notar que suas referências às identidades do Brasil parecem demasiadamente homogeneizadoras, como se essas identidades não fossem várias e multifacetadas, mas maciças e homogêneas. O principal trabalho que, nesta pesquisa, demonstra esse tipo de olhar sobre o país é *The Brazilians* (1995), de Joseph Page. Assim, embora as declarações do autor sejam bastante homogeneizadoras, muitas vezes até estereotipadoras, e se distanciem da forma pela qual a questão da identidade é considerada nesta pesquisa, decidiu-se utilizar o trabalho de Page como uma forma de demonstrar que as representações do Brasil e dos brasileiros examinadas aqui circulam no imaginário sobre o país e são freqüentemente reiteradas por estrangeiros e brasileiros.

No que se refere à coleta de dados, as notícias publicadas pelo *The New York Times* sobre o Brasil foram acessadas em meio eletrônico, no site do jornal, <http://www.nytimes.com>. A seleção do corpus foi iniciada em outubro de 2005 e, a princípio, encerrada em maio de 2006. No entanto, há notícias datadas de junho de 2007 que foram consideradas relevantes para a pesquisa, tendo sido adicionadas ao corpus de análise.

As traduções dessas notícias foram encontradas também na internet, no jornal *Último Segundo* (http://ultimosegundo.ig.com.br/new_york_times) e no provedor UOL (<http://www.uol.com.br/jornais>). O *Último Segundo*, embora freqüentemente faça traduções parciais dos artigos, traduz diariamente um número consideravelmente maior de notícias que o UOL, de forma que a maioria das notícias analisadas conta somente com a tradução do

primeiro jornal. Nos casos em que o UOL também disponibilizou a tradução, ambas foram utilizadas na análise.

Foram escolhidas notícias que tivessem como tema geral o Brasil, mas que também apresentassem algum nível de representação cultural do país ou do povo brasileiro. Percebeu-se que o que tendia a ocorrer não era, por exemplo, apenas uma caracterização pontual da política ou da cultura, mas sim a reiteração de diversas representações em notícias de vários assuntos. Por isso, não se restringiu a escolha das notícias a um tema específico como, por exemplo, política, economia ou cultura, já que, numa só notícia, puderam ser encontradas representações de diferentes identidades atribuídas ao Brasil e aos brasileiros.

Os tipos de representações encontradas coincidem com determinadas imagens comumente relacionadas aos brasileiros e, dessa forma, optou-se por agrupar as ocorrências em que foram percebidas representações relacionadas a imagens semelhantes. Assim, trechos pertencentes a notícias distintas podem ser encontrados em um mesmo subgrupo, da mesma forma como passagens de uma mesma notícia podem aparecer em subgrupos diferentes. Com esse procedimento de organização pretende-se demonstrar como as notícias traduzidas podem contribuir para a continuidade de certas representações ou, em caso contrário, desafiá-las.

Foram cinco os grupos de representações do Brasil e dos brasileiros reconhecidos nas notícias e objetos de análise nesta pesquisa: “A sensualidade e a beleza”; “A violência”; “A cordialidade, o otimismo e a baixa auto-estima”; “O Brasil como paraíso natural e país exótico” e “A corrupção”. A escolha das representações analisadas aqui foi determinada pela frequência com que eram percebidas nas notícias selecionadas. Durante o período de coleta dos dados, realizou-se a leitura das notícias relacionadas ao Brasil que o *The New York Times* publicava e, a partir daí, as representações mais frequentes começaram a indicar os grupos que poderiam ser formados com o corpus coletado. Outras representações culturais que não

constam na pesquisa foram encontradas, embora em número de casos insuficientes para configurar um capítulo de análise.

No que se refere à apresentação da análise do corpus, os jornais *The New York Times*, *Último Segundo* e as traduções desse primeiro retiradas do provedor UOL são designados, no decorrer da análise, respectivamente por *NYT*, *US* e UOL. Os trechos selecionados do *The New York Times* apresentam numeração seqüencial entre parênteses e as respectivas traduções adotam os mesmos números dos excertos em inglês. Ao fim de cada recorte segue a informação sobre o jornal do qual o trecho foi retirado e a data de disponibilização da notícia. O UOL informa o nome do tradutor ao fim de cada tradução, enquanto o *Último Segundo* não traz tal informação.

Como se disse anteriormente, o jornal *Último Segundo* muitas vezes apresenta apenas traduções parciais das notícias que traduz. As notícias utilizadas nas análises que trouxeram traduções parciais trazem tal indicação. Nos casos em que os excertos contam apenas com tradução desse jornal e esta for parcial, quando forem comentados trechos não traduzidos, as traduções disponibilizadas serão de responsabilidade da pesquisadora. O mesmo ocorre com citações em língua estrangeira.

Os trechos não são necessariamente apresentados em ordem cronológica. Nos fragmentos em que a análise estiver relacionada a termos ou expressões pontuais, tais elementos são sublinhados.

No Capítulo 1, são detalhados os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa, articulando-se reflexões sobre a representação cultural e nacional, a estereotipação e a construção de identidades, os mecanismos do discurso jornalístico para a veiculação de avaliações, e sobre os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade. No segundo capítulo, iniciam-se as análises, com a representação da sensualidade e da beleza, em que se evidencia como sentidos relacionados a esses dois aspectos são atribuídos aos brasileiros pelas notícias

e predominantemente reconstruídos pela tradução. No Capítulo 3, estuda-se a representação da violência que, suavizada pela tradução, é colocada como um comportamento inerente aos brasileiros. O quarto capítulo trata da representação da cordialidade, do otimismo, mas também da baixa auto-estima, como traços naturais ao povo, e em sua maior parte reafirmados na tradução. No Capítulo 5, analisa-se a representação do Brasil como paraíso natural e país exótico, em que o exotismo é relacionado tanto ao país como ao povo, numa interpretação acolhida pela tradução. No Capítulo 6, a representação estudada é a da corrupção, em que a tradução suaviza a forma como o *NYT* enfatiza essa prática em relação ao Brasil.

Esta pesquisa não objetiva realizar avaliações positivas ou negativas das traduções analisadas ou do trabalho dos tradutores responsáveis por elas, mas sim evidenciar que, independente de julgamentos de valor, essas reescritas sofrem e exercem influências diversas da cultura em que são produzidas e consumidas.

CAPÍTULO 1

REPRESENTAÇÃO CULTURAL, DISCURSO JORNALÍSTICO E TRADUÇÃO: INTER-RELAÇÕES

Neste trabalho, a representação cultural, o discurso jornalístico e a tradução são relacionados e entendidos como manifestações lingüísticas que, ao se cruzarem, atuam na reconstrução, atribuição e percepção de identidades. Não se toma como pressuposto que essas manifestações atuem numa seqüência fechada, em que uma se inicia quando a anterior termina, mas, ao contrário, considera-se que estabelecem uma relação dinâmica. No entanto, para os fins de exposição da fundamentação teórica, a representação cultural, o discurso da mídia jornalística e o papel da tradução como reconstrutora de identidades serão, a princípio, tratados de forma separada.

Este capítulo divide-se em três seções. Na seção 1.1, com base nos estudos de Hall (1996, 1997a, 1997b e 2002) e Rajagopalan (2002), primeiramente se trata da representação cultural e nacional e de como essas formas de representação constroem identidades e estereótipos nacionais; em 1.2, a partir do pensamento de Mariani (1998) e Dota (2005), verifica-se como funcionam o discurso jornalístico e seu poder de reproduzir discursos institucionais e reafirmar representações culturais; o item 1.3 trata do poder exercido pela tradução tanto na representação cultural e nacional como na retomada de identidades nacionais, segundo Venuti (2002), Simon (2000), Carbonell (1996) e, especificamente sobre a tradução jornalística, Culleton (2005) e Zipser (2002).

1.1 Representação cultural, identidade nacional e estereótipo

Antes de tratar especificamente da questão da representação cultural, parece relevante explicitar qual a noção de linguagem verbal que norteia a pesquisa, uma vez que tal concepção acaba determinando a maneira como a própria representação é pensada neste trabalho. Não se considera a linguagem verbal como uma atividade neutra, mas complexa e heterogênea, em que sentidos são construídos na sua produção e na sua interpretação. Entende-se que a interação é um aspecto muito importante da linguagem e que nenhuma manifestação lingüística ocorre no vazio, mas num contexto histórico, cultural e social concreto em que é inevitável a interpretação dos sujeitos envolvidos na interação. Considera-se que sujeito e linguagem não se separam e, sendo assim, é por meio da linguagem que os sujeitos estabelecem sua relação entre si e com o mundo. A relação obrigatória entre sujeito, contexto e linguagem exclui a possibilidade de a linguagem ser uma atividade objetiva e implica a admissão de que a subjetividade é intrínseca a qualquer realização lingüística. Essa mesma relação torna necessário considerar, de antemão, que a linguagem nunca retrata a realidade, mas a refrata.

A representação, por sua vez, sendo uma manifestação de linguagem, também não espelha o mundo, mas constrói dele interpretações. Para Hall,

Damos sentido às coisas pela forma como as *representamos* – as palavras que usamos sobre elas, as histórias que contamos a seu respeito, as imagens que delas produzimos, as emoções que lhes associamos, as maneiras como as classificamos e conceitualizamos, os valores que lhes atribuímos. (HALL, 1997a, p. 3)³

³ “[...] we give things meaning by how we *represent* them - the words we use about them, the stories we tell about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them, the ways we classify and conceptualize them, the values we place on them”.

A noção de representação ainda é considerada, por alguns, unicamente como ato de espelhamento. Essa maneira de definir a representação como espelhamento ou “retrato fiel” leva à ilusão de que qualquer sistema de representação pode depreender, de forma imediata, a realidade exterior representada, ou seja, que a realidade seria facilmente redutível a quaisquer sistemas de representação, que funcionariam sempre de forma objetiva, sem influência da subjetividade inerente a qualquer atividade humana.

No entanto, com o desenvolvimento de estudos na Pós-Modernidade, um considerável número de estudiosos vem trazendo à tona a visão de que a representação não é uma atividade objetiva e alheia à filiação cultural e política daquele que representa, mas um processo em que tais fatores inevitavelmente direcionam o ato de representar e, por meio dele, se revelam. Conforme a citação de Hall (1997a), acima, o ato de representar sempre acompanha a atribuição de sentidos e interpretações. Tais sentidos atribuídos pela representação não são estanques, de forma a significarem por si só e sem deslizamento – mas estão sempre estabelecendo numerosas relações entre si e com o objeto da representação.⁴ Hall (1997a, p. 9-10) afirma que

logo se descobre que o sentido [...] não sobrevive intacto à passagem pela representação. É escorregadio, modificando e deslocando-se com o contexto, o uso e as circunstâncias históricas. Assim, o sentido nunca se encontra permanentemente fixado. Está sempre adiando ou “diferindo” de seu encontro com a Verdade Absoluta.⁵

Como o autor ressalta, as diversas formas de atribuir sentido se revelam também formas de representar: palavras, histórias e emoções associadas ao que é representado, formas

⁴ Por “objeto” de uma representação, tem-se em mente aquilo que é representado, aquilo a que representação atribui sentidos: um povo, uma nação, uma etnia, um gênero etc.

⁵ One soon discovers that meaning [...] does not survive intact the passage through representation. It is a slippery customer, changing and shifting with context, usage and historical circumstances. It is therefore never finally fixed. It is always putting off or ‘deferring’ its rendezvous with Absolute Truth.

de explicar e classificar, atribuir valores – todos esses processos atuam na reconstrução de trilhas para o pensamento sobre aquilo que é representado. Esses caminhos relativamente pré-estabelecidos podem orientar a reflexão sobre o objeto da representação, de forma que, quanto mais se constroem representações de um determinado objeto, mais fácil vai se tornando a associação a uma série de relações todas as vezes em que, em algum lugar, alguém se põe a pensar nesse objeto. A rede de representações já realizadas funciona assim como um banco de dados, de sentidos, que é diversas vezes disponibilizado para orientar novas representações a respeito desses objetos.

As representações culturais que, por serem construídas a partir desses caminhos pré-estabelecidos, parecem mais cristalizadas, são chamadas nesta pesquisa de “imagens”. Esse termo é entendido como efeito de uma determinada representação cultural, como aquilo que a representação pode estabilizar, dependendo dos aspectos que a orientam. Da mesma forma como aqui não se entende “representação” como “retrato fiel” de um povo ou cultura, a noção de imagem também não é utilizada nesse aspecto, revelando-se sempre como algo construído e moldado pelas representações.

Aquelas representações que, por vezes reunindo os mesmos sentidos, criam uma trajetória relativamente direcionada para o pensamento sobre algo, atuam de forma ainda mais incisiva quando a representação em questão é uma representação cultural. Tal expressão é entendida, neste trabalho, de forma ampla, compreendendo-se por representação cultural as representações de um país, de um povo, de uma etnia, de um gênero, ou ainda de algum aspecto ou costume relacionado a uma determinada cultura.

Uma das questões que o ato de olhar um povo ou cultura considerados subordinados envolve é que o poder associado à atividade de representar pode vincular, ao que é representado, sentidos ligados à inferioridade, à estranheza, ao atraso. Em outras palavras, muitas vezes, numa representação, a diferença é vista de forma pejorativa. Para Hall (1997b,

p. 226), “a representação é uma prática complexa e, especialmente ao lidar com a ‘diferença’, envolve sentimentos, atitudes e emoções e mobiliza temores e desejos do observador”.⁶ A complexidade de tratar da diferença, numa representação cultural, está relacionada à possibilidade de o contato do observador com a diferença do que ou de quem é observado incluir, ao mesmo tempo, sentimentos de atração e rejeição. Se, por um lado, o autor da representação se sente, em determinado nível, atraído pela nação, povo ou cultura que está representando – um dos motivos pelos quais se propõe a interpretar o Outro – por outro lado a diferença de um modo de ser e de viver distintos causa também um estranhamento que pode se converter em repulsa. Esse último sentimento é possibilitado porque a diferença do Outro evidencia formas que desafiam os padrões intelectuais, políticos, estéticos e culturais aos quais o observador está acostumado, aqueles vigentes no contexto considerado por ele familiar, aceitável e normal.

Especialmente no caso de a representação ser realizada por um observador vindo de uma cultura hegemônica e observar um povo considerado subordinado, a partir do choque entre práticas e vivências distintas surge a necessidade de afirmação por parte daquele que representa e o estabelecimento de regras de classificação dos seus valores e dos valores do Outro. Essa classificação, em que os valores familiares figuram sempre numa posição privilegiada em relação aos estrangeiros, freqüentemente se dá por meio de oposições binárias: de um lado, os valores do observador vindo de uma cultura hegemônica e, do outro, os do observado, muitas vezes pertencente a uma cultura periférica. A respeito das oposições binárias, Hall (1997b, p. 235) diz que

também estão abertas à pena de serem reducionistas e simplificadas – varrendo todas as distinções em sua rígida estrutura bipartida. [...] Um pólo é

⁶ “Representation is complex business and, especially when dealing with ‘difference’, it engages feelings, attitudes and emotions and it mobilizes fears and anxieties in the viewer, at deeper levels than we can explain in a simple, common-sense way”.

normalmente a parte dominante, aquela que inclui a outra em seu campo de atuação. Há sempre uma relação de poder entre os pólos de uma oposição binária.⁷

Hall (1997b) afirma ainda que os sentidos mobilizam sentimentos negativos, positivos e contraditórios que colocam nossas identidades em debate. De forma semelhante, esses debates podem originar sérias conseqüências, pois os sentidos, estando inscritos em relações de poder, definem o que é normal (quem pertence a um grupo) e o que não é (quem não pertence, quem é excluído). O autor chama a atenção para a forma como nossas vidas são moldadas, dependendo de quais sentidos, dentre as oposições seguintes, estão em jogo, e em quais circunstâncias: “homem/mulher, negro/branco, rico/pobre, homossexual/heterossexual, jovem/idoso, cidadão/estrangeiro” (HALL, 1997a, p. 10).⁸

Com base na relação de poder mencionada por Hall, também outras classificações hierárquicas facilmente se estabelecem no contexto da representação cultural: ocidental/oriental, europeu/não-europeu, civilizado/selvagem, contemporâneo/primitivo, moderno/antigo, desenvolvido/atrasado. Muitas vezes, numa representação cultural (e como será possível notar em alguns casos da análise), pode-se perceber o realce implícito da diferença entre o observador e o observado, marcação que é freqüentemente realizada com base em oposições binárias. Entende-se que, principalmente quando se tem envolvida na representação cultural o exercício de poder ou algum tipo de hegemonia de uma parte em relação a outra, esse tipo de divisão explicitado acima emerge, de forma que o autor da representação – influenciado pelo imaginário de seu próprio país – possa, mesmo que involuntariamente, reafirmar sua superioridade e autoridade sobre aquele que se mostra diferente.

⁷ “[binary oppositions] are also open to the charge of being reductionist and over-simplified – swallowing up all distinctions in their rather rigid two-part structure. [...] One pole of the binary is usually the dominant one, the one which includes the other within its field of operations. There is always a relation of power between the poles of a binary opposition”.

⁸ “male/female, black/white, rich/poor, gay/straight, young/old, citizen/alien”.

Outro mecanismo freqüentemente acionado quando da afirmação do observador sobre a inferioridade do observado é algo que Hall (1997b) chama de naturalização da diferença. Para Hall (1997b), se as diferenças culturais são situadas como resultantes de processos históricos e sociais distintos, estão abertas a mudanças, e a cultura do observado tem a possibilidade de não ocupar, necessariamente, uma posição subordinada em relação à cultura do observador. Mas se, pelo contrário, tais diferenças são lidas como naturais, significa que se encontram fora do alcance da história, sendo vistas como permanentes e estáveis. Por meio da interpretação das diferenças do Outro como inerentes e irremediáveis, o autor da representação, provido de poder e conhecimento, ratifica a diferença hierárquica que os separa, como algo não passível de ser modificado.

A “naturalização” é, portanto, uma estratégia representacional projetada para *fixar* a “diferença” e então *assegurá-la para sempre* [...] é uma tentativa de deter o “deslizamento” de sentido para garantir o “fechamento” discursivo e ideológico. (HALL, 1997b, p. 245)⁹

Neste trabalho, também com base em Hall (1997a, 1997b), entende-se que a representação cultural e nacional muitas vezes possibilita a atribuição de identidades nacionais, já que essas representações colocam em circulação sentidos que coincidem com aqueles que são associados às identidades de um povo. O autor (1997a, p. 3) relaciona sentido e identidade da seguinte forma:

sentido é o que nos dá a sensação de nossa própria identidade, de quem somos e a quem ‘pertencemos’ – está, assim, ligado a questões de como a

⁹ “‘Naturalization’ is therefore a representational strategy designed to *fix* ‘difference’, and thus *secure it forever*”. “It is an attempt to halt the inevitable ‘slide’ of meaning, to secure discursive or ideological ‘closure’”.

cultura é utilizada para delimitar e manter a identidade no interior de um grupo ou a diferença entre grupos.¹⁰

De forma semelhante a Hall, Rajagopalan (2002) considera que é por meio da representação que as identidades são afirmadas e reivindicadas. Sendo assim, a representação cultural e os sentidos que veicula são vistos como um dos meios pelos quais se chega à criação e atribuição de identidades. O conceito de identidade é visto, neste trabalho, da maneira como tem sido considerado nos estudos contemporâneos. Hall (2002, p. 12) afirma que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] É definida historicamente, e não biologicamente” e que “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”. Rajagopalan (2002, p. 77) pensa na identidade como “um construto e não algo que se encontra por aí *in natura*”, como “algo em constante processo de (re)construção”. A partir dessas formas de abordar a noção de identidade, nesta pesquisa parte-se do princípio de que a identidade é múltipla, passível de sofrer modificações, sensível às formas como se dão as representações culturais a seu respeito e às imagens que elas criam.

Ao situar-se a formação das identidades numa dinâmica em que o modo como se dão as práticas de representação a respeito de um determinado grupo social tem influência sobre as maneiras como esse mesmo grupo social representa a si mesmo, torna-se possível considerar que a representação cultural é dinâmica. Devido a esse caráter dinâmico da representação cultural, os discursos e sentidos sobre a identidade de um povo veiculados por essa mesma nação, por suas instituições sociais, ou pela história, podem ser apreendidos pelo

¹⁰ “Meaning is what gives us a sense of our own identity, of who we are and with whom we ‘belong’ – so it is tied up with questions of how culture is used to mark out and maintain identity within and difference between groups”.

olhar de um observador estrangeiro – o autor da representação cultural – e podem assim influenciar os discursos que esse observador construirá em torno do grupo social observado. Certas identidades reiteradas a partir dessa observação podem ser aceitas e reivindicadas por esse grupo, que, compartilhando tais sentidos entre si, possivelmente refletem tais identidades aos olhos de outros observadores, que constroem outras representações em concordância com as identidades previamente fornecidas, e assim por diante. Hall (1996, p. 4) defende ainda que

[as identidades] surgem da narrativização do sujeito, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo de forma alguma enfraquece seu efeito discursivo, material ou político, ainda que o pertencimento, a “costura na história”, por meio da qual as identidades emergem, encontre-se, parcialmente, no imaginário (assim como o simbólico) e, assim, sempre parcialmente construída na fantasia.¹¹

Considera-se que as formas interdependentes – a linguagem, a representação cultural, o discurso, a história, o imaginário – pelas quais a sociedade pode reproduzir suas experiências culturais e sociais fazem com que essa atividade tenha determinados efeitos políticos e culturais. Tais efeitos dependem, em grande parte, de quem está representando a si mesmo, de como ocorre essa representação, bem como de quem realiza a representação do Outro, e da forma que o faz.

A questão da formação das identidades nacionais é de grande importância neste trabalho, uma vez que aqui se lida com determinadas identidades do povo brasileiro. Considera-se que as identidades desse povo, assim como de outras nacionalidades, tiveram sua construção na própria memória da nação, nos discursos que desde cedo a circundam e que vão, assim, elaborando um repertório de representações que, posteriormente, podem tomar a

¹¹ [...] [The identities] arise from the narrativization of the self, but the necessarily fictional nature of this process in no way undermines its discursive, material or political effectivity, even if the belongingness, the “suturing into the story” through which identities arise is, partly, in the imaginary (as well as the symbolic) and therefore, always, partly constructed in fantasy”.

forma de imagens mais estáveis e de identidades a serem reivindicadas ou, em menor frequência, rejeitadas. A associação direta entre a construção dessas identidades e eventos históricos não é realizada neste trabalho, já que, conforme Hall (1996), é também no imaginário que se dão construções identitárias, não sendo diferente com as identidades nacionais. No entanto, Hall (2002) lembra que ainda é possível encontrar muitas representações culturais ou nacionais em que os elementos essenciais do caráter nacional são colocados como imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Para o autor, por meio dessas representações, infere-se que o caráter nacional estaria lá desde a criação da nação, unificado, contínuo, e imutável ao longo de todas as mudanças. Para Hall,

uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. A identidade nacional é uma comunidade imaginada. (HALL, 2002, p. 50-51)

Especificamente no que se refere às identidades brasileiras, como se poderá ver no item a respeito da representação do Brasil como paraíso natural e país exótico, autoras como Chaui (2000) e Orlandi (2001) identificam, respectivamente, um mito fundador e um discurso fundador. Grosso modo, esses conceitos se referem às imagens a respeito do Brasil e dos brasileiros que foram construídas antes mesmo do descobrimento da terra nova e dos seus habitantes. As fantasias e aspirações criadas pelos europeus a respeito de um mundo desconhecido, dado o descobrimento do Brasil, foram aplicadas ao país e ao povo daqui e permanecem até hoje. Hall (2002, p. 55), de maneira mais geral, também identifica esse tipo específico de discurso sobre uma nação, ao chamar a atenção para o fato de que outro

exemplo de narrativa da cultura nacional é a do *mito fundacional*: uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”.

Assim, as representações e identidades criadas pelo mito fundacional (ou fundador) ou pelo discurso fundador, ao localizar as origens do povo e de seu caráter nacional num passado distante, muitas vezes anterior à própria formação da nação, atribuem a esse caráter um aspecto tradicional, sedimentado, até mesmo inerente e imutável.

Um dos efeitos da criação e atribuição de um conjunto de identidades fechadas – como o caráter nacional – a um povo é o inevitável apagamento das suas diversidades, sejam elas sociais, culturais ou étnicas. Nessas representações, cabem e são reiteradas apenas as identidades já reconhecidas como pertencentes ao caráter nacional, sendo as demais apagadas da representação. Hall (2002, p. 59) diz que

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.

Outro possível desencadeamento da prática de representar as identidades nacionais de maneira fechada e homogênea é que essas representações podem ser apreendidas de forma tão simplificada e homogeneizada que deslizam para o estereótipo. A partir daí, atingem um tal nível de aparente estabilidade, imutabilidade e reiteração nos discursos correntes que se torna mais difícil o questionamento dessa representação e das identidades advindas dela. Hall (1997) afirma que

os *estereótipos* buscam poucas características “simples, vívidas, notáveis, facilmente apreensíveis e largamente reconhecidas” de uma pessoa, *reduzem* tudo a respeito dessa pessoa a esses traços, os *exageram* e *simplificam*, e então os *fixam* sem modificações ou desenvolvimento por toda a eternidade (HALL, 1997, p. 258).¹²

Assim, conforme Hall (1997), neste trabalho o estereótipo é entendido como simplificação, generalização, homogeneização, exagero. Não se questiona se as imagens construídas pelos estereótipos são condizentes ou não, verídicas ou inverídicas, mas se foca no poder que a estereotipação tem de manter estáveis certas representações. Da mesma forma como a representação das identidades nacionais como um conjunto totalmente coeso apaga a diversidade e a heterogeneidade de qualquer sociedade, excluindo da representação idealizada todos os discursos que não caibam nesse conjunto fechado e pré-delimitado, o estereótipo também tem o poder de ocultar aspectos que divergem dos já estabelecidos e escolhidos para representar um povo. Assim, a diversidade discursiva é negada, uma vez que aquilo que não serve ao estereótipo, sendo um elemento estranho, não corrobora e pode “atrapalhar” o funcionamento das representações estereotipadas na definição de nações e nacionalidades. Para Hall (1997b, p. 258),

outro aspecto da estereotipação é a prática do “fechamento” e da exclusão. Esse ato simbolicamente fixa limites e exclui tudo aquilo que não pertence. [...] Em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social. Estabelece uma fronteira imaginária entre o “normal” e o “desvio”, o “normal” e “o patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “pertence” e o que não pertence, ou é “Outro”, entre “conhecido” e “intrusos”, Nós e Eles.¹³

¹² “*Stereotypes* gets hold of the few ‘simple, vivid, memorable, easily grasped and widely recognized’ characteristics about a person, *reduce* everything about the person to those traits, *exaggerate* and *simplify* them, and *fix* them without changes or development to eternity”.

¹³ “Another featuring of stereotyping is its practice of ‘closure’ and exclusion. It symbolically fixes boundaries, and excludes everything which does not belong. [...] in other words, is part of the maintenance of social order. It sets up a symbolical frontier between the ‘normal’ and the ‘deviant’, the ‘normal’ and the ‘pathological’, the ‘acceptable’ and the ‘unacceptable’, what ‘belongs’ and what does not or is ‘Other’, between ‘insiders’ and ‘outsiders’, Us and Them”.

A questão do estereótipo ganha importância nesta pesquisa pelo fato de grande parte das principais representações culturais, imagens e identidades atribuídas aos brasileiros poderem ser consideradas estereótipos desse povo. O estrangeiro, um Outro considerado cultural e economicamente superior, ao representar o Brasil e seu povo pode facilmente retomar e reforçar estereótipos. Os brasileiros, ao aceitarem e reafirmarem tais representações e imagens estereotipadas, podem dar sua própria contribuição para a estabilidade dos estereótipos a seu respeito.

1.2 Discurso jornalístico e poder

Neste item procura-se evidenciar como o discurso jornalístico, ao utilizar seu papel de referência na construção de textos¹⁴ que direcionam a opinião dos leitores em determinados sentidos, atua na veiculação de representações e das identidades construídas por elas. O objetivo também é ressaltar que os jornais podem atuar na manutenção ou na mudança social, já que influenciam a cultura na qual são produzidos. Na produção das notícias analisadas nesta pesquisa, o funcionamento desse discurso ocorre em dois momentos. O primeiro é quando o *NYT*, ao publicar notícias sobre o Brasil, retoma algumas representações culturais do país e o discurso midiático influencia na forma como essas representações são retomadas; o segundo momento é aquele em que os *sites* jornalísticos brasileiros elaboram os artigos para sua veiculação em português.

No que se refere às prescrições em relação ao fazer jornalístico, ainda faz parte das recomendações de manuais de estilo, bem como das qualidades que certos jornais se auto-atribuem, a total imparcialidade no relato dos fatos. Essa imparcialidade é vista, por alguns,

¹⁴ Considera-se o discurso jornalístico como um *tipo de discurso* (Maingueneau, 2006). Em contraposição, o texto jornalístico é entendido como o produto ou a materialização desse tipo de discurso.

tanto como recomendação em relação à atividade jornalística, como um aspecto que qualquer jornal reconhecido deva apresentar. Nessa prescrição, ignora-se a inevitável leitura interpretativa que, intrínseca a toda manifestação de linguagem verbal, obviamente se faz presente no ato de noticiar.

Embora essa corrente de pensamento ainda encontre adeptos, já há uma forte tendência a se reconhecer a atuação dos mecanismos utilizados pelo jornalismo na produção de efeitos de verdade e no direcionamento de seus leitores a determinados sentidos. Dota (2005, p. 1) sustenta que os textos da mídia “constituem versões da realidade que dependem de posições sociais, interesses e objetivos daqueles que o produzem”. Também a respeito da ilusão da objetividade criada pelo discurso jornalístico, Mariani (1998, p. 60) afirma que

[...] o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão.

Na produção de textos que sejam lidos como verdade, cria-se um efeito de distanciamento por parte do jornalista que, embora dando a impressão de ser um “observador imparcial”, insere sua opinião por meio da avaliação implícita dos fatos ou elementos noticiados. Tratando especificamente dessa atuação no campo político e chamando a atenção para a mudança na forma como se vê a questão da (im)parcialidade da mídia, Mariani afirma que “nos dias de hoje, não se nega mais a atuação da mídia, em geral, e também da imprensa, mais especificamente, nas situações em que ocorre a tomada de decisões políticas” (MARIANI, 1998, p. 59). Assim, a proclamada “objetividade” do jornalismo deve ser entendida sempre como um efeito, algo que parece ser buscado e, nesse sentido,

[...] a “objetividade” dos fatos, ie, sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de um imaginário constituído. Sendo assim, ao relatar os acontecimentos os jornais já estão exercendo uma determinação nos sentidos. (MARIANI, 1998, p. 63)

A autora levanta um aspecto relevante para este trabalho, que é a influência do imaginário no ato de noticiar, de forma semelhante a que, na representação e atribuição de identidades, o imaginário nacional fornece os sentidos reiteradamente atribuídos por essas manifestações lingüísticas. A atitude interpretativa e avaliadora, inevitável a esse tipo de discurso, não significa necessariamente uma atitude deliberada por parte dos jornalistas. Embora em alguns momentos possa ser este o caso, na maioria das vezes, o que parece ocorrer é que os sentidos e discursos abrigados pelo imaginário no qual o jornalista se insere, além de influenciar as instituições produtoras das notícias, emergem na escrita desse profissional. Esse processo, bem como a freqüente não-percepção desse efeito por parte do jornalista, são lembrados por Mariani que, citando Barthes (1978),¹⁵ confirma que

essas questões, que são da ordem do funcionamento da língua, envolvem tanto o sujeito produtor da notícia quanto o receptor. [...] A língua nos “obriga a dizer”, como afirmou Barthes (1980), mas seu efeito é provocar em nós a ilusão inversa, ou seja, de que a dominamos. (MARIANI, 1998, p. 65)

Do mesmo modo que, para a autora, o produtor da notícia pode não perceber que os discursos que circulam no imaginário de um povo se inserem na construção de seu texto, também o leitor comumente não tem tal percepção, devido ao envolvimento histórico em que se encontra, à impressão que tem de estar fazendo uma leitura literal em que os sentidos captam a essência dos fatos e também à imagem de imparcialidade da escrita jornalística. Mariani ressalta ainda que

¹⁵ BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

a ideologia da transparência dos sentidos da linguagem comparece sempre e de diferentes maneiras, produzindo o efeito de literalidade, ao mesmo tempo em que apaga o processo de imposição hegemônica de uma determinada interpretação. (MARIANI, 1998, p. 67)

A autora lembra que a associação entre o efeito de verdade e a informação está relacionada, por um lado, à “ilusão referencial da linguagem” e, por outro, ao próprio processo histórico de constituição da prática jornalística.

Os procedimentos lingüísticos utilizados para produzir efeitos de verdade sem que as avaliações sejam explícitas são vários, passando pela nomeação, designação e predicação, dentre outros. Esses procedimentos quase sempre aparecem como formas neutras, não chamam a atenção para si, mas a maneira como são encadeados ao longo de um texto e ao longo de várias notícias relacionadas acaba construindo uma forma de representação do assunto tratado, e que orienta representações futuras. É a reiteração desses procedimentos que leva o leitor a estabelecer as mesmas avaliações implicitamente estabelecidas pelo veículo de comunicação. Para Mariani (1998, 226), “nas denominações se depreende o encontro da língua com a ideologia” e o ato de os jornais nomearem, criarem explicações e “digerirem” o fato cria um processo de encadeamento em que há a ilusão de uma relação direta entre as causas e as conseqüências dos fatos ocorridos.

Outro aspecto do discurso jornalístico, além do inevitável direcionamento interpretativo e opinativo, é sua estreita relação com a manutenção do poder e da estabilidade de instituições e de práticas dominantes. Não poderia ser diferente, considerando-se que a imprensa, também uma instituição, relaciona-se com outras instituições sociais e, assim, freqüentemente põe-se a serviço da manutenção do vínculo entre certos grupos sociais e essas entidades, podendo contribuir para o não-questionamento de suas práticas e para a manutenção dos discursos predominantes que as orientam.

A respeito da relação entre o discurso jornalístico e o poder, Mariani (1998, p. 63) sustenta que o que constitui uma propriedade do discurso jornalístico

é a sua submissão ao jogo das relações de poder vigentes, é a sua adequação ao imaginário ocidental de liberdade e bons costumes. [...] Estas propriedades [...] estão no cerne da produção jornalística: são aspectos invariantes de qualquer jornal de referência.

O jogo de poder que, permeando esse tipo de discurso, orienta a escolha de determinados temas a serem noticiados, ao mesmo tempo em que retiram outros da pauta, direciona o público em relação a certos debates e, similarmente, desvia sua atenção de outros eventos que ou não são noticiados ou, de acordo com a avaliação dos responsáveis pela edição dos jornais, merecem menos espaço e menos aprofundamento no noticiário. Dessa forma, pretende-se explicitar que desde o espaço disponibilizado para que o jornalista desenvolva determinado assunto, até o título escolhido e as associações realizadas no texto, são decisões que podem sofrer influência dos interesses institucionais da própria imprensa, bem como de outros órgãos ou setores sociais. No que se refere à seleção de pautas a serem veiculadas e ao direcionamento de sentidos em prol da manutenção de práticas e de poder, Mariani (1998, p. 82) afirma que

[...] noticiar, no discurso jornalístico, é tornar os acontecimentos visíveis de modo a impedir a circulação dos sentidos indesejáveis, ou seja, determinar um sentido, cujo modo de produção pode ser variável conforme cada jornal, mas que estará sempre submetido às injunções das relações de poder vigentes e predominantes.

Assim como Mariani (1998), Dota (2005) também chama a atenção para o papel que as instituições dominantes em certa cultura têm na inserção ou apagamento (por meio do não-debate) de certos discursos. Também para a segunda autora, as

instituições que produzem e divulgam notícias são social, econômica e politicamente situadas e, por essa razão, suas produções textuais (re)produzem interesses e visões que interferem na estruturação da sociedade. (DOTA, 2005, p.1)

Conforme lembra Mariani (1998), embora o discurso jornalístico obtenha um relativo sucesso no ato de conduzir a determinadas leituras, construir representações e veicular discursos que favoreçam determinados setores sociais, esses fins nunca são totalmente alcançados. A impossibilidade de sucesso pleno se dá graças ao deslizamento dos sentidos, à dissonância dos discursos e também à subjetividade intrínseca ao ato de leitura, que dá ao público a possibilidade de construir interpretações distintas daquelas (propositalmente ou não) sugeridas pelo texto jornalístico.

1.3 Tradução, representação cultural e a formação de identidades nacionais

O aporte teórico dos Estudos da Tradução desta pesquisa baseia-se na noção de que a tradução não é um processo neutro, em que são postas em diálogo duas línguas ou culturas de mesmo status. Pelo contrário, a questão da assimetria existente entre diferentes línguas, países e culturas é de especial interesse para os estudos da área, uma vez que, por um lado, a tradução há séculos tem desempenhado o papel de sustentar esse desequilíbrio e que, por outro, também é capaz de questioná-lo.

A prática tradutória foi e é de fundamental importância no estabelecimento e manutenção do poder que, em diversos momentos da história, principalmente em situações de domínio colonial e neocolonial, uma cultura exerce(u) sobre outra. Por extensão, a atuação da tradução é decisiva também em outros contextos em que se pode perceber algum tipo de

relação (ou tensão) entre dominantes/centrais/hegemônicos de um lado, e dominados/periféricos/subordinados, de outro, sejam quais forem os aspectos que essa relação assuma.¹⁶

As culturas envolvidas no processo de tradução neste trabalho caracterizam esse tipo de situação, já que a cultura brasileira, que nos primeiros tempos se orientava segundo os ecos da cultura portuguesa, veio posteriormente a se inspirar na cultura de outros países europeus e, por fim, mais recentemente, absorve vários aspectos da cultura norte-americana. A esse respeito, Skidmore (1994), afirma que, já no fim do século XIX, a influência econômica portuguesa sobre o Brasil era insignificante, e que o país e o português brasileiro nessa época conquistaram independência política, cultural e lingüística de Portugal, passando então a sofrer influência de outros países europeus, como a Inglaterra, no âmbito econômico, e a França, no aspecto cultural (SKIDMORE, 1994). Ainda segundo o autor, é nas três últimas décadas do século XIX que a influências desses dois países estrangeiros passam a ser desafiadas pelos Estados Unidos, graças a sua economia crescente. Skidmore (1994) lembra que, ao passo que crescia o comércio norte-americano com o Brasil, a elite brasileira começava a voltar sua atenção às idéias, às instituições, à sociedade e à cultura norte-americanas. Como resultado desse processo, o Brasil e o português brasileiro passam, no momento, pela influência cultural e econômica exercida pelos Estados Unidos e pela língua inglesa. Ainda que não se trate de ver os brasileiros como receptores passivos da dominação estrangeira, a relação entre os países, culturas e línguas nos quais as traduções analisadas aqui se inserem e são produzidas não deixa de revelar um contexto de desequilíbrio, e é importante pensar no papel da tradução nesse diálogo assimétrico.

¹⁶ Na literatura, os termos “dominante”, “central” e “hegemônico(a)” são utilizados em contextos similares e referem-se a países e culturas considerados pontos de referência no cenário internacional, fonte inspiradora para outras nações, ou que exercem algum tipo de influência (lingüística, cultural, política ou econômica) sobre essas últimas. De forma semelhante, as adjetivações “dominado(a)”, “periférico(a)” e “subordinado(a)” designam países ou culturas que, de certa forma, são atingidos e influenciados por alguma forma de poder do primeiro grupo.

Um dos principais teóricos que têm como objeto de estudo o lugar da tradução nas práticas de dominação entre culturas, Venuti, em *Escândalos da Tradução* (2002), denuncia a forma como a tradução há muito tem sido utilizada como instrumento político e ideológico no estabelecimento de cânones e na reconstrução de representações de culturas estrangeiras, dentre outros contextos. O autor afirma que “a tradução é particularmente reveladora das assimetrias que têm estruturado as relações internacionais durante séculos” e que “[...] a tradução é uma prática cultural que está profundamente implicada nas relações de dominação e dependência, igualmente capaz de mantê-las ou interrompê-las” (p. 297). Embora se reconheça que a tradução possa questionar as relações de domínio entre culturas, não se considera, no entanto, que tal capacidade do ato de traduzir se equipare à força da tradução de manter tais relações. Isso se daria, dentre outros fatores, porque a prática da tradução em prol da continuidade do exercício da dominação parece mais sedimentada e porque a tradução é uma prática invisível (VENUTI, 2002), o que faz com que o questionamento dessa prática por meio da própria tradução enfrente maior dificuldade. O poder da tradução de “penetrar nas relações geopolíticas” (VENUTI, 2002, p. 130) e de reiterar as representações culturais de uma nação em relação a outra constrói uma barreira imaginária, mas eficaz, que auxilia na permanência das assimetrias. De um lado, está a cultura dominante, com sua hegemonia assegurada pela história. De outro, subordinada a esta primeira e influenciada por dela, em vários sentidos, a cultura periférica, que muitas vezes coincide com países que, em algum momento de sua história, foram colonizados.

Venuti (2002, p. 351) afirma que “[...] a autoridade cultural e o impacto da tradução variam de acordo com a posição de um determinado país na economia geopolítica”. Isso significa que, quando na tradução está envolvida uma língua ou uma cultura que, durante algum período, foi considerada subordinada, o fato de o país periférico em questão ter deixado de ser colônia há vários séculos ou apenas recentemente não modifica muito sua

posição subalterna em relação aos países centrais. No jogo de poder que caracteriza as relações internacionais, salvo raras exceções, dificilmente o passado colonial se apaga, as marcas que parecem atribuir a essas nações um caráter permanentemente fraco e dependente seguem impressas, na verdade, no olhar dos países economicamente poderosos, não os deixando olhar para essas ex-colônias como, de fato, ex-colônias. Num raciocínio semelhante, Venuti diz que

o que permanece intocado é o uso das práticas tradutórias que estabelecem uma relação hierárquica entre línguas maiores e línguas menores, entre culturas hegemônicas e subalternas. As traduções desencadeiam um processo de formação de identidade, no qual o colonizador e o colonizado, a empresa multinacional e o consumidor local, estão em posição desigual. (VENUTI, 2002, p. 311)

Assim, da mesma forma como a tradução atuou em diversas situações na formação de línguas, culturas e literaturas nacionais, agregando a essas nações que se formavam valores e ideais advindos de uma cultura de antemão imposta como superior, ou original (oposta à cultura nova e derivada que então se formava), passados alguns séculos a prática tradutória ainda é utilizada no mesmo sentido. A tradução continua mantendo hierarquias tradicionais e sedimentadas desde o período colonial, em que, segundo Simon (2000), funcionava como uma expressão do poder cultural do colonizador. Nos diálogos atuais entre línguas e culturas, embora não se tenha mais “colonizadores” e “colonizados”, no sentido estrito dos termos, novos participantes assumiram essas posições, criando novos diálogos que, ainda assim, não desestabilizam as assimetrias sedimentadas. Em outras palavras, embora os participantes do diálogo mediado pela tradução não sejam mais os mesmos (como Brasil/Portugal, ou México/Espanha, por exemplo), as posições não se alteraram, aqueles que eram vistos como a “periferia do mundo” continuam sendo vistos assim, em relação aos hegemônicos atuais (Brasil/Estados Unidos, ou México/Estados Unidos).

Nos novos contextos, fica mais fácil entender como as hierarquias se mantêm, tendo em mente que países cultural e economicamente dominados por outro muitas vezes realizam a prática ostensiva de tradução a partir da língua dominante: a dominação cultural é estreitamente relacionada à troca unilateral. Esse aspecto é também enfatizado por Venuti (2002), que verifica que o volume de importação e tradução de livros ou outros produtos culturais estrangeiros para o inglês norte-americano é muito baixo. Pelo contrário, os Estados Unidos exportam muitos produtos culturais para países influenciados por sua cultura, língua e poder econômico, e esses bens são assimilados pelo público estrangeiro por meio da tradução.

Assim, nota-se que um volume de tradução consideravelmente maior é feito na direção *culturas/línguas hegemônicas* → *culturas/línguas subordinadas*, de onde se depreende que uma maior concentração de tradutores parece se encontrar nesse segundo grupo. Simon (2000) sustenta que muitos tradutores vivem em países periféricos, que historicamente ocupam posições às margens do poder e que, quando, além disso, tais países são marcados por um passado colonial, o trabalho desses tradutores pode evidenciar as marcas dessa relação desigual, salientada pela exposição diária aos conflitos da troca lingüística assimétrica.

Tendo-se em mente que parece ser realizado um volume maior de traduções em culturas que são vistas como periféricas e que têm o hábito de importar e assimilar produtos culturais estrangeiros, que serão submetidos à tradução para consumo do público doméstico, pode-se entender que a direção na qual se dá esse processo facilita que a tradução continue corroborando práticas de dominação. A tradução, assim como em outros tempos, ainda é utilizada para trazer e disseminar, nos países subordinados, determinados sentidos, discursos e representações produzidos numa cultura hegemônica e que, naturalmente, servem aos interesses dessa mesma cultura.

Considera-se que a assimetria entre a cultura do tradutor e aquela produtora do texto a ser traduzido gera efeitos na escrita tradutória. Esses efeitos são entendidos aqui como fatores

que orientam os tradutores inseridos em contextos como os mencionados por Simon (2000) a adotarem práticas que reproduzem e continuam a relação de dominação dos valores da cultura hegemônica em relação àqueles da cultura local.

Outro efeito, de certa forma também relacionado à manutenção do domínio cultural, é apontado por Venuti (2002, p. 131): a formação de identidades culturais, que se pode dar de várias maneiras. Duas delas, segundo o autor, são a formação de uma representação doméstica para determinadas traduções e a formação de um público doméstico para essas traduções.

[...] uma vez que as traduções são geralmente destinadas a comunidades culturais específicas, elas iniciam um processo ambíguo de formação de identidade. Ao mesmo tempo em que a tradução constrói uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela também constrói um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica.

O poder que a tradução exerce na reconstrução e reivindicação de identidades culturais é de fundamental importância nesta pesquisa, visto que aqui a tradução muitas vezes reassume e veicula, para os brasileiros, identidades culturais a seu respeito que tanto existem no imaginário estrangeiro sobre o Brasil como no próprio imaginário nacional. Tem-se aí também a formação de sujeitos domésticos, ou uma representação cultural desses sujeitos, de forma semelhante a que Venuti (2002) afirma que “a tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de ‘espelhamento’ ou auto-reconhecimento: o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou a leitora se reconhece na tradução” (p. 148).

Venuti (2002) sustenta ainda que o reconhecimento doméstico provocado por certas estratégias tradutórias simboliza também posições ideológicas que, ao transmitirem certos valores, crenças e representações, freqüentemente se colocam a serviço dos interesses de certos países (muitas vezes aqueles produtores do texto a ser traduzido) ou mesmo de grupos sociais domésticos. No caso de essas traduções serem abrigadas por instituições políticas ou

sociais (como o Estado ou a imprensa, como é o caso aqui) “o processo de formação de identidade representado por um texto traduzido afeta de modo potencial a reprodução social, proporcionando um sentido do que é verdade, do que é bom e possível” (VENUTI, 2002, p. 149).

A reconstrução de representações culturais e identidades realizadas pela tradução, além de freqüentemente continuar a dominação cultural, já que dissemina discursos que interessam e beneficiam grupos ou nações hegemônicas, pode ainda reforçar essa dominação por meio de uma prática ainda mais difícil de ser revertida: a reconstrução de estereótipos culturais. A estereotipação de um país ou de um determinado grupo nacional atua facilmente na manutenção do poder realizada pelo discurso tradutório. Isso ocorre porque, ao fixar ainda mais determinados sentidos em relação aos sujeitos subordinados, a tradução dá seqüência a representações que não cessam de colocar esse Outro considerado subalterno como inferior, atrasado, exótico, dentre outros estereótipos comuns. Venuti (2002) afirma que a estereotipação está potencialmente envolvida na representação de qualquer cultura estrangeira. A respeito do papel desempenhado pela representação e pela criação de estereótipos na forma como as culturas são lidas, Carbonell (1996) sustenta que

a representação, a estereotipação, estratégias de significação e poder: a rede na qual uma cultura é colocada e moldada de fato aparece como uma textura de signos ligados por infinitas conotações e denotações, um sistema de sentidos de complexidade inextricável que é refletida, desenvolvida e registrada no ato multi-fatorial da escrita. Se a cultura for concebida em termos lingüísticos, o contexto no qual um texto é produzido é de máxima importância para qualquer teoria de crítica cultural que procure esclarecer o movimento de significação que se estabelece na semiótica de mundos exóticos e espaços estranhos, reais ou fantásticos. (CARBONELL, 1996, p. 81)¹⁷

¹⁷ “Representation, stereotyping, strategies of signification and power: the network in which a culture is fashioned does appear as a texture of signs linked by endless connotations and denotations, a meaning system of inextricable complexity that is reflected, developed and recorded in the multifarious act of writing. If culture is conceived of in linguistic terms, the context in which a text is produced is of the utmost importance to any theory of cultural criticism that seeks to clarify the movement of signification that takes place in the semiotics of exotic worlds and alien spaces, real or fantastic”.

A união das manifestações lingüísticas mencionadas pelo autor multiplica o poder de cada uma delas e leva o que é construído por essa junção a adquirir valor de verdade, e, assim, ganhar força para orientar, determinar e manter relações que se revelam quase sempre as mesmas, entre culturas “maiores” e “menores”.

Nesta pesquisa, representações de uma cultura periférica são construídas por uma cultura hegemônica; passam pelo discurso jornalístico do país dominante para então serem submetidas simultaneamente à tradução e a outro discurso jornalístico, ambos processos inscritos na mesma cultura subordinada, possibilitando, a seu povo, a visão de como o Outro hegemônico o vê.

No que se refere à maneira como a tradução jornalística é vista neste trabalho, considera-se que tanto a tradução como o discurso jornalístico orientam os aspectos que determinam a forma como se dá essa prática. Procura-se demonstrar que as representações e os discursos que circulam no imaginário do Brasil emergem na escrita tradutória, como emergem em qualquer outra escrita.

Culleton (2005) realizou um estudo sobre a tradução de notícias e as percepções do autor podem ajudar a esclarecer como se dá essa prática. A pesquisa do autor concentrou-se em traduções jornalísticas do espanhol para o português, e Culleton percebeu que os jornais que publicam notícias traduzidas oferecem, de maneira geral, duas diferentes condições de trabalho a quem realiza as traduções. Há aqueles que não dispõem de um profissional cuja única função seja traduzir, e que, quando há algum artigo a ser traduzido, um jornalista é chamado a interromper sua atividade para realizar a tradução da notícia, em pouco tempo e pressionado pelo horário de fechamento da edição. Em outros casos, aparentemente menos comuns, as traduções são realizadas por um profissional que faz dessa sua ocupação única. Para Culleton (2005, p. 33),

a automatização [da imprensa] também afeta o jornalista-tradutor, que deve fazer o seu trabalho dentro do contexto das redações. Este fator, acrescido à comum sobrecarga de trabalho, provoca um sentimento de rotina e automatismo que pode prejudicar a qualidade da tradução.

Para o autor, o fator da urgência caracteriza a tradução de notícias, já que, muitas vezes, os responsáveis pela tradução são os próprios jornalistas, que são obrigados a cumprir os rigorosos horários do fechamento das edições. Além da questão do tempo, os jornalistas que são também tradutores se submetem ainda a outras coerções, como o espaço disponível para a reportagem, que depende do que a editoria disponibiliza para publicar o material recebido, além de critérios políticos e jornalísticos. Dentre os critérios políticos, semelhantes àqueles apontados por Mariani (1998), que cerceiam a atividade de qualquer jornalista e naturalmente se impõem também à atividade dos tradutores de notícias, Culleton (2005) menciona linhas editoriais, proprietários de jornais, políticos, *lobbies*, “que influenciam e condicionam a inclusão ou exclusão de determinadas matérias” (p. 48), assim como outros processos de decisões sobre a apresentação das notícias, como “a publicabilidade, segundo a ideologia dominante [...], reforçada pelos ‘anseios’ dos donos dos meios de comunicação” (p. 83).

A forma como Culleton (2005) caracteriza as condições de trabalho de quem traduz notícias permite notar que os cerceamentos característicos da atividade jornalística impedem que se possa atribuir somente aos tradutores a responsabilidade pela veiculação ou não das representações estudadas a seguir.

Ter em vista que a escrita dos tradutores é atravessada por vários discursos institucionais, e que isso se reflete na reconstrução ou rejeição das representações culturais do Brasil perceptíveis nas notícias analisadas aqui, reforça o argumento desta pesquisa de que a tradução é uma forma de representação cultural. Ainda que se considere a escassez de tempo

como um dos fatores que influenciam o texto final das traduções, o papel do imaginário não se apaga, pois neste tipo de contexto o imaginário nacional também atua com mais força: se o escritor (neste caso, o jornalista e o tradutor) não monitora demasiadamente o que escreve, parece facilitar a entrada de discursos e representações em sua escrita. Assim, o tradutor, como sujeito historicamente envolvido, tem em sua escrita a influência das representações culturais e dos discursos alimentados pelo imaginário nacional, da mesma forma como a tradução, formadora de identidades culturais, produz efeitos em seu texto. Como diz Zipser (2002), ao lidar com a tradução de um fato jornalístico, o tradutor utilizaria um “filtro cultural” criado pela cultura de chegada para reconstruir ou restringir a representação realizada no texto original, como se, diante dos olhos do tradutor, se colocassem os “óculos” da cultura que receberá a tradução, metáfora que pode ser associada ao que aqui se chama de imaginário nacional.

Embora esta pesquisa considere e dê relevância ao papel do imaginário nacional no direcionamento da escrita tradutória, não se trata de assumir que o tradutor, ainda que sujeito historicamente envolvido, seja completamente assujeitado. Tal postura significaria, conforme Possenti (1995), atribuir todo o lugar e todos os papéis aos discursos que atravessam o sujeito e negar-lhe qualquer atividade, equívoco que o autor considera um retorno à simplificação – apenas invertida – da noção do sujeito cartesiano, fonte de todo seu dizer. Em consonância com o pensamento de Possenti (1995), Brunelli (1999, p. 124) afirma que

o sujeito não é, portanto, nem senhor nem escravo da língua, mas um trabalhador bastante competente, capaz de realizar uma série de tarefas com a linguagem [...] em função de determinados objetivos, dentro dos limites impostos pela autonomia do sistema lingüístico e por todo o contexto sócio-histórico que o cerca.

A maneira pela qual Possenti (1995) e Brunelli (1999) reconhecem que a atuação dos discursos não elimina a atuação do sujeito auxilia a esclarecer a forma como se vê o papel do tradutor neste trabalho. Ainda que, por se inserir num espaço limitado por fatores sociais,

históricos e econômicos, esse profissional não possa realizar uma escrita livre, na qual decida por sua isenção ou participação, vista como “manipulação deliberada” (FROTA, 2000, p. 63), o tradutor é um sujeito que, sem dúvida, realiza trabalhos e manobras com a língua e com a linguagem. Não é possível determinar a participação exata de cada um desses dois fatores – os discursos que cercam o tradutor e sua capacidade de agir por meio da linguagem – no processo de tradução, mas é certo que, na prática quotidiana, esses dois aspectos se conjugam, atuam e não se dissociam.

CAPÍTULO 2

A REPRESENTAÇÃO DA SENSUALIDADE E DA BELEZA

A seguir são analisadas as maneiras pelas quais as construções da imagem do povo brasileiro como um povo sensual são tratadas nas traduções. A sensualidade é freqüentemente atribuída aos brasileiros e, como confirma Chaui (2000, p. 8), “há, assim, a crença generalizada de que o Brasil [...] tem um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor”. Essa crença parece permear tanto o imaginário estrangeiro sobre o país como o imaginário dos próprios brasileiros, podendo-se tratar de uma representação compartilhada.

Por vezes a imagem da sensualidade exuberante aparece expandida do povo para o próprio país, o que caracteriza uma personificação. Como se demonstrará também, em parte dos fragmentos analisados a imagem de sensualidade vem associada a aspectos como a hipocrisia e a beleza.

Os primeiros trechos referem-se a uma notícia publicada na data de 27 de abril de 2006, e traduzida apenas pelo *US* a respeito do lançamento do livro *O Doce Veneno do Escorpião* (2006),¹ autobiografia da ex-garota de programa Rachel Pacheco, conhecida como Bruna Surfistinha. O título da notícia, de autoria de Larry Rohter, e sua tradução são, respectivamente:

- (1) She Who Controls Her Body Can Upset Her Countrymen (*NYT*, acesso em: 27 abr. 2006)

¹ SURFISTINHA, Bruna. *O doce veneno do escorpião*. São Paulo: Panda Books, 2005.

Ela, que controla o próprio corpo, pode irritar seus compatriotas (US, acesso em: 27 abr. 2006)

Na época da publicação desta notícia, Bruna já era bastante conhecida no Brasil por meio da mídia. No entanto, o mesmo não necessariamente ocorria nos Estados Unidos, onde provavelmente os leitores pouco ou nada sabiam sobre ela ou seu livro. Assim, esse título, em que não consta o nome de Bruna nem a informação de que é brasileira, funciona também para apresentar aos leitores norte-americanos a mulher que é tema da notícia. No decorrer do artigo, Bruna é apresentada aos leitores estrangeiros por meio de uma caracterização que a coloca como uma brasileira que controla o próprio corpo. Essa caracterização que o *NYT* realiza, na notícia como um todo, é mais marcante quando lida pelos leitores estrangeiros pois, para eles, a informação de que Bruna controla seu corpo (o que configura uma representação da liberação sexual) alia-se ao dado de que é uma mulher brasileira quem tem esse comportamento.

A representação de Bruna, para o leitor estrangeiro, acaba abrangendo as mulheres brasileiras como um todo, numa generalização: as mulheres brasileiras podem assim ser interpretadas como sexualmente independentes e liberais. Isso ocorre porque o público que se depara com uma representação cultural de um povo ou país estrangeiro tende a generalizar o que lê, o que parece ser um efeito típico desse tipo de representação. Assim, os leitores norte-americanos possivelmente realizam generalizações a respeito do que lêem sobre o Brasil com maior facilidade que os brasileiros.

Na tradução do exemplo (1), embora a caracterização de Bruna seja semelhante a que ocorre no texto em inglês, apenas o fato de ela ter poder sobre o próprio corpo é percebido com maior ênfase, de forma que a representação da sensualidade é mais suave para os brasileiros que para os estrangeiros. Como será possível perceber em vários outros exemplos, o fato de os brasileiros estarem mais próximos e terem mais conhecimento sobre o objeto da

representação cultural parece levar esse público a generalizar menos o que lê sobre seu próprio país. Assim como no texto em inglês, o título da tradução também prepara a argumentação contra a imagem da liberação sexual no Brasil, que será desenvolvido no decorrer do texto. No entanto, como se verá adiante, devido à tradução parcial que o *US* realiza desta notícia, no texto em português essa discussão não é suficientemente desenvolvida.

A seguir tem-se uma passagem na qual Rohter fala dos efeitos causados pelo *blog* que Bruna mantinha na internet e pela publicação de seu livro.

- (2) By going public with her exploits, she has also upended convention and set off a vigorous debate about sexual values and practices, revealing a country that is not always as uninhibited as the world often assumes (*NYT*, acesso em: 27 abr. 2006)

Tornando públicas as suas façanhas, ela também subverteu convenções e abriu ala a um vigoroso debate sobre valores e práticas sexuais, revelando um país que não é sempre desinibido como o mundo freqüentemente pensa ser (*US*, acesso em: 27 abr. 2006)

No texto em inglês, a constatação da possibilidade de a desinibição sexual do Brasil – e não de seu povo – não ser tão abrangente como se supõe prepara a discussão que se seguirá e que colocará tal liberação sexual em dúvida. No entanto, considera-se que o *NYT*, ao colocar esse assunto em pauta, de certa forma também reitera a imagem da liberação sexual associada aos brasileiros e ao Brasil. A respeito da personificação do povo brasileiro pelo país, pode-se considerar tal procedimento lingüístico bastante comum quando se trata de noticiar fatos sobre uma determinada nação. No entanto, no momento em que representações culturais e nacionais são realizadas, tais personificações desempenham um papel distinto do que se tem

numa notícia como “*Italy Arrests 2 In Kidnapping Of Imam in ‘03*”.² Neste exemplo, a substituição de “*Italian police*”, por exemplo, por “*Italy*” parece não constituir uma personificação que acabe atribuindo uma representação cultural, uma identidade ou ainda um estereótipo a determinada nação, como ocorre em (2). No caso da notícia em questão, a escolha de “*a country that is not always as uninhibited*” em detrimento de “*people that is not always as uninhibited*” contribui para a generalização da imagem de desinibição e da liberação sexual como traços tão característicos do povo brasileiro que terminam por “contaminar” o Brasil.

Na tradução, a representação da liberação sexual também é construída e, de forma semelhante ao texto do *NYT*, nota-se a personificação do povo pelo país. O efeito desse procedimento, para o leitor brasileiro, é a reafirmação de que tal desinibição, embora seja menos difundida do que aparenta ser, de fato é de tal forma característica a esse povo que chega a qualificar o Brasil. Uma vez que a tradução desta notícia é incompleta, ou seja, que o leitor brasileiro não tem acesso ao debate elaborado por Rohter, o texto em português acaba contribuindo para que essa representação seja reforçada.

A questão da imagem da hipocrisia relacionada à sexualidade, apenas sugerida na passagem anterior, começa a ser delineada mais explicitamente na seguinte passagem:

- (3) At book signings, Ms. Pacheco said, “80 percent of the public is women, which I didn’t expect at all,” because most of the readers of her blog appeared to be men, including customers who “wanted to see how I had rated their performance.” As she sees it, the high level of female interest in her sexual experiences reflects a gap here between perceptions about sex and the reality (*NYT*, acesso em: 27 abr. 2006)

Pacheco afirmou que “80% do público é composto por mulheres, coisa que de forma alguma esperava acontecer” já que a maior parte dos leitores de seu blog parecia ser de

² Notícia publicada pelo *The New York Times* em 6 de julho de 2006.

homens, inclusive clientes que “queriam ver como classifiquei o desempenho deles”. Sob o seu ponto de vista, o alto índice de interesse feminino sobre suas experiências sexuais reflete uma brecha entre o entendimento do sexo e a realidade (US, acesso em: 27 abr. 2006)

Embora haja uma exceção, de forma geral Bruna é tratada, no *NYT*, por “Ms. Pacheco” – a exceção refere-se ao exemplo (7), quando é chamada de “Bruna”. Na tradução do US, não é utilizado nenhum dos pronomes de tratamento femininos do português e, assim como no texto em inglês, Bruna é chamada de Pacheco no texto traduzido. Ainda que, no Brasil, escritores sejam normalmente chamados pelo sobrenome, o caso de Bruna é especial pois, antes mesmo de se lançar como escritora, já era conhecida como Bruna Surfistinha. Arrojo (1992) afirma que as convenções contextuais estabelecidas pela comunidade cultural receptora da tradução muitas vezes são parâmetros adequados na orientação de escolhas tradutórias. Isto significa que o tradutor pode, ao realizar determinada escolha, dar preferência a termos ou expressões já construídos e consagrados pelo uso dessa comunidade. Assim, no caso deste artigo, percebe-se que se referir à autora de *O Doce Veneno do Escorpião* (2006) como “Bruna”, “Bruna Surfistinha” ou, até mesmo, “Surfistinha”, causaria reconhecimento imediato por parte dos leitores brasileiros, já que é por meio dessas formas que esse público a conhece. A princípio, os leitores brasileiros não teriam referencial algum para o sobrenome “Pacheco”, o que faz com que a tradução, ao referir-se a Bruna Surfistinha por meio desse sobrenome, cause estranhamento ao leitor brasileiro.

Em relação à sugestão de que há um distanciamento entre os valores que regem a prática sexual e o que se diz ou se aparenta a respeito dessa prática no Brasil, percebe-se que a idéia de repressão relacionada à postura em relação à sexualidade no país não é nova no imaginário estrangeiro. Joseph Page, antropólogo norte-americano, afirma, em seu livro *The Brazilians* (1995), que

[...] a tão divulgada sensualidade que o Brasil parece exalar – e que atinge sua apoteose no frenesi do Carnaval do Rio – de fato oculta atitudes repressivas e reprimidas em relação ao sexo que permeiam grande parte da sociedade brasileira. (PAGE, 1995, p. 3)³

Como se pode perceber no recorte do *NYT*, a imagem da hipocrisia é construída por meio de um discurso atribuído a uma brasileira (“*as she sees it*”), que perceberia uma brecha entre “*perceptions about sex and the reality*”. Na tradução, a percepção da hipocrisia também é atribuída a Bruna.

Na próxima passagem a construção da imagem da hipocrisia novamente aparece na voz da brasileira.

- (4) “I think there’s a lot of hypocrisy and a bit of fear involved,” she said. “Brazilian women have this sexy image, of being at ease and uninhibited in bed. But anyone who lives here knows that’s not true” (*NYT*, acesso em: 27 abr. 2006)

“Eu acho que existe muita hipocrisia e um pouco de medo envolvidos”, disse ela. “As mulheres brasileiras recebem essa imagem sensual, de serem fáceis e desinibidas na cama. Mas qualquer um que viva aqui sabe que isso não é verdade” (*US*, acesso em: 27 abr. 2006)

Não será considerado relevante nesta análise o fato de uma determinada representação encontrar-se em discurso direto ou indireto. Para os fins desta pesquisa interessa mais saber na voz de quem aparece a representação, se na de um brasileiro – como é o caso dos exemplos (3) e (4) – ou na de um estrangeiro, freqüentemente o autor da notícia. Esse procedimento de

³ “[...] the well publicized sensuality that Brazil seems to exude – and that reaches its apotheosis in the frenzy of the annual Carnival in Rio – in fact hides the repressive and repressed attitudes about sex that permeate much of Brazilian society”.

não estabelecer uma diferença significativa entre discurso direto e indireto baseia-se no pensamento de Maingueneau (1997), para quem o discurso direto

[...] freqüentemente é oposto, de forma um pouco ingênua, ao discurso indireto, alegando que ele pretende reproduzir literalmente as alocações citadas; seria mais exato ver nele uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta [...]. Ele não é mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação. (MAINGUENEAU, 1997, p. 85)

Ainda segundo o autor, o fato de um locutor (neste caso, o jornalista) apenas relatar as asserções de um terceiro, em lugar de garanti-las pessoalmente, permite crer que ele não poderia, por si só, afirmar tal verdade. Tal impossibilidade pode dever-se tanto ao fato de o enunciador não acreditar totalmente na asserção, como também permite que possa ocultar-se por trás desse terceiro, já que essa é uma maneira de sugerir seu ponto de vista, sem necessariamente responsabilizar-se por isso. Ainda que se considere que, nos casos (3) e (4), a fala de Bruna possa ter sido traduzida para o inglês, essa última hipótese pode ser verificada uma vez que é o jornalista estrangeiro quem, ao deslocar o discurso da brasileira e inseri-lo num novo contexto – uma discussão sobre a aparente hipocrisia dos brasileiros em relação à sexualidade – constrói essa representação.

Para Maingueneau (1997, p. 86), está aí a ambigüidade do distanciamento, na qual “o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como um não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção”. No caso dos excertos (3) e (4), essa “autoridade” que protege a afirmação é uma mulher brasileira, o que garante confiabilidade à sua afirmação, já que essa se refere às mulheres de sua própria nacionalidade.

Também a respeito do uso do discurso relatado, mas tratando especificamente desse uso em textos jornalísticos, Mariani (1998) afirma que tal prática teria se disseminado a partir das décadas de 40 e 50, a fim de dar a impressão de que os fatos e os sujeitos falam por si,

demarcando fronteiras entre discursos diferentes, dando a impressão de que o locutor-jornalista se apaga. Assim, para a autora, a reprodução das falas seria utilizada com o intuito de indicar dizeres sobre os quais os jornais supostamente não teriam responsabilidade.

Ainda em relação ao caso (4), no texto em inglês, lê-se, na voz de Bruna que as mulheres brasileiras têm (“*have*”) a imagem de serem sexy, sentirem-se confortáveis (“*at ease*”) e desinibidas na cama. Na tradução, lê-se que as brasileiras *recebem* essa imagem. Ainda que tanto os atos de ter como o de receber uma determinada imagem possam indicar que tal imagem foi atribuída por outros, o texto em português, por meio do uso do verbo “receber” permite depreender uma atitude mais passiva das mulheres brasileiras em relação a essa atribuição. Além disso, no texto em português, “*at ease*” é traduzido por “fáceis”, o que reforça a imagem da liberação sexual em relação à mulher brasileira. Assim, se de um lado esse estereótipo é mais evidente no original em inglês, em que essa imagem parece inerente (elas a *tem*, e não a *recebem*), por outro, o texto em português reforça a representação realizada em (4) e a torna mais pejorativa, visto que sentir-se confortável, desinibida na cama é menos negativo que ser considerada uma mulher fácil.

A tradução dessa notícia para a língua portuguesa, publicada no *US*, encerra-se nesse ponto. No restante da notícia em inglês, continua sendo construída a imagem do Brasil como um país sensual, imagem que em nenhum momento é questionada por Rohter. O que é questionado de maneira mais enfática a partir deste ponto é o estereótipo da liberação sexual, e, a partir daqui, a exposição que visa a desmascarar essa imagem é bastante desenvolvida, e o jornalista norte-americano passa a trazer várias vozes que – atuando como autoridades – fundamentam essa discussão. Para o leitor brasileiro, a notícia termina de maneira relativamente abrupta, e na tradução a que ele tem acesso esse questionamento é apenas sugerido, sem ser suficientemente desenvolvido.

A seguir são apresentados e comentados mais alguns trechos da notícia em inglês que demonstram a maneira como o *NYT* prossegue sua composição do Brasil. Na passagem seguinte, se firma a discussão em relação à hipocrisia que, segundo a notícia, permearia a postura dos brasileiros em relação à sexualidade.

- (5) That a woman is now talking and behaving as Brazilian men often have may also offend some. Roberto da Matta, a leading anthropologist and social commentator, noted that even though role reversals were an important part of Carnival, other areas of Brazilian life, including sexual relationships, could be quite rigid and hierarchical. Under the system of machismo that prevails in Brazil and other Latin American countries, “only a man has a right to command his own sex life, and that control is seen as a basic attribute of masculinity”, he explained. “So when a young, attractive, intelligent woman appears and says she is a prostitute, you have a complete inversion of roles, leaving men fragile in a terrain where she is the boss, not them” (*NYT*, acesso em: 27 abr. 2006)⁴

A respeito do Carnaval e da hipocrisia relacionada à sexualidade, a fala de da Matta, um antropólogo brasileiro, pode ser relacionada a outro atributo comumente associado ao Brasil: a contradição. Martins (2003, p. 160), em estudo sobre a representação do Carnaval no imaginário norte-americano, pesquisa em que utilizou também notícias do *NYT* e o trabalho de Page (1995), percebe nesse corpus a “representação do carnaval brasileiro como um período do ano que se opõe ao cotidiano”. Conforme notou Martins, para da Matta, a subversão dos valores, comum no carnaval, não desfaz a rigidez que caracteriza os papéis masculino e feminino no Brasil. Aqui é apresentado, pela primeira vez, um discurso que não o

⁴ (5) O fato de que agora uma mulher está falando e agindo como os homens brasileiros pode ter ofendido alguns. Roberto da Matta, antropólogo atuante e analista social, nota que, ainda que inversão de papéis seja um importante aspecto do Carnaval, outras situações da vida brasileira, incluindo os relacionamentos sexuais, podem ser bastante rígidos e hierárquicos. No sistema machista que prevalece no Brasil e em outros países da América Latina, “somente um homem tem o direito de comandar sua própria vida sexual e esse controle é considerado um atributo básico da masculinidade”, ele explica. “Então, quando uma mulher jovem, atraente e inteligente aparece e diz que é uma prostituta, tem-se uma completa inversão de papéis, que deixa os homens frágeis num ambiente em que ela domina, não eles”.

de Bruna na tentativa de desestabilizar a imagem da liberação sexual. As declarações realizadas pelo antropólogo atuam na representação dos brasileiros como machistas, na estabilização da noção de que a discrepância entre o Carnaval e o cotidiano comum no Brasil é um indicador de hipocrisia, bem como enfatiza a idéia da imobilidade que caracteriza o papel do homem e da mulher na sociedade brasileira. Essas inferências criadas pelo discurso de da Matta dão embasamento à bem elaborada discussão apresentada ao longo da notícia por Rohter. É importante perceber que os nomes chamados a essa discussão possivelmente são interpretados, pelo leitor norte-americano e pelo brasileiro (se a notícia tivesse tradução integral) como de maior peso em relação à fala de Bruna, uma vez que se tratam de antropólogos – exemplos (5) e (6).

No fragmento a seguir, quem fala é mais um antropólogo, dessa vez norte-americano.

- (6) “Brazil is a country of contradictions, as much in relation to sexuality as anything else”, said Richard Parker, a [Columbia University](#) anthropologist who is the author of *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual culture in contemporary Brazil*, and has taught and worked here. “There is a certain spirit of transgression in daily life, but there is also a lot of moralism” (NYT, acesso em: 27 abr. 2006)⁵

Aqui, segundo o antropólogo Parker, essa contradição brasileira se evidencia de forma idêntica tanto nas questões referentes à sexualidade como em qualquer outro campo. As informações relacionadas a Parker, como a universidade em que trabalha, o livro que publicou⁶ a respeito da sexualidade no Brasil e o fato de haver trabalhado e lecionado no país atuam dando credibilidade e autenticando suas palavras: ele sabe o que fala sobre o Brasil

⁵ (6) “O Brasil é um país de contradições, tanto em relação à sexualidade como em relação a qualquer outro assunto”, disse Richard Parker, um antropólogo da Universidade de Columbia, autor de *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual culture in contemporary Brazil* [*Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*] e que trabalhou e lecionou aqui. “Há um certo espírito de transgressão na vida cotidiana, mas há também muito moralismo”.

⁶ PARKER, Richard. *Bodies, pleasure and passions: Sexual culture in contemporary Brazil*. s.l.: Beacon Press, 1991.

porque viu tudo de perto, conhece o país e as pessoas, presenciou seu comportamento em relação à sexualidade. Aliada a tudo isso, a fala de Parker, tanto em relação à contradição que não se restringiria às questões sexuais, como no que se refere à menção ao moralismo, auxilia na autenticação de seu discurso.

O exemplo a seguir traz informações polêmicas que parecem deixar de lado, por um momento, o questionamento proposto por Rohter.

- (7) As a result, some Brazilians have applauded Bruna's frankness and say it is healthy to get certain taboos out in the open, like what both she and academic researchers say is a national penchant for anal sex (NYT, acesso em: 27 abr. 2006)⁷

Antes de tratar do fragmento em si, cabe lembrar que a sugestão de que o gosto pelo sexo anal faria parte do caráter dos brasileiros foi também encontrada na obra de Page (1995). Na seção em que o autor tratava das principais etnias formadoras do povo brasileiro e mais especificamente, dos africanos, tem-se a seguinte passagem:

Dentre os efeitos duradouros que essas práticas [a instituição da escravidão e a natureza sadomasoquista da relação entre homens brancos e mulheres negras] tiveram na psique brasileira estão a desvalorização da vida humana (evidenciada pela preferência brasileira única por condutas que podem pôr em grande risco a vida de uma pessoa ou de muitas) e pelo desenvolvimento do gosto pela prática de sexo anal, o que trouxe implicações mortais com o surgimento da epidemia de AIDS. (PAGE, 1995, p. 66)⁸

⁷ (7) Como consequência, alguns brasileiros têm aplaudido a franqueza de Bruna e afirmado que é saudável ter certos tabus escancarados, como aquele que tanto ela como pesquisadores acadêmicos afirmam ser uma preferência nacional pelo sexo anal.

⁸ "Among the lasting effects these practices [the institution of the slavery and the sadomasochistic nature of the relationship between white men and black women] have had on the Brazilian psyche are the debasement of human life (evidenced by the individual Brazilians's preference for conduct that may put himself and others at great risk) and the development of a taste for anal intercourse, which has assumed deadly implications with the onset of the AIDS epidemic".

Em (7), Rohter menciona como exemplo do escancaramento de tabus trazido pelo comportamento de Bruna aquilo que ela e pesquisadores acadêmicos não identificados afirmariam ser uma propensão nacional à realização do sexo anal. Nem o jornalista nem Page (1995) fornecem um exemplo específico de um desses pesquisadores ou declaração que pudesse sustentar essa afirmação controversa. No que se refere à denúncia do moralismo, o discurso trazido por Rohter para autorizar o questionamento da falsa desinibição sexual é o de alguns brasileiros, que teriam aplaudido a franqueza de Bruna. Assim, o que no início da notícia era defendido apenas por ela, que, como garota de programa, poderia ter sua credibilidade perante o público leitor diminuída, nesse momento, além de ser ratificado por intelectuais, é assumido também por uma parcela dos brasileiros. Segundo a construção de Rohter, o próprio povo estaria reconhecendo e confirmando que não é tão permissivo como freqüentemente se supõe. Nota-se que o jornalista utiliza várias fontes para embasar seu argumento e todas essas fontes vão numa única direção – a de desestabilizar a imagem da liberação sexual – tem-se uma única voz.

O seguinte trecho encerra a notícia em inglês.

- (8) Nor is Ms. Pacheco immune to the influence of pudor, a concept important throughout Latin America that combines elements of modesty, decency, propriety and shame. In her book, rather than write out the words commonly used on the street to describe sexual acts and organs, she prints only their first letters, with dots indicating what everyone already knows (NYT, acesso em: 27 abr. 2006)⁹

Ao final da notícia o leitor estrangeiro é apresentado a um novo conceito, tipicamente latino-americano, segundo o jornalista: o pudor, que é explicado como uma combinação de recato, decência, adequação e vergonha. Na notícia em inglês lê-se que, ainda que Bruna seja

⁹ (8) Mas Bruna não é indiferente à influência do pudor, um importante conceito na América Latina que mistura elementos de modéstia, decência, adequação e vergonha. Em seu livro, em lugar de escrever as palavras normalmente utilizadas nas ruas para descrever órgãos e atos sexuais, ela menciona apenas as letras iniciais, com reticências para indicar o que todos já sabem.

uma brasileira prostituta, divulgue suas atividades sexuais num *blog* e num livro, não é imune ao pudor. Embora não explicitamente, aqui emergem novamente as imagens da contradição, da hipocrisia, construídas pelo *NYT* ao longo desta notícia em vários trechos e ocultada dos leitores brasileiros, pela tradução incompleta do artigo.

Considera-se que os cortes realizados na tradução desta notícia podem ser relacionados, por um lado, à afirmação de Alvarez e Vidal (1996) a respeito de essa ser “a era das comunicações em massa, de experiências multimídia e de um mundo em que o público exige compartilhar o último texto simultaneamente e entre várias culturas, seja esse texto um filme, canção, ou livro”.¹⁰ Este pensamento tem a ver com o que Cronin (2003, p. 21-22) aponta como uma proliferação de signos no exercício da tradução na era da economia global. O autor defende que devido à necessidade de rapidez na tradução de informações e à constante substituição dessas informações por outras (como ocorre nos jornais eletrônicos), ocorre uma “desmaterialização da palavra” (“*de-materialization of the word*”), principalmente se essa palavra se encontrar em meio eletrônico. Segundo o autor, essa pressão e essa pressa que caracterizariam a era informacional causaria uma espécie de banalização das palavras (“*weightlessness of the words*”) nesse meio, devido a sua existência efêmera e volátil. Culleton (2005), afirma que a escolha das matérias a serem traduzidas, assim como os cortes realizados, muitas vezes são decisões sujeitas ao que os detentores da mídia imaginam ser de interesse público. Não é possível afirmar quais são os critérios para a realização de cortes nas traduções do *US*, já que algumas notícias extensas são traduzidas integralmente e outras não. Ainda assim, e considerando a influência da “volatilidade” das palavras em meio eletrônico lembrada por Cronin (2003), parece haver, nas traduções de notícias como esta, uma preferência pelo relato de fatos em si em detrimento de reflexões consideradas abstratas pelos responsáveis pela edição dos artigos, já que se nota que até o momento em se percebia na

¹⁰ “[...] is the age of mass communications, of multi-media experiences and a world where audiences demand to share the latest text, be it film, song, or book simultaneously across cultures”.

notícia um caráter mais narrativo e descritivo, a tradução foi realizada. Mas a partir daí, quando se percebe de maneira mais explícita o início da argumentação no texto em inglês, a tradução se encerra.

Por outro lado, também com base no pensamento de Culleton (2005), pode-se afirmar que a discussão desenvolvida no restante da notícia em inglês, que visa a desestabilizar o estereótipo, parece não ter sido considerada de interesse do público brasileiro, leitor do *US*. Na parte da notícia que tem tradução, Rohter apenas apresenta, lançando mão somente do discurso de Bruna, o tema que será desenvolvido posteriormente, com outros discursos que parecem ter mais credibilidade que o dela junto ao público leitor. O resultado desse corte na tradução é que ao leitor brasileiro apenas é mostrada uma construção que não chega a desmentir o estereótipo da liberação sexual. Esse leitor tem acesso somente à parte descritiva do artigo, não lhe é apresentada a discussão que pode levá-lo a refletir sobre a possibilidade de seu povo ser mais moralista e menos desinibido do que geralmente se assume. Dessa forma, o corte, na tradução, de quase toda a argumentação construída por Rohter faz com que o texto em português não questione o estereótipo da liberação sexual, impedindo que o leitor brasileiro se aprofunde no questionamento dessa imagem: no caso deste artigo, a não-tradução ajuda a ratificar o estereótipo da desinibição sexual.

O fragmento a seguir pertence a outra notícia, “*The New São Paulo*”, escrita por Dan Shaw e traduzida como “A nova São Paulo” tanto no *US* como no UOL, com tradução de George Andolfato. A publicação é de 12 de março de 2006. Nesta notícia, o jornalista Shaw relata seu percurso pelos melhores bares, restaurantes, hotéis e casas noturnas da cidade de São Paulo. Embora a maior parte dos excertos deste artigo esteja sendo analisada em outro capítulo, há nela uma passagem que serve à construção da imagem da sensualidade do povo brasileiro, principalmente das mulheres.

- (9) It was hard for me to concentrate on the excellent food, though, as a steady parade of tanned women in miniskirted halter dresses kept joining a table where two movie-star-handsome men continue buying rounds of drinks for all. It seemed like an episode of ‘Sex in the City’ dubbed into Portuguese (NYT, acesso em: 12 mar. 2006)

Foi difícil me concentrar na excelente comida, contudo, enquanto um firme desfile de bronzeadas mulheres usando minissaias se uniu a uma mesa onde dois astros bonitões de cinema continuavam pagando rodadas de bebidas para todos. Parecia um episódio de ‘Sex in the City’ dublado para o português (US, acesso em: 12 mar. 2006)

Mas foi difícil para mim me concentrar na comida excelente, já que um desfile constante de mulheres bronzeadas vestindo minissaias continuava se juntando à mesa onde dois homens atraentes, ao estilo astros de cinema, continuavam pagando bebidas para todos. Parecia um episódio de ‘Sex and the City’ dublado em português (UOL, acesso em: 12 mar. 2006)

Nesta passagem, o jornalista inicialmente prestava atenção à comida que lhe era servida num restaurante, quando sua atenção é desviada pelo desfile de várias mulheres bronzeadas que usavam curtos vestidos frente-única (“*miniskirted halter-dresses*”). Por meio da leitura deste trecho, a cidade de São Paulo e, para o público norte-americano, mais amplamente o Brasil, são representados como lugares em que não importa onde se esteja, a sensualidade e a beleza feminina estarão presentes, como se pairassem no ar, como se vê na citação de Page (1995) que acompanha o exemplo (3). Em ambas as traduções essa imagem de sensualidade onipresente é assumida e tal representação é mostrada aos leitores brasileiros. A partir do texto em inglês pode-se inferir que os vestidos usados pelas moças, sendo frente-única, deixavam ombros e braços a mostra, o que chamava a atenção para os seios. No entanto, ambos os textos traduzidos omitem a informação referente a “*halter dresses*”, traduzindo apenas o que se refere a “*miniskirted*”. O texto em inglês, ao indicar o que havia chamado a atenção do jornalista no traje do grupo de mulheres, trata de ambas as partes da

roupa, a inferior e a superior. Já as traduções ignoram a informação sobre a parte superior da roupa e as traduções do *US* e do UOL são, respectivamente, “usando minissaias” e “vestindo minissaias”. Isso pode ser considerado sintomático do que, no Brasil, é tido como uma espécie de preferência em relação ao corpo feminino e, na tradução, tem-se assim enfatizado o quadril, que os brasileiros tendem a achar especialmente sensual em relação às outras partes do corpo das mulheres.

O trecho em inglês “*two movie-star-handsome men*” é traduzido de duas formas distintas: na tradução do *US*, tem-se “dois astros bonitões de cinema”, enquanto na do UOL lê-se “dois homens atraentes, ao estilo astros de cinema”. Considerando-se que a tradução do UOL encontra-se mais em acordo com a relação de aproximação estabelecida no texto em inglês, em que os dois homens no restaurante eram atraentes como astros de cinema, vê-se que, nesta passagem, não só a beleza das mulheres brasileiras é ressaltada, como já é lugar-comum, mas os homens brasileiros também são considerados sedutores. Para o leitor estrangeiro, essa informação pode ser interpretada de uma forma generalizada. Uma vez que, para eles, essa já propagada beleza não se restringe somente às mulheres, mas é associada também aos homens, esse estereótipo é reforçado, mais aos olhos dos estrangeiros que aos dos brasileiros.

Vê-se também que o nome do seriado “*Sex and the City*” aparece erroneamente escrito na notícia em inglês e na tradução do *US*, sendo corrigido pela tradução do UOL. A menção a esse seriado, cujo tema principal são as relações afetivas de um grupo de mulheres na cidade de Nova York, transfere esse contexto para a cidade de São Paulo, de certa forma reforçando a imagem da sensualidade já associada ao Brasil. No entanto, tal associação é mais evidente para os leitores norte-americanos já que, em seu país, esse seriado é exibido em canal aberto, alcançando um público maior. No Brasil, tal acesso é mais restrito, limitando-se à assinatura de canais pagos ou à locação ou compra dos DVDs do seriado.

O artigo a seguir, de autoria de Joseph Berger e Fernanda Santos, trata da intensa imigração brasileira para os Estados Unidos. A notícia foi publicada em 26 de dezembro de 2005 e traduzida pelos dois *sites* brasileiros, sendo a tradutora do UOL Deborah Weinberg. A tradução desta notícia pelo *US* é parcial, e o excerto a seguir não foi traduzido. No momento em que o texto do *NYT* procura demonstrar como alguns elementos da cultura brasileira têm influenciado a vida norte-americana, lê-se que

- (10) Brazil has had a distinct mystique among Americans. Samba and bossa nova rhythms have shaped the music of [Frank Sinatra](#) and Manhattan's dance clubs, and movies like "Black Orpheus" and "Dona Flor and Her Two Husbands" have mixed magic, lust and a Brazilian love of revelry to relax American restraints (*NYT*, acesso em: 26 dez. 2005)

o Brasil adquiriu um lugar místico na imaginação americana. Samba e bossa nova influenciaram a música de Frank Sinatra e clubes noturnos de Manhattan; filmes como "Orfeu Negro" e "Dona Flor e Seus Dois Maridos" misturaram magia, sedução e o amor brasileiro pela farra para relaxar as amarras americanas (UOL, acesso em: 26 dez. 2005)

Neste trecho, tem-se a representação da imagem de sedução associada ao Brasil juntamente com outros elementos: a magia, o místico. É o que o texto em inglês afirma, ao dizer que o Brasil teria, para os americanos, uma mística diferente. Cabe notar que essa mística é vista e marcada como específica, peculiar, tendo-se assim uma representação da identidade brasileira por meio da diferença em relação aos Estados Unidos. Na tradução, essa marcação da diferença e da especificidade ("*distinct*") é apagada e tem-se apenas a menção a "um lugar místico". Também a influência de elementos culturais brasileiros na cultura norte-americana é mais marcante no texto em língua inglesa. Lá, o samba e a bossa nova moldam a música de Frank Sinatra e de clubes de Manhattan e não apenas os influenciam, como se lê na tradução. No que se refere ao texto em português, a amenização da influência brasileira na

cultura norte-americana pode estar relacionada à baixa auto-estima dos brasileiros, representação que será estudada no Capítulo 4. Para Calligaris (1996), a auto-depreciação seria uma característica marcadamente brasileira e, a esse respeito, o autor lembra que o dito “esse país não presta” é freqüente na voz dos brasileiros que criticam o país. Relacionando-se o raciocínio do autor à tradução da passagem (10), pode-se dizer que no momento em que o país é valorizado por meio de sua influência sobre uma cultura hegemônica como a norte-americana, essa visão de que o país não presta pode ter levado à minimização de tal influência pela tradução.

Ainda em (10), tem-se vários itens combinados por dois filmes brasileiros que teriam o efeito de “relaxar as amarras americanas”, relação que também aparece no texto em português. Na tradução, o termo “*lust*” aparece bastante atenuado em sua tradução por “sedução”. O *Longman Dictionary of English Language and Culture* (2002, doravante *LDEL*) define este substantivo da seguinte forma: “1- *very strong desire, especially when uncontrolled and not related to liking or love, lust is one of the seven deadly sins*”.¹¹ Assim, percebe-se que “*lust*” não seria normalmente relacionado a amor ou afeto e, sendo um dos sete pecados capitais, parece relacionar-se com associações negativas semelhantes às que o termo “luxúria” relaciona-se em português. Esse termo é definido pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004, doravante *Houaiss*) da seguinte forma: “2- segundo a filosofia cristã, um dos sete pecados capitais; 3- comportamento desregrado com relação aos prazeres do sexo, lascívia, concupiscência”.

A partir do texto do *NYT*, pode-se considerar a representação da sensualidade associada aos brasileiros mais enfática, visto que “desliza” para a luxúria, numa mistura que inclui magia e o amor brasileiro pela farra. Embora geralmente “luxúria” não envolva sentimentos como amor ou afeição, e o termo “*love*” não apareça isolado, mas numa locução

¹¹ “1- desejo muito intenso, especialmente quando incontrolável e não relacionado ao afeto ou amor, a luxúria é um dos sete pecados capitais”.

(“*love of revelry*”), os substantivos “*lust*” e “*love*” dialogam entre si, construindo juntos essa representação do Brasil que envolve conceitos como luxúria e amor. A informação de que tudo isso atenua a seriedade norte-americana serve para a marcação da diferença entre as duas culturas. Há aí uma oposição: o excessivo auto-controle dos americanos é abrandado pela magia, luxúria e pela forte apreciação dos brasileiros pela farra. Essa representação é também construída na tradução, porém, atenuada pelo uso de “sedução” em lugar de “luxúria”.

Conforme dito anteriormente, a notícia “*Trading Status for a Raise*” foi escrita por dois jornalistas, sendo um deles uma brasileira, Fernanda Santos. Embora esta notícia represente, em parte, uma exceção ao tipo de corpus que interessa a esta pesquisa, por ser uma notícia não escrita exclusivamente por um estrangeiro, é um bom exemplo de como a representação cultural é dinâmica. Aqui, uma brasileira, ao lado de um norte-americano, constrói, em inglês, a representação de seus próprios compatriotas como um povo peculiar, mágico, cheio de luxúria, e amante da farra. Assim, a jornalista co-autora deste artigo atua como uma brasileira que não só aceita esse tipo de representação como também a reproduz para leitores estrangeiros, que darão continuidade à atribuição dessas imagens aos brasileiros, contribuindo para que estereótipos culturais e nacionais adquiram valor de verdade. O mesmo ocorre com o próximo artigo, de autoria de Paulo Prada, outro jornalista brasileiro que escreve e representa o Brasil para os leitores do *NYT*.

Relacionada à representação da beleza, a próxima sequência encontra-se num artigo sobre um concurso de beleza realizado entre presidiárias de diversas penitenciárias femininas do estado de São Paulo. O artigo, intitulado “*Felons All, but Free to Try Being Beauty Queen for a Day*”, de autoria de Paulo Prada, data de primeiro de dezembro de 2005 e a notícia foi traduzida por ambos os *sites* brasileiros sob os títulos de “Presas, mas livres para tentarem ser a rainha da beleza por um dia” pelo *US* e “Presidiárias, mas livres para ser rainha da beleza” pelo *UOL*, com tradução de George Andolfato.

O *lead* do artigo em inglês e as traduções do *US* e do UOL são, respectivamente:

- (11) The second annual Miss Penitenciária pageant was the culmination of a competition lasting months in which 603 inmates from 10 prisons vied for titles in what is quickly becoming one of the best-known pageants in beauty-obsessed Brazil (NYT, acesso em: 1 dez. 2005)

O segundo desfile anual de Miss Penitenciária foi o auge de uma competição que durou dois meses, na qual 603 presidiárias de 10 prisões lutaram pelos títulos no que está rapidamente se tornando um dos desfiles mais famosos neste Brasil obcecado pela beleza (US, acesso em: 1 dez. 2005)

O segundo concurso anual Miss Penitenciária foi o clímax de uma competição que durou meses e na qual 603 presas de 10 prisões disputaram títulos naquele que está rapidamente se tornando um dos concursos mais conhecidos no Brasil obcecado pela beleza (UOL, acesso em: 1 dez. 2005)

Chama a atenção neste fragmento o que segue a informação sobre a competição, que está rapidamente se tornando uma das mais conhecidas no “*beauty-obsessed Brazil*”. Aqui, em lugar da representação da sensualidade tem-se, não concorrente com ela, mas numa espécie de contínuo, a representação da beleza. Não apenas uma inclinação ou preocupação normal com esse atributo, mas uma obsessão. As traduções, como se pode ver, assumem claramente, embora de formas diferentes, essa representação. A tradução do *US*, por meio do uso de preposição mais pronome demonstrativo na passagem “neste Brasil obcecado pela beleza”, permite a leitura de que todo o país sofre dessa obsessão. Já a tradução do UOL, em que se tem uma preposição mais artigo definido, restringe a ocorrência a apenas uma parte do país, aquela obcecada pela beleza.

Os termos “*obsession*” e “obsessão” assumem um contorno que tende a ser negativo tanto em inglês como em português. Estas são as formas pelas quais são definidos pelo *LDEL*

(2002) e pelo Houaiss (2004), respectivamente: “*a fixed and often unreasonable idea with which the mind is continually concerned*”¹² e “2- apego exagerado a um sentimento ou a uma idéia desarrazoada 3- motivação irresistível para realizar um ato irracional; compulsão”. Ambas as definições relacionam obsessão a insensatez, conceito negativo que pode acabar sendo estendido, pelo leitor estrangeiro, ao que ele considera ser o “caráter brasileiro” como um todo. No caso da tradução, o uso de “obsessão” pode reforçar a imagem da preocupação excessiva com a beleza já presente no imaginário do leitor brasileiro. Page (1995) também faz referência à suposta obsessão pela beleza que caracterizaria os brasileiros, ao afirmar que o fato de o cirurgião plástico Ivo Pitanguy ser considerado um dos heróis nacionais demonstra a preocupação desse povo com a aparência física. O autor afirma que há uma enorme demanda por cirurgias plásticas na cidade do Rio de Janeiro, que chega a ter mais cirurgiões plásticos que médicos de saúde pública, e que tal demanda é influenciada pelas praias da cidade, que parecem um concurso de beleza.

A leitura desse artigo como um todo permite a percepção de um tom de ironia. O jornalista brasileiro passa a impressão de que algo deste tipo, um concurso de beleza com desfiles entre presidiárias condenadas pela justiça, só poderia mesmo acontecer num país como o Brasil, o que ratificaria a idéia dessa obsessão pela beleza, que permearia até ambientes destinados à punição judicial. Isso fica claro na seguinte passagem, que aparece logo após o *lead*:

(12) It was a retrial Brazilian style (NYT, acesso em: 1 dez. 2005)

Foi um segundo julgamento no estilo brasileiro (US, acesso em: 1 dez. 2005)

Foi um novo julgamento ao estilo brasileiro (UOL, acesso em: 1 dez. 2005)

¹² “uma idéia fixa e freqüentemente insensata com a qual a mente se ocupa continuamente”.

O segundo julgamento ao qual a notícia se refere é o julgamento do concurso, já que o primeiro é representado por aquele da justiça brasileira. Nota-se que haveria, para o jornalista, um “estilo brasileiro” de se fazer as coisas, provavelmente relacionado à beleza. Este suposto estilo é apresentado aos leitores brasileiros por ambas as traduções, de forma que lhes é possibilitada a visão de que o jornalista brasileiro atribui a eles (leitores do Brasil) um estilo próprio.

O trecho analisado a seguir, que também pode ser interpretado como representação da impunidade no Brasil, revela um olhar do jornalista brasileiro, relacionado à questão desse estilo e reforça a idéia da obsessão pela beleza. Aqui, como na notícia anterior, também é possível perceber que o próprio jornalista reproduz, para os leitores estrangeiros, determinadas representações do Brasil, o que novamente contribui para o processo de realimentação dos estereótipos. O trecho e as traduções são:

- (13) “What’s next?” asked Jorge Damus, founder of the Movement for the Resistance of Crime, in São Paulo. “Are they going to pay them to pose nude? This is state-sponsored glorification of people who are supposed to be getting punished” (NYT, acesso em: 1 dez. 2005)

“O que virá depois disso?”, perguntou Jorge Damus, fundador do Movimento pela Resistência ao Crime, em São Paulo. “Vão pagar a elas para posarem nuas? Esta é a glorificação bancada pelo Estado de pessoas que supostamente deveriam estar sendo punidas” (US, acesso em: 1 dez. 2005)

“O que virá a seguir?” perguntou Jorge Damus, fundador do Movimento de Resistência ao Crime, em São Paulo. “Eles vão pagá-las para pousarem nuas? Esta é uma glorificação patrocinada pelo Estado de pessoas que supostamente deveriam estar sendo punidas” (UOL, acesso em: 1 dez. 2005)

Nesta passagem, a inconformidade de Damus, expressa por meio da pergunta “*What’s next?*” pode representar a inconformidade de Prada. Segundo essa leitura, a inconformidade de Damus que, aqui, representa os brasileiros, está relacionada à atitude do Estado que, influenciado pela “obsessão pela beleza”, facilita a prática da impunidade. Assim, tudo isso que acontece no Brasil, parecem ser elementos que ajudariam na percepção do “estilo brasileiro”. A construção que explicita esse estilo é elaborada também por ambas as traduções, o que faz com que o leitor do Brasil, neste momento, veja como a “obsessão” pela beleza, embora apresentada aqui como algo geral no país, pode surpreender e até mesmo irritar alguns brasileiros, ao permitir regalias a criminosos que estão sendo punidos pela justiça.

2.1 A representação da sensualidade e da beleza: considerações

No presente recorte da representação que o *NYT* realiza do Brasil, no qual foi especificado o tema da sensualidade e da beleza, foi possível perceber que as representações construídas pelo jornal levam o leitor estrangeiro à visualização de imagens já bastante conhecidas por ele quando se trata de pensar sobre o Brasil. Dentre essas imagens pode-se mencionar a sensualidade como algo onipresente e parte inerente do caráter brasileiro e, portanto, constituinte essencial de sua identidade; a associação indireta entre sexualidade e hipocrisia, que leva à contradição – já comumente atribuída a vários setores da vida social brasileira; a magia, o amor pela farra e a sedução brasileira invadindo países sérios como os Estados Unidos; a associação entre sensualidade e beleza e a obsessão por essa última. De forma geral, essa representação é feita por meio do realce da diferença entre aspectos do povo brasileiro e do Brasil em relação aos norte-americanos e aos Estados Unidos.

As traduções dessas representações, na grande maioria dos casos, adota e assume para o público brasileiro as construções de si realizadas pelo Outro (nos casos em que os jornalistas são estrangeiros). Isso pode ser afirmado tanto em relação às traduções do *US* como em relação às do UOL. A marcação da diferença em relação a este Outro que nos lê também pode ser encontrada nas traduções. Deve-se lembrar que até mesmo a não-tradução de algumas passagens – casos (5) a (8) – teve o efeito de calar o questionamento a outro estereótipo, o da liberação sexual. Faz-se necessário pensar os efeitos provenientes da reapresentação, em língua portuguesa, dos tipos de imagens encontradas aqui.

Como efeito mais imediato, considera-se que a repetição dessa representação para o público brasileiro pode reforçar e ajudar a fundamentar essas noções na forma como ele se vê, o que o leva a aceitar essas imagens como verdadeiras e partes de si. Pois, conforme afirma Freitas (2006, p. 249), “dependendo da política de representação que adotamos, construímos (e reivindicamos) conceitos que acabam se tornando naturalizados”. Uma vez que os brasileiros têm em si fundadas essas raízes, passariam a reverberar essa representação de sensualidade inerente e onipresente, que inicia outros processos nos quais os brasileiros compartilhariam essas imagens uns com os outros e, conseqüentemente, também com olhos que os vêem de fora. A esse respeito, para Venuti (2002), a tradução exerce poder na reconstrução de representações de culturas estrangeiras e que, ao alimentar estereótipos, pode vincular respeito ou estigma a grupos nacionais específicos. No caso representado por esta pesquisa, a tradução não cria representações de uma cultura estrangeira, mas da própria cultura brasileira e para brasileiros, estereotipando essa mesma cultura e esse mesmo grupo nacional. Os brasileiros, por sua vez, absorvendo as imagens reforçadas pela tradução, as compartilham entre si e as refletem para os estrangeiros, que nos reapresentam a forma como nos vêem, e assim por diante.

Cabe ressaltar que em duas ocasiões a construção dessa representação foi realizada por brasileiros e em língua estrangeira. Isso corrobora a hipótese de que os brasileiros que aceitam serem assim caracterizados são reconstrutores e transmissores em potencial desses estereótipos, como se pôde ver por meio daqueles jornalistas brasileiros que, em outro país e numa língua que não a sua, repetem essas imagens para estrangeiros.

CAPÍTULO 3

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA

O objeto de estudo desta seção é a representação da violência no Brasil, realizada pelo *NYT* e pela tradução das notícias em que tal construção pode ser percebida. O tema violência foi escolhido como representação a ser analisada devido ao fato de ser freqüentemente associado ao caráter dos brasileiros e ser freqüente nas notícias do *NYT* sobre o Brasil. Ginzburg (2003), refletindo sobre a melancolia na cultura brasileira, afirma que esta se deve “à forte presença da violência em nossa história política e social” (p. 58). Para o autor, essa violência teria sido particularmente intensa e sistemática em períodos como o Estado Novo e a Ditadura Militar, mas não se restringiria a eles, “perpassando a história do país” (p. 58).

As passagens selecionadas para análise nesta seção procuram demonstrar de que forma é construída a imagem da violência e sua relação com o caráter brasileiro, no texto do *NYT* e nas traduções. A primeira ocorrência foi extraída de uma notícia que trata da abertura de arquivos governamentais da ditadura militar. Larry Rohter, autor do texto, lembra que, mesmo após todo o tempo despendido pela justiça brasileira para a divulgação das informações, tal divulgação foi apenas parcial. Esta notícia interessa à imagem aqui analisada pelo fato de haver nela a representação de um país em que o próprio Estado já se utilizou da violência para a manutenção do poder. Para o público estrangeiro, isso ajuda a legitimar a imagem do Brasil como um país onde a violência é tão propagada que pode ser encontrada não apenas no caráter do povo, mas no histórico de atitudes e políticas do próprio Estado.

O título da notícia, publicada em 25 de dezembro de 2005 e as traduções, veiculadas tanto pelo *US* como pelo UOL, em que o tradutor é George Andolfato são, respectivamente:

- (14) Brazil Opens Former Dictatorship's Files, a Bit (NYT, acesso em: 25 dez. 2005)

Brasil abre arquivos dos antigos governos militares (US, acesso em: 25 dez. 2005)

Brasil abre arquivos da antiga ditadura, um pouco (UOL, acesso em: 25 dez. 2005)

Nota-se que, na tradução do US, a parcialidade da abertura dos arquivos da ditadura militar não aparece no título. Esse jornal também se refere a “governos militares” e, ainda que essa denominação possa estar mais próxima da maneira pela qual a mídia majoritariamente se refere a esse período, nota-se que a tradução do US evita as associações negativas do nome “ditadura”. UOL informa em seu título que a abertura dos arquivos não é completa e apresenta o termo “ditadura” no título da notícia. Vê-se também que a ressalva percebida no texto em inglês, “*a bit*”, que é reforçada pelo fato de aparecer ao final da frase e por ser antecedida por uma pausa, não aparece no US e é mantida na tradução do UOL pelo uso de “um pouco” após a vírgula. O primeiro parágrafo da notícia é:

- (15) Bowing to domestic and international pressure, the Brazilian government has begun releasing intelligence files compiled by the former military dictatorship on government opponents, including victims of torture and those who disappeared (NYT, acesso em: 25 dez. 2005)

Cedendo às pressões doméstica e internacional, o governo brasileiro começou a liberar arquivos de inteligência compilados pelos antigos governos militares sobre seus opositores, incluindo vítimas de tortura e pessoas desaparecidas (US, acesso em: 25 dez. 2005)

Cedendo à pressão doméstica e internacional, o governo brasileiro começou a liberar arquivos de inteligência compilados pela antiga ditadura militar do país sobre

opositores do governo, incluindo vítimas de tortura e desaparecidos (UOL, acesso em: 25 dez. 2005)

Em (15), o *US* novamente apaga a referência direta à ditadura e, embora o termo específico apareça no texto em inglês (“*military dictatorship*”), nessa tradução tem-se a referência a “governos militares”. Assim, como no caso (14), o UOL mantém a menção à “ditadura militar” e não suaviza a expressão, como faz o *US*. Vê-se também, em inglês e em ambas as traduções, que somente sob pressão nacional e internacional a medida de tornar os arquivos disponíveis para acesso público foi tomada. Pode-se notar nessa passagem a representação de um Estado e uma sociedade com dificuldades de lidar com seu passado “sombrio”, marcado pelo uso da violência para a manutenção do poder e que, desde então, uma vez restabelecida a democracia, ainda assim encontra obstáculos para a reflexão sobre as marcas desse passado. Essa idéia de dificuldade em rever períodos críticos da história do Brasil é associada por Ribeiro (1999) a uma espécie de trauma coletivo, causado pelos diversos períodos de violência extrema, na história do país, presenciados pelos brasileiros. Para o autor, faltaria à sociedade brasileira autoconsciência e articulação interna, e essa falta a impossibilitaria de superar o horror acumulado em séculos de violência.

O trecho seguinte reforça essa aparente dificuldade em lidar com elementos do passado que remontam ao uso da violência:

- (16) That report, followed this month by a two-week visit by a United Nations emissary, noted that Brazil had been reluctant to identify and punish those responsible for rights abuses (NYT, acesso em: 25 dez. 2005)

O relatório, seguido por uma visita de duas semanas de um emissário da ONU, notou que o Brasil tem sido relutante em identificar e punir os responsáveis pelos abusos dos direitos humanos (*US*, acesso em: 25 dez. 2005)

Tal relatório, acompanhado neste mês por uma visita de duas semanas de um emissário da ONU, notou que o Brasil tem relutado em identificar e punir os responsáveis pelos abusos de direitos (UOL, acesso em: 25 dez. 2005)

Esta passagem retoma a necessidade de pressão internacional para que haja a punição dos responsáveis pelos excessos cometidos durante o período militar. Também na tradução nota-se a representação de um país cujas autoridades são incapazes de garantir por si só o cumprimento da lei e a punição de responsáveis por abusos. Pode-se associar também essa relação dita problemática do governo brasileiro com os arquivos da ditadura militar a outra idéia também comumente associada ao Brasil: a de que o país não tem memória, ou seja, que fatos importantes da história são rapidamente esquecidos, o que impediria que a sociedade e os governantes tivessem com eles algum aprendizado.

As passagens a seguir, extraídas de notícia publicada em outubro de 2005, também de autoria de Rohter, tratam da ampla discussão que ocorreu no Brasil naquele ano a respeito do desarmamento da população civil. A seguir tem-se o título da notícia e sua tradução, disponibilizada pelo *US*.

(17) Gun-Happy Brazil Hotly Debates a Nationwide Ban (*NYT*, acesso em: 20 out. 2005)

Brasil discute desarmamento (*US*, acesso em: 20 out. 2005)

No título da notícia em inglês, “*Brazil*” vem acompanhado da predicação “*gun-happy*”. Tal atributo representa uma avaliação negativa, pois se pode depreender que o país seria caracterizado por uma considerável afeição às armas, o que se relaciona com a violência constantemente atribuída aos brasileiros e ao país pela mídia e até mesmo por estudiosos da cultura brasileira. Embora o advérbio “*hotly*” isoladamente não esteja relacionado à negatividade, sua associação a um debate sobre a violência sugere que a agitação – atributo

afim aos brasileiros, segundo várias representações – também se relaciona à violência supostamente característica desse povo. Segundo Rajagopalan (2004), determinadas identidades são reivindicadas ou, como neste caso, atribuídas por meio da repetição ou reiteração de certas representações. Assim, ao reiterar a imagem do Brasil e do povo brasileiro como ardentes e apaixonados e ligar essas imagens a da violência, esse trecho induz o leitor estrangeiro à realização de associações ainda mais negativas.

Toda essa predicação é omitida na tradução do título da notícia, desde os elementos relacionados à afeição pelas armas até o clima de exaltação que envolve a discussão. Dessa forma, o leitor brasileiro não lê o julgamento atribuído pelo jornal norte-americano ao estabelecimento de uma discussão sobre o desarmamento de civis no Brasil. Faz parte das hipóteses desta pesquisa que a tradução pode assumir ou rejeitar certas políticas de representação, ou seja, reivindicar – no momento em que reitera – ou negar – no momento em que omite – determinadas identidades. Assim, tem-se não apenas a simples omissão de um adjetivo e de um advérbio, mas um caso de negação da representação do Brasil como uma terra agitada, ardente, em que tais traços permeiam os mais diversos contextos, desde o caráter do povo até uma discussão de âmbito social e nacional sobre a violência. A esse respeito, Álvarez e Vidal (1996) afirmam a importância de se refletir sobre os elementos adicionados, apagados, sobre as palavras escolhidas e seu posicionamento numa tradução, já que cada um desses aspectos está relacionado à história e ao contexto sócio político que cerca o tradutor. De fato, esse tipo de negação total de uma determinada representação resume-se a casos pontuais como (17) e (18), não sendo o que majoritariamente ocorre nas traduções analisadas neste capítulo. Os casos em que apenas elementos específicos são apagados representam a maioria dos exemplos.

O fato de a população brasileira estar sendo designada pelo nome do país acaba provocando novamente o efeito de uma personificação: não seriam “apenas” os brasileiros

que discutiriam a questão, mas o país, encarnando o próprio povo. Essa personalização se mantém na tradução que assume, assim como o texto em inglês, a amplitude desse debate. Considerando que seu tema amplo é a violência, ou melhor, uma tentativa de proibir o uso de armas de fogo por civis, o uso dessa personificação permite a leitura, tanto no texto em inglês como na tradução, de que a violência é um assunto extremamente corrente e presente no cotidiano brasileiro, daí o grande envolvimento da população na discussão.

Ainda tratando-se da mesma notícia, lê-se no *lead* em inglês que:

- (18) Brazilians have a startling propensity to shoot one another (*NYT*, acesso em: 20 out. 2005)¹

Esta passagem, omitida na tradução do *US*, permite a leitura de que os brasileiros (não mais o Brasil) seriam caracterizados por uma surpreendente propensão a atirarem uns nos outros. Aqui, percebe-se a representação de um povo extremamente violento. Este *lead*, na verdade, materializa a opinião que Rohter procura formar sobre o caráter do povo brasileiro ao longo da notícia, já que na construção de seu texto utiliza a aparente preferência da população pela não-proibição de venda de armas de fogo e munição para comprovar e confirmar o caráter violento desse povo. A notícia permite a leitura de que os brasileiros, mesmo conscientes do quão violentas são suas cidades, ainda assim votam pelo não-desarmamento. Logo, teriam a tendência de atirarem uns nos outros. Esta conclusão à que o jornalista parece chegar não aparece na tradução para o português, de forma que o texto traduzido não assume essa representação controversa e não veicula tal asserção para o público brasileiro que, assim como ocorreu no exemplo (17), não tem acesso ao severo julgamento de seu povo expresso pela notícia em inglês.

¹ Brasileiros têm uma surpreendente tendência a atirarem uns nos outros.

O próximo recorte, retirado da mesma notícia, é apresentado e comentado a seguir.

- (19) Brazil's cities are growing more violent and dangerous, crime is rising and gangs often have more firepower than the police now. Nearly 40,000 crosses were set afloat in Rodrigo de Freitas Lake in Rio de Janeiro, one for every Brazilian killed by firearms last year (NYT, acesso em: 20 out. 2005)

As cidades brasileiras estão crescendo mais violentas e perigosas, o crime está aumentando e as gangues têm mais poder de fogo do que a polícia (US, acesso em: 20 out. 2005)

Tem-se, no original, um tipo de nomeação comumente encontrado no *NYT* para os grupos armados do Brasil: “gang” ou “gangs”. Também freqüentemente na tradução, esta nomeação é traduzida por “ganguê” ou “ganguês”. Entretanto, não parece ser assim que a sociedade e a própria mídia brasileira nomeiam os grupos criminosos no Brasil. Os nomes mais freqüentemente utilizados para este tipo de organizações altamente estruturadas e perigosas são “quadrilha”, “facção criminosa, ou “crime organizado”. Apesar de o Houaiss (2004) considerar os termos “ganguê” e “quadrilha” como sinônimos possíveis, especificamente no Brasil o termo “ganguê” é mais usado para nomear pequenos grupos de malfeitores, geralmente de atuação local num bairro ou cidade. Já o termo “quadrilha” é utilizado majoritariamente para se referir aos organizados grupos criminosos de atuação mais ampla e poderosa que as gangues. Essa diferença de uso entre os dois termos é confirmada por busca realizada no site do jornal Folha de S. Paulo (www.folha.uol.com.br). Neste site, as ocorrências de “quadrilha” ou “quadrilhas” encontram-se relacionadas a grupos criminosos de tamanho e organização consideráveis. Já “ganguê” ou “ganguês” são utilizados em contextos mais restritos, conforme apontado acima. Além disso, a ocorrência de “quadrilha” é mais de duas vezes superior à de “ganguê”.

O artigo 288 do Código Penal brasileiro classifica o ato de formação de quadrilha como: “Associarem-se mais de três pessoas, em quadrilha ou bando, para o fim de cometer crimes”. Assim, parece ficar mais claro que o tipo de organização a que se referem essa e outras notícias publicadas pelo *NYT* corresponde a quadrilhas e não a simples gangues. Vale mencionar novamente Arrojo (1992), que aponta a importância de se considerar, numa tradução, as construções consagradas pela comunidade lingüística a que se destina o texto traduzido.

Mesmo que, na tradução, o fato de essas organizações serem nomeadas como “gangues” possa representar uma suavização em relação à possível opção “quadrilha”, pode-se dizer que no caso (19) essa suavização gera uma contradição, uma vez que pode causar estranhamento a informação de que gangues (e não quadrilhas) têm mais poder de fogo que a polícia.

No texto do *NYT*, tem-se uma menção às quase quarenta mil cruzeiras colocadas na lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, cada uma dedicada a uma vítima de armas de fogo no ano de 2004. Este fato, que reforça a representação do Brasil violento que vem sendo construída até aqui pelo texto em inglês, é totalmente omitido na tradução, o que indica que a tradução neste caso não reconstrói, com essa informação, uma representação já negativa.²

No próximo segmento tem-se uma comparação do índice de violência do Brasil com o de outros países, desta vez Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Esta comparação aparece na voz de um brasileiro:

(20) “This is not Switzerland or England or even the United States, this is the country that kills with firearms more than any in the world,” said Rubem Cesar Fernandes, the director of Viva Rio, a civic organization that has championed the ban. “We’re

² Neste trabalho, conforme Dota (2005), entendem-se representações ou imagens negativas como aquelas que enfatizam atributos ou aspectos desfavoráveis do Brasil.

experiencing an epidemic, a plague, and radical steps are required to control the spread and irresponsible use of firearm” (NYT, acesso em: 20 out. 2005)

“Aqui não é a Suíça, nem a Inglaterra, nem os Estados Unidos, este é o país que mais mata civis em uma guerra não declarada”, disse Rubem César Fernandes, diretor do Viva Rio, uma organização cívica que apóia a proibição. “Estamos vivendo uma epidemia, uma praga, e medidas radicais são necessárias para controlar a disseminação e a irresponsabilidade do uso de armas de fogo” (US, acesso em: 20 out. 2005)

Como se pode notar, é comum, nas notícias em inglês, encontrarem-se declarações de brasileiros, o que muitas vezes ratifica uma determinada representação, como é o caso nesta notícia, em que se vê a reiteração da imagem de um país extremamente violento e, aqui, sua corroboração por um brasileiro, Rubem Fernandes. No texto do US, “*even*” não é traduzido. O uso deste termo no texto em inglês leva à idéia de que, desses três países aos quais o Brasil é comparado, aquele de situação mais próxima seriam os Estados Unidos mas, ainda assim, a situação brasileira seria bastante divergente da norte-americana. Este efeito é apagado na tradução, na qual a comparação do Brasil a cada um desses três países encontra-se no mesmo nível, não há uma aproximação em relação aos Estados Unidos.

Cabe notar que muitas vezes a discrepância entre a citação de um brasileiro no texto em inglês e essa fala na tradução pode se dever ao fato de o texto traduzido utilizar a citação tal como foi realizada em português, e não simplesmente traduzi-la a partir do texto do NYT. Talvez por esse motivo haja, na citação traduzida, o apagamento de uma idéia e o acréscimo de outra. O que é apagado é a informação de que o Brasil é o país que mais mata com armas de fogo no mundo todo, representação bastante negativa. O dado acrescentado é o de que o Brasil é o país que mais mata civis numa guerra não declarada. Embora tenha havido esse acréscimo na tradução, considera-se que a informação apagada contribuiria mais para a negatividade da representação da violência que a que foi acrescentada, de forma que, como

aconteceu em casos anteriores, a tradução minimiza a representação da violência. Ainda no exemplo (20), tem-se outra citação de Fernandes que, mantida na tradução sem omissões ou acréscimos, novamente evidencia a gravidade da situação da violência no país.

Na próxima passagem, mais um fator importante é adicionado à representação construída pelo jornal: o de o Brasil ter a segunda maior indústria armamentista de todo o hemisfério ocidental, sem ressalvas. Uma ressalva é encontrada na tradução, que informa que tal indústria trata da produção de armas de pequeno porte. Mais uma vez, aqui a tradução não assume totalmente para o brasileiro a construção do jornal norte-americano, já que a ressalva acaba suavizando a representação realizada pelo *NYT*. Mantêm-se na tradução as alusões ao contrabando e à corrupção existentes na polícia e no exército:

- (21) Nearly 80 percent of the weapons manufactures in Brazil, which has the second largest arms industry in the Western Hemisphere, are exported, mostly to neighboring countries like Paraguay and Colombia. Many are then smuggled back into the country. Other guns used to commit crimes come from police and military arsenals, either stolen or sold by corrupt soldiers and officers (*NYT*, acesso em: 20 out. 2005)

Aproximadamente 80% das armas fabricadas no Brasil, que tem a segunda maior indústria de armas de pequeno porte no hemisfério Ocidental, são exportadas, a maioria para países vizinhos como o Paraguai e a Colômbia. Muitas então são contrabandeadas de volta ao país. Outras armas utilizadas nos crimes vêm do arsenal da polícia e do exército, ou são roubadas ou vendidas por soldados e oficiais corruptos (*US*, acesso em: 20 out. 2005)

No recorte (22) é possível ver que a argumentação construída pelo *NYT* sobre a situação exposta nesta notícia traz alguns elementos que sugerem uma atmosfera de exaltação, acaloramento, remontando ao uso de “*hotly*” no título da notícia. Tal agitação permearia

ambas as campanhas do referendo de 2005, a favorável e a contrária ao desarmamento. Um desses elementos é o termo “*even*”, no seguinte fragmento:

- (22) With the ban’s proponents and opponents accusing one another of distorting statistics and sowing alarmism, both sides have been waging an intense media campaign that includes televised round tables and advertisements. The opponents have even hired airplanes to fly over Rio’s beaches with a banner reading: “Disarmament is good for criminals. Wake up Brazil, and vote no” (*NYT*, acesso em: 20 out. 2005)

Com proponentes e opositores acusando um ao outro por distorcerem as estatísticas e disseminar o alarmismo, ambos os lados têm feito uma intensa campanha na mídia que incluem mesas redondas nas televisões e propaganda. Os opositores chegaram a contratar aviões para voar sobre as praias do Rio de Janeiro com um cartaz onde se lia: “desarmamento é bom para os criminosos. Acorda Brasil, e vote não” (*US*, acesso em: 20 out. 2005)

Segundo a leitura de Rohter, o cenário do debate tem a seguinte caracterização: acusações mútuas de alarmismo, intensa campanha na mídia, anúncios, mesas redondas e, por incrível que pareça, aluguel de aviões a fim de exibirem faixas, na praia, em prol de uma ou outra campanha. A tradução também traz esse efeito de intensidade, graças à locução “chegaram a contratar”.

Quatro dias após a publicação da notícia anterior, em 24 de outubro de 2005, o *NYT* voltou a tratar do referendo com a veiculação de um texto, novamente escrito por Rohter, que tem o seguinte título e tradução do *US*:

- (23) Brazilian Voters Appear to Have Beaten Ban on Weapons (*NYT*, acesso em: 24 out. 2005)

Grande maioria dos brasileiros opta pela não proibição das armas (*US*, acesso em: 24 out. 2005)

Neste título, a tradução ameniza a generalização, perceptível no texto em inglês, sobre a opção do povo brasileiro pelo veto à proibição do comércio de armas de fogo. Essa amenização dá-se na tradução de “*Brazilian voters*” (eleitores brasileiros, todos eles) por “grande maioria dos brasileiros”. O que é uma aparência no texto em inglês (“*appear to*”) transforma-se em fato na tradução, em que os brasileiros não apenas parecem ter derrotado a proibição, mas realmente o fizeram. O trecho seguinte foi retirado da mesma notícia:

- (24) In polls taken at the start of the referendum campaign, nearly four out of five people surveyed were in favor of the gun ban. But the “no” camp, taking advantage of free television and radio time meant to stimulate national debate, seemed to have convinced Brazilians that the restrictions would leave them defenseless while making it easier for violent gangs to obtain weapons on the black market (*NYT*, acesso em: 24 out. 2005)

Nas pesquisas de opinião feitas no início da campanha do referendo, quase quatro entre cinco pessoas entrevistadas eram a favor da proibição das armas. Mas a campanha do “não”, aproveitando-se do horário gratuito na televisão e rádio promovido para estimular o debate nacional, parece ter convencido os brasileiros de que as restrições os deixariam indefesos e, ao mesmo tempo, facilitaria a obtenção de armas no mercado negro por gangues violentas (*US*, acesso em: 24 out. 2005)

Esta passagem do *NYT* e sua tradução deixam claro para o leitor estrangeiro e lembram o leitor brasileiro de um dos motivos pelos quais a população brasileira em sua maioria optou pela não-proibição. Essa razão consiste no fato de que, num país violento como o Brasil, a proibição não faz sentido, uma vez que o índice de violência é tão alto a ponto de o poder de combate legitimado, a polícia, ser incapaz de proteger satisfatoriamente os cidadãos. Esses, por sua vez, têm a responsabilidade de cuidar da própria segurança, já que o Estado não o faz.

O termo “*gangs*”, já discutido anteriormente, volta a ser traduzido por “gangues” aqui, reiterando, na tradução, a associação (que acaba representando uma suavização) entre pequenos bandos criminosos e os responsáveis pelo alto índice de crimes no Brasil.

Na época dos ataques organizados pela quadrilha Primeiro Comando da Capital, conhecida pela sigla PCC, a policiais e civis em várias cidades do estado de São Paulo, o *NYT* publicou 15 notícias a respeito dos ataques, numa frequência quase diária. No entanto, apenas duas dessas foram traduzidas. Uma delas é a notícia que tem fragmentos analisados a seguir, escrita por Paulo Prada, publicada em 17 de maio de 2006 e traduzida pelo *US* e pelo UOL, novamente por George Andolfato. Nesta notícia tem-se, outra vez, a representação do Brasil realizada por um brasileiro e para estrangeiros. Os títulos são, nessa ordem:

- (25) 5 Days of Violence by Gangs in São Paulo Leaves 115 Dead Before Subsiding (*NYT*, acesso em: 17 maio 2006)

Violência se acalma em São Paulo (*US*, acesso em: 17 maio 2006)

Violência diminui em São Paulo (UOL, acesso em: 17 maio 2006)

O título em inglês refere-se de maneira bastante incisiva à duração e aos responsáveis pelo conflito, “*5 days of violence by gangs*”, ao número expressivo de mortos, “*115*”, para só então informar ao leitor que o conflito começa a perder força. Como se pode notar, em ambas as traduções essas informações em relação à duração do conflito e ao número de assassinatos não aparecem, lendo-se apenas que a violência se acalma, no caso do *US* e que ela diminui, no caso do UOL. Uma possível razão para a omissão dessas informações em ambas as traduções, o que levou a textos bastante parecidos, pode ser o fato de os dois tradutores julgarem desnecessário manter no título da notícia a referência aos acontecimentos que o *NYT* parece considerar importante.

No exemplo (26) o *NYT*, no *lead* da notícia, repete a informação do título, que desta vez é mantida em ambas as traduções.

- (26) Widespread violence eased Tuesday after five days of attacks on police headquarters, buses and public buildings that paralyzed this city, South America's largest, and left 115 people dead (*NYT*, acesso em: 17 maio 2006)

A violência alastrada se amenizou na terça-feira depois de cinco dias de ataques sobre centros de operações policiais, ônibus e prédios públicos que paralisaram a maior cidade da América do Sul e deixaram 115 mortos (*US*, acesso em: 17 maio 2006)

A violência disseminada diminuiu na terça-feira após cinco dias de ataques contra bases da polícia, ônibus e prédios públicos que paralisaram a maior cidade da América do Sul e deixaram 115 mortos (*UOL*, acesso em: 17 maio 2006)

No caso da notícia em inglês, tem-se um detalhamento das idéias expressas pelo título da notícia, que é explicado, e o leitor norte-americano pode ver que bases policiais, ônibus e prédios públicos foram atacados. Esse leitor é apresentado a um cenário semelhante ao de uma guerra civil. Nas traduções, a descrição também é apresentada sem, no entanto, ter sido preparada e reforçada pelo título da notícia em português.

As passagens a seguir demonstram que a violência nesse período viria não só pelas mãos de criminosos, mas por meio da própria polícia.

- (27) Government officials also dismissed local news reports that the police had used the crisis to kill suspects they had previously singled out as gang members. A police crackdown during the battles led to the arrest of more than 100 suspected gang members and the killing of 71 (*NYT*, acesso em: 17 maio 2006)

Funcionários do governo também negaram a jornalistas da mídia local que a polícia havia usado a crise para matar suspeitos que haviam, anteriormente, classificado como

membros da gangue. Uma invasão policial durante os combates levou à detenção de mais de 100 supostamente membros da facção criminal e à morte de 71 pessoas (US, acesso em: 17 maio 2006)

As autoridades do governo também negaram os relatos da imprensa local de que a polícia usou a crise para matar suspeitos que já tinham sido identificados como membros da gangue. A reação policial durante os confrontos levaram à prisão de mais de 100 suspeitos e à morte de 71 (UOL, acesso em: 17 maio 2006)

Aqui fica claro que a polícia paulista aproveitou o caos urbano para assassinar suspeitos de pertencerem ao crime organizado. Ao contrário do que ocorre em passagens anteriores, o termo “*gang*”, na expressão “*suspected gang members*”, não é traduzido por “gangue” no texto do US, em que se tem “supostamente membros da facção criminal”. Já na tradução do UOL, tem-se a denominação geral “suspeitos”, o que pode ser considerado uma suavização em relação a “*suspected gang members*”. Considerando-se a argumentação já realizada nas primeiras ocorrências de “*gang*”, a opção agora apresentada pela tradução do US (“facção criminal”) parece encontrar-se mais de acordo com a denominação que tais grupos recebem da mídia jornalística brasileira.

O trecho a seguir conta somente com a tradução do UOL, já que o US realizou apenas uma tradução parcial desta notícia. A maneira como Paulo Prada, jornalista do NYT, constrói esta passagem deixa implícita a idéia de irresponsabilidade do governo estadual na tentativa de controle da crise.

- (28) The federal government offered to send troops to support the state forces, which by law are those charged with the state’s security. But Cláudio Lembo, the acting governor, declined the offer on Monday, calling it unnecessary and arguing that the violence was “under control” (NYT, acesso em: 17 maio 2006)

O governo federal do Brasil ofereceu o envio de uma força federal para apoiar as forças estaduais, as encarregadas segundo a lei pela segurança do Estado. Mas Cláudio Lembo, o governador em exercício de São Paulo, recusou a oferta na segunda-feira, a chamando de “desnecessária” e argumentando que a violência estava “sob controle” (UOL, acesso em: 17 maio 2006)

Pode-se perceber um tom de ironia decorrente da suposta citação do ex-governador de São Paulo, Cláudio Lembo. Fala-se em “suposta citação” porque não fica claro se o uso de aspas em “*under control*” refere-se à marcação de uma citação ou se as aspas são usadas para marcar essa ironia. Na tradução do UOL, embora as aspas também possam indicar um trecho da fala do governador e, assim como no original, não esteja clara qual a finalidade do seu uso, o efeito irônico é realçado, pois não somente “sob controle” vem entre aspas, como também o adjetivo “desnecessária”.

A próxima notícia, de autoria de Rohter e publicada 11 dias após a anterior, trata da situação exposta no fragmento (27) acima, a má atuação da polícia, suspeita de matar civis inocentes durante o confronto. Das 15 notícias sobre o assunto publicadas pelo *NYT*, esta foi a segunda e última a ser traduzida. Seu título e *lead* em inglês e as traduções do *US* e do UOL, essa última de responsabilidade de George Andolfato, são:

(29) Police Are Criticized in Wave of Gang Violence in Brazil

The street combat between the police and criminal gangs that left at least 186 people dead and brought this metropolis of nearly 20 million people to a halt two weeks ago has ceased, at least for now” (*NYT*, acesso em: 28 maio 2006)

Polícia de São Paulo é criticada por onda de violência

Os combates de rua entre a polícia e gangues criminosas que deixaram pelo menos 186 mortos e fizeram essa metrópole de 20 milhões de pessoas parar há duas semanas terminaram, pelo menos por enquanto (*US*, acesso em: 30 maio 2006)

Polícia criticada em onda de violência de gangue no Brasil

Os confrontos de rua entre a polícia e gangues de criminosos que deixaram ao menos 186 mortos e levaram esta metrópole de quase 20 milhões de habitantes a parar duas semanas atrás cessou, ao menos por enquanto (UOL, acesso em: 30 maio 2006)

O título da notícia traz uma predicação da violência cometida no país: “*gang violence*”. Tal predicação é mantida apenas na tradução do UOL, em que se tem novamente a opção por “gangue”. A mesma opção é realizada pelas duas traduções na segunda ocorrência do termo no texto em inglês, já no *lead*: “*criminal gangs*”, quando se têm as traduções “gangues criminosas” e “gangues de criminosos”. O texto em inglês faz referência a “*street combat*”. Ao contrário do que ocorre na tradução do US, o UOL ameniza o termo “*combat*” e o traduz por “confrontos”. Nos três textos fica explícita a instabilidade do controle da situação, expressa pelas ressalvas “*at least for now*”, “pelo menos por enquanto” e “ao menos por enquanto”.

No restante da notícia o leitor estrangeiro vê que o clima de insegurança pelo qual havia passado a população paulista devido à ação de criminosos foi intensificado pela ação duvidosa da própria polícia, que muitas vezes parece não ter diferenciado, em suas ações de repressão, criminosos de cidadãos comuns.

- (30) But recriminations against the police and the way they handled the attacks are intensifying, fed by indications that irate officers may have sought revenge with a killing rampage that swept up lawbreakers and innocent civilians alike (NYT, acesso em: 28 maio 2006)

Mas as recriminações contra a polícia e a forma como lidou com os ataques estão se intensificando, alimentada [sic] pelas indicações de que oficiais enraivecidos buscaram vingança matando a esmo e tratando criminosos e civis inocentes da mesma forma (US, acesso em: 30 maio 2006)

Mas as recriminações contra a polícia e a forma como lidou com os ataques estão aumentando, alimentadas por indicações de que policiais revoltados teriam buscado vingança com uma onda de assassinatos de criminosos e civis inocentes (UOL, acesso em: 30 maio 2006)

Nesta passagem, o *NYT* constrói a imagem de policiais que buscam vingança, “varrendo” infratores e civis inocentes da mesma maneira. Nas traduções também nota-se essa representação embora, no texto do *US*, tal imagem seja intensificada negativamente, já que se lê que os policiais “matavam a esmo”. A idéia de similaridade do tratamento dispensado pela polícia a civis e a criminosos não aparece de forma explícita na tradução do UOL, embora se leia que a onda de assassinatos atingiu a ambos.

A passagem seguinte, que conta apenas com a tradução do UOL, reconstrói a representação que vem sendo construída ao longo do texto.

- (31) The commander of the military police, Col. Elizeu Teixeira Borges, announced that “the hunt continues”, after which several dozen people, mostly young men from poor neighborhoods, were shot dead (*NYT*, acesso em 28 maio 2006)

O comandante da polícia militar, coronel Elizeu Teixeira Borges, anunciou: “A caça continua”. Depois disso, várias dezenas de pessoas, a maior parte jovens rapazes de bairros pobres, foram mortas a tiros (UOL, acesso em 30 maio 2006)

Aqui se tem na fala de um coronel da polícia uma nomeação que possibilita a associação do conflito à selvageria: “*hunt*”. A idéia de selvageria, também perceptível na tradução do UOL (“caça”), é continuada pelo que segue a nomeação, a informação de que após o anúncio do coronel dezenas de pessoas, a maior parte jovens pobres, foram mortos a tiros. Outra leitura também é possibilitada a partir da construção dessa representação, a de que a polícia paulista (e, para os leitores estrangeiros, por extensão, a polícia brasileira), incapaz

de garantir a manutenção da segurança dos cidadãos antes e durante os ataques, no momento da crise passa a matar tanto criminosos e suspeitos como civis inocentes (o que reforça a imagem de selvageria), atirando indistintamente a fim de exibir um aparente controle e resolução da situação. Por meio da leitura da tradução podem ser realizadas associações semelhantes.

A maneira como o *NYT* encerra esta notícia provavelmente traz uma sensação de desolação e desesperança tanto aos leitores estrangeiros como aos leitores brasileiros, uma vez que a tradução do UOL constrói esse encerramento de maneira semelhante no que diz respeito ao tom de ameaça do discurso de um traficante, à representação da situação da segurança pública no país e ao poder de grupos criminosos sobre toda a sociedade, inclusive sobre a polícia e as autoridades.

- (32) “We are prepared for much more, and have the ability for much more”, said the voice identified as that of Mr. Camacho. The authorities “have declared war” but “are forgetting that they are leaving society defenseless”, he added. “The two sides have firepower, and those who lose out are those who don’t belong to either of the two sides” (*NYT*, acesso em 28 maio 2006)

“Estamos preparados para muito mais e temos a capacidade para muito mais”, disse a voz identificada como a de Camacho. As autoridades “declararam guerra”, mas “esquecem que estão deixando a sociedade à mercê”, acrescentou. “As duas partes têm poder de fogo; quem tem a perder são os que não pertencem a nenhuma das partes” (UOL, acesso em 30 maio 2006)

O último parágrafo da notícia consiste numa ameaça bastante direta realizada por um traficante à sociedade brasileira. Ao fim dessa notícia o jornalista supostamente “sai de cena” e deixa as palavras finais com um traficante. O fato de Rohter ter relatado repetidas vezes, num trecho pequeno como este, as palavras do próprio criminoso, possibilita a interpretação

de que, ao final de toda a situação, é o crime quem detém a palavra final. A tradução também constrói o fim da notícia dessa forma. Considerando-se que nas notícias analisadas até aqui o *NYT* mencionou antropólogos, um comandante da policial militar, e até o vice-governador de um Estado brasileiro e nenhum deles ganhou título de tratamento algum, pode-se dizer que o texto em inglês garante alguma respeitabilidade a Camacho, referindo-se a ele como “*Mr. Camacho*”. A opção pelo uso desse tipo de tratamento não ocorre na tradução, em que nenhuma notoriedade é atribuída ao traficante. Além disso, os verbos utilizados para relatar a fala de Camacho em inglês (“*added*”) e em português (“acrescentou”) valorizam seu discurso, ao deixar a ameaça em aberto.

3.1 A representação da violência: considerações

É possível afirmar que, de um modo geral, o *NYT* veiculou, no período considerado, uma visão bastante negativa a respeito da situação da violência no Brasil, por meio da publicação de reportagens a respeito da abertura dos arquivos da ditadura militar e da campanha pelo desarmamento promovida pelo governo federal brasileiro, ambos em 2005, e da onda de assassinatos provocada pelo crime organizado no estado de São Paulo no ano de 2006. Esta visão configura-se na representação de um Brasil fortemente violento.

Com relação à notícia sobre a abertura dos arquivos ditatoriais, percebeu-se que a expressão “ditadura militar” é evitada pela tradução do *US* – casos (14) e (15) –, algo que, assim como a demora na abertura dos arquivos desse período, pode ser associado a uma dificuldade de lidar com a memória proveniente dessa fase da história do país. Nessa representação pode-se ver também, inclusive na tradução, um país que depende de pressão

internacional para que realize a punição de responsáveis pelos abusos aos direitos humanos ocorridos na época – fragmentos (15) e (16).

Sobre a representação construída na notícia que trata da campanha de 2005, a tradução do *US* omite imagens extremamente negativas e controversas – casos (17) e (18). Pode-se depreender que a realização de suavizações pela tradução desse jornal em alguns casos é influenciada pelo grau depreciativo da representação, no qual imagens fortemente negativas tendem a ser amenizadas ou omitidas, enquanto aquelas menos graves ou pontuais tendem a ser ratificadas, podendo até mesmo ser reforçadas.

Cabe destacar também o caso da tradução do termo “*gang*” e de expressões nas quais esse nome aparece. Com apenas uma exceção – na segunda ocorrência do termo no exemplo (27), na tradução do *US* – na quase totalidade dos casos esse substantivo é traduzido por “*ganguê*”, como se vê nos excertos (24), na primeira vez em que o termo aparece no exemplo (27) e no fragmento (29). Essa tradução foi considerada uma suavização, já que leva o leitor brasileiro a realizar associações distintas e menos negativas em relação àquelas desencadeadas pelo termo “*quadrilha*” e pelas expressões “*facção criminosa*” e “*crime organizado*”.

Pôde-se ver também, nos textos em inglês e na tradução, imagens relacionadas à incapacidade do poder público de controlar a ação do crime organizado – caso (30) – e especificamente a uma polícia que não distingue criminosos de civis inocentes na repressão do crime organizado – casos (27), (28) e (29). Esses últimos casos podem ser relacionados àqueles referentes à notícia sobre a ditadura militar, já que se vê a representação de um país onde o poder instituído usa a violência contra a população civil para fins diversos.

É importante refletir a respeito da escassa tradução das notícias publicadas pelo *NYT* sobre os ataques do PCC no estado de São Paulo. Como afirmado anteriormente, naquele período o jornal norte-americano publicou 15 notícias, quase diariamente e, às vezes, até duas notícias no mesmo dia. Porém, apenas duas delas foram traduzidas: a que noticiava a

diminuição da onda de violência e a que criticava a atuação da polícia paulista durante os ataques. Com tamanha cobertura do *NYT*, bem como de outros jornais, o público norte-americano tinha um amplo conhecimento do que ocorria no Brasil naqueles dias, inclusive com relação ao crescente número de mortos. O público brasileiro, por sua vez, também atingido por uma avalanche de notícias produzidas por jornais brasileiros sobre a escalada da violência, não tinha acesso à leitura que os estrangeiros faziam da situação. Assim, os brasileiros que consultavam as traduções do *NYT*, e não encontravam lá artigos sobre os ataques, podiam ter a impressão de que um caso tão singular na história social recente do país não chamava a atenção da imprensa estrangeira, já que aparentemente não estava sendo noticiado por um jornal importante e reconhecido como o *NYT*. Embora se admita que, uma vez que a imprensa brasileira noticiava com frequência a crise, as editoriais dos *sites* brasileiros possam ter considerado desnecessário traduzir as notícias publicadas pelo *NYT*, a escassez dessas traduções não deixa de evidenciar um apagamento da representação da violência realizada pelo *NYT*, uma vez que grande parte das outras notícias analisadas aqui também tiveram ampla cobertura da imprensa brasileira e ainda assim foram traduzidas para o português.

De forma geral, a representação da violência no Brasil construída pelo *NYT* permite a leitura de que a violência é um elemento inerente ao caráter brasileiro. Esse raciocínio é atestado por estudiosos como Page, para quem “a proclamada meiguice dos brasileiros freqüentemente oculta o lado obscuro de sua natureza – uma capacidade de violência extrema que passa como uma corrente suja por sob a história do país, do período colonial até os dias atuais” (PAGE, 1995, p. 11).³

³ “the celebrated sweetness of Brazilians often obscures the dark side of their natures – a capacity for extreme violence that runs like a murky undercurrent throughout the history of the land, from the colonial period up to the present day”.

Neste estudo, a tradução pode demonstrar aos brasileiros como o estrangeiro vê a questão da violência no Brasil e, ao mesmo tempo, reafirmar ou rever as construções já existentes no imaginário brasileiro em relação à leitura de si mesmo como um povo violento.

No que se refere à construção, realizada pelo *NYT*, da violência como um aspecto bastante afim aos brasileiros, pode-se afirmar que tal leitura até é possibilitada pela tradução, embora de maneira bem menos enfática que aquela autorizada pelo texto em inglês. A esse respeito, cabe notar que as traduções do *US* freqüentemente suavizaram a construção da violência realizada pelo *NYT* – casos (14), (15), (17), (18), (19), (20), (21) e (29). Considerando-se que boa parte desses exemplos pertence a notícias traduzidas apenas por esse jornal, pode-se dizer ainda que a não-tradução desses artigos pelo UOL, juntamente à tradução suavizadora promovida pelo *US*, contribuem significativamente para que o público brasileiro não tenha acesso à severa avaliação que o *NYT* realiza do Brasil, nesses casos. Em relação à postura o *US* diante de representações negativas como a da violência, suas traduções podem evidenciar que a linha seguida por esse jornal, direcionada pelos elementos que orientam a atividade jornalística – cf. Mariani (1998), Capítulo 1 –, vai ao sentido de amenizar as representações consideradas demasiadamente negativas, e essa aparente orientação se reflete na escrita dos tradutores. A outra representação cultural negativa analisada neste trabalho é a da corrupção. Uma vez que na representação do Brasil como um país corrupto se note um direcionamento semelhante por parte das traduções do *US*, será possível afirmar que, pelo menos em relação ao corpus que compõe esta pesquisa, esse jornal tende a apagar nas traduções as construções negativas em relação ao Brasil.

É possível que a amenização da representação da violência pelo *US* evidencie, por outro lado, que os brasileiros, influenciados pelos discursos que circulam no imaginário nacional, não desejariam olhar para a questão da violência, prefeririam evitá-la. Assim, os cortes que apagam parte das avaliações feitas pelo *NYT* seriam indicadores de que esta

representação e, talvez, as representações de aspectos negativos, como um todo, não são bem-vindas ou autorizadas pelo imaginário nacional. Da mesma forma como as traduções da representação da corrupção poderão mostrar se a tendência suavizadora do *US* se mantém em relação às representações negativas estudadas nesta pesquisa, no Capítulo 6 também será possível notar se as traduções desse jornal, especificamente, indicam a forma como são vistas a violência e a corrupção no Brasil. Em outras palavras, ficará mais claro se tais representações tendem a ser apagadas por trazer à tona aspectos negativos dos brasileiros, e se esse apagamento volta a se revelar com maior incidência nas traduções do *US*.

Dessa forma, as constatações realizadas na análise das representações estudadas até aqui – a sensualidade e a beleza, como atributos positivos, têm suas representações reiteradas; a construção da violência, como aspecto negativo, foi predominantemente apagada – abrem a possibilidade de as representações seguintes confirmarem o que as representações enfocadas nos Capítulos 2 e 3 começam a indicar: que as representações positivas, autorizadas pelo imaginário nacional, são reconstruídas, enquanto as representações que retomam aspectos negativos, por sua vez, não são bem-vindas e acabam sendo questionadas pela tradução.

CAPÍTULO 4

A REPRESENTAÇÃO DA CORDIALIDADE, DO OTIMISMO E DA BAIXA AUTO-ESTIMA

Na análise da representação cultural do Brasil realizada pelo *NYT* neste capítulo, são aproximados três atributos também comumente relacionados aos brasileiros: a cordialidade (ou simpatia), o otimismo e a baixa auto-estima. Decidiu-se unir esses conceitos numa só análise por se considerar que estão estreitamente relacionados no contexto das representações culturais dos brasileiros. É notável que, quando se trata de pensar a respeito dessa nacionalidade, os dois primeiros conceitos enumerados acima se apresentam em constante interseção. A baixa auto-estima, por sua vez, ainda que possa ser vista como uma característica negativa e, nesse sentido, distinta dos outros atributos, encontra-se em diálogo freqüente com essas outras representações, especialmente com a do otimismo, como mostra Page (1995, p. 5):

O ato de olhar o amanhã com grande ansiedade tem sido desde sempre um artigo de fé comum aos brasileiros que abraçam o slogan “Brasil, país do futuro”. No entanto, devido a uma típica auto depreciação, muitos adicionam alertas como “mas o futuro nunca chega” ou “nosso país é uma terra de impossibilidades ilimitadas”.¹

Outro autor estrangeiro que associou a baixa auto-estima ou a auto-depreciação às características comuns dos brasileiros foi Calligaris (1996) – cf. Capítulo 2, caso (10). A aproximação da idéia da baixa auto-estima e do otimismo é considerada, por alguns autores, perfeitamente explicável no contexto das outras contradições brasileiras. José Utsch, em *O*

¹ “Looking with great anticipation beyond tomorrow has long been a shared article of faith for Brazilians who embraced the slogan ‘Brazil, Country of the Future’. However, with typical self-depreciation, many were won to add such caveats as ‘but the future never comes’, or ‘ours is a land of unlimited impossibilities’”.

Brasil e os brasileiros (2003, p. 9), relaciona algumas das contradições referentes ao país, quando afirma que “o Brasil é desigualdade, o velho e o novo, a feiúra e a beleza, a miséria e a riqueza, a ignorância e a sapiência, a grosseria e a cordialidade, o atraso e a vanguarda, a violência e a mansidão”.

Nesta representação, a maneira como os brasileiros consideram sua própria imagem como um povo cordial e otimista, mas de baixa auto-estima, pode orientar a ratificação ou o questionamento dessas identidades na tradução.

Os fragmentos analisados nesta seção procuram seguir a ordem anunciada no título do capítulo. Primeiramente são apresentados dois trechos em que é possível ler a representação dos brasileiros como um povo cordial, simpático e receptivo – exemplos (33) e (34). A seguir, do caso (35) a (42) – que fazem parte da mesma notícia – a ênfase passa a ser a representação do otimismo, que logo se mescla à da baixa auto-estima.

A primeira passagem pertence ao artigo “*A Web Site Born in U.S. Finds Fans in Brazil*”, de autoria de Seth Kugel, veiculado em dez de abril de 2006. O título da tradução do US, intitulada “Orkut encontra fãs e infratores no Brasil”, provavelmente está relacionado ao conteúdo exposto no artigo – os bons e maus usos que os brasileiros realizam do *site*. O *NYT* informa também que, embora tenha sido muito bem sucedido aqui, o Orkut não havia se tornado popular nos Estados Unidos. Ao procurar um motivo pelo qual o *site* havia conquistado os brasileiros, Kugel traz a fala de uma brasileira, como se vê a seguir:

- (33) Fernanda Leon, an architecture student eating at a Middle Eastern restaurant here with her boyfriend, said she thought Brazil had gravitated toward Orkut because of the country’s inherently social culture. “Brazilians really want to interact with other people, both old friends and new people,” she said (*NYT*, acesso em: 10 abr. 2006)

Fernanda Leon, estudante de arquitetura entrevistada em um restaurante oriental local com seu namorado, disse acreditar que o país gira em torno do Orkut por causa de sua

herança cultural. “Os brasileiros realmente querem interagir com outras pessoas, tanto com velhos amigos quanto com novos”, ela disse (US, acesso em: 10 abr. 2006)

A partir do que Fernanda Leon afirma, em inglês, pode-se depreender que a cultura social à qual se refere está relacionada à cordialidade e à receptividade dos brasileiros. É o que sua fala confirma, quando nela se lê que os brasileiros “*really want to interact with other people, both old and new people*”. Fernanda é brasileira, o que, como já foi mencionado anteriormente, torna confiável seu discurso a respeito dos brasileiros. A representação realizada a partir de sua fala, que atribui aos brasileiros o uso da cordialidade também em relação a pessoas não conhecidas (“*new people*”) ou estrangeiras, coincide com a declaração de Page sobre a cordialidade dos brasileiros para com quem vem de fora:

é difícil não se render ao feitiço dos brasileiros [...] a cordialidade é uma característica determinante de seu caráter. Irradiam uma simpatia irresistível, hospitalidade abundante, e uma polidez infalível, especialmente para com os estrangeiros. O fator gentileza é unânime.²

Segundo o texto em inglês e também as traduções, Fernanda tem formação superior, o que ajuda a garantir, diante dos leitores estrangeiros e brasileiros, o que afirma. No texto do *NYT* há também outras informações que, embora aparentemente irrelevantes, atuam nessa representação de brasileiros cordiais e simpáticos de forma a posicionar Fernanda não só como uma referência numa notícia, mas como uma pessoa real. Em lugar de apenas mencionar seu nome e sua citar sua declaração, Kugel informa onde ela estava e o fato de que tem um namorado. Dessa forma, ao que parece, quanto mais informações o leitor estrangeiro tiver a respeito de quem realiza a declaração, ou melhor, a respeito do brasileiro que realiza a

² “It is difficult not to fall under the spell cast by Brazilians [...] Cordiality is a defining characteristic of their behavior. They radiate an irresistible pleasantness, abundant hospitality, and unfailing politeness, especially to foreigners. The gentleness factor is ubiquitous”.

declaração, mais esse brasileiro parecerá real e mais suas constatações assumirão valor de verdade.

Segundo Marcuschi (1991), sempre que se tem um discurso relatado, mesmo nos casos em que supostamente há citações *ipsis verbis*, o que foi dito poderá sofrer mudanças significativas, em um processo de reformulação e recriação da fala do outro. Sendo assim, percebe-se que há no texto de Kugel, além de uma possível reformulação da fala Fernanda (apresentada como citação *ipsis verbis*), uma reformulação do contexto no qual ela se insere com o intuito de dar a ela e a seu discurso um caráter real. Essa caracterização de Fernanda é também realizada na tradução.

No texto em inglês, lê-se que os brasileiros gostam do Orkut devido à sua “*inherently social culture*”. Na tradução, essa expressão é traduzida por “herança cultural”. No texto em inglês, a representação de uma cultura social inerente ao Brasil, que designa hábitos que acompanhariam a nação e que seriam talvez anteriores à sua própria formação (*inherently*), é ligeiramente suavizada ao transformar-se numa “herança cultural” no texto traduzido. O uso do substantivo “herança”, na tradução, induz à interpretação de que aqueles traços aos quais Fernanda implicitamente se refere (a cordialidade e a receptividade) seriam historicamente percebidos no caráter brasileiro, tal qual uma tradição ou herança. Considera-se que aqui houve uma suavização porque, em lugar de a cultura social relacionada à cordialidade ser inerente, portanto anterior a qualquer processo histórico (como no texto do NYT), na tradução essa cultura aparece como resultante de uma dinâmica histórica. A suposição de que determinados traços historicamente caracterizariam os brasileiros volta a aparecer de maneira explícita no fragmento (40).

Ainda no caso (33), outras seqüências contribuem para essa sugestão de que a cordialidade seria um traço historicamente constitutivo do caráter dos brasileiros. No caso dos trechos “*Brazilians really want to interact with other people, both old friends and new*”

people” e “Os brasileiros realmente querem interagir com outras pessoas, tanto com velhos amigos quanto com novos”, tal contribuição encontra-se na possibilidade de se ler que essa “*inherently social culture*” ou “herança cultural” é a responsável pela inclinação especial desse povo para fazer novos amigos. É possível considerar ainda que no texto do *US*, a partir da tradução de “*both old friends and new people*” por “tanto velhos amigos como novos”, há um reforço na imagem da cordialidade associada aos brasileiros. Isso ocorre porque, enquanto o trecho em inglês sugere que os brasileiros querem interagir com velhos amigos e pessoas novas, a tradução vai mais além, evidenciando que essas pessoas já são consideradas amigas. Outra seqüência que serve a essa construção no texto traduzido é aquela que inicia o exemplo (33), na qual se encontram as informações a respeito de onde Fernanda estava, de que é estudante de arquitetura e tem namorado. Em língua portuguesa, toda essa caracterização serve para aproximá-la ainda mais dos leitores brasileiros, uma vez o fato de ela também ser brasileira pode fazer com que esses leitores identifiquem na sua fala seus próprios discursos: a “herança cultural” dos brasileiros, orientada pela cordialidade e receptividade, faz com que eles naturalmente (e “realmente”) queiram interagir com outras pessoas. Especificamente, a menção ao local em que Fernanda se encontrava, em inglês (“*a Middle Eastern restaurant*”) e em português (“um restaurante oriental local”), atua intensificando a representação de um povo ávido em conhecer o Outro e interagir com a novidade.

A cordialidade associada aos brasileiros parece ser uma representação fixa a ponto de ter dado origem a uma imagem: a figura do brasileiro cordial. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1956), o “homem cordial” seria caracterizado pela afabilidade, hospitalidade e generosidade, traços comuns em muitas representações sobre os brasileiros. O trecho a seguir traz uma representação mais explícita da cordialidade ou da simpatia, e pertence a uma notícia já analisada anteriormente no capítulo a respeito da representação da sensualidade e da beleza. A notícia é “*Felons All, but Free to Try Being*

Beauty Queen for a Day”, escrita por Paulo Prada e disponibilizada em primeiro de dezembro de 2005. As traduções, respectivamente do *US* e do UOL, são intituladas “Presas, mas livres para tentarem ser a rainha da beleza por um dia” e “Presidiárias, mas livres para ser rainha da beleza”, com tradução de George Andolfato. O excerto a seguir, (34), realiza a representação da simpatia ou da cordialidade brasileira e a apresenta explicitamente ao leitor norte-americano.

- (34) The inmates competed in categories that, aside from the headlining “beauty” classification, included a simpatia, or congeniality competition, plus an essay and poetry contest on the theme of “rewriting the future” (*NYT*, acesso em: 1 dez. 2005)

As presidiárias competiram em categorias que, além da principal delas, a de “beleza”, estavam incluídas a de simpatia e uma competição por ensaios e poesia sobre o tema “reescrevendo o futuro” (*US*, acesso em: 1 dez. 2005)

As presas competiam em categorias que, além da classificação de “beleza”, incluíam simpatia e uma competição de ensaio e poesia com o tema “reescrevendo o futuro” (UOL, acesso em: 1 dez. 2005)

Em (34) o jornalista relaciona “simpatia” a “*congeniality*” e associa em seu texto esses dois conceitos, o que, para o leitor de língua inglesa, pode fazer com que sejam interpretados da mesma forma. A apresentação no texto em inglês da palavra “simpatia”, em língua portuguesa, ao passo que mostra um atributo representado na escrita do Outro, valoriza e enfatiza essa qualificação associada aos brasileiros diante do leitor estrangeiro, de forma que induz esse leitor a estar atento a essa avaliação do povo representado.

Nas traduções do *US* e do UOL, essa associação não é mantida e as traduções não fornecem informação a seu respeito, o que impede que o leitor brasileiro perceba a relação que Prada estabelece entre esses dois substantivos em línguas distintas e que realça, para o

leitor estrangeiro, a relação supostamente direta entre os brasileiros e a simpatia. Ainda que se reconheça a dificuldade de reconstruir tal associação no texto em português sem o uso de notas explicativas, vale notar que esse apagamento impede que o público brasileiro veja que sua língua está sendo utilizada num texto estrangeiro para reforçar essa relação colocada pelo *NYT* como intrínseca. Em outras palavras, chamar a atenção para a omissão realizada no texto traduzido não significa uma crítica, apenas uma indicação de que um procedimento lingüístico que reforça a representação da simpatia se desfez no texto traduzido.

As passagens a seguir, todas retiradas da notícia “*The boys from Brazil*”, de autoria de Larry Rohter e publicada em oito de janeiro de 2006, reiteram a imagem da felicidade e começam a delinear a relação entre esse conceito, o otimismo e a baixa auto-estima – atributo que começa a aparecer explicitamente no caso (37). Quanto às traduções, ambas são intituladas “Os meninos do Brasil”. Embora a tradução do *US* seja parcial, todos os casos analisados aqui têm tradução dos dois *sites*. O texto do UOL é de responsabilidade de Luiz Gonçalves. O artigo trata do sucesso de público do filme brasileiro *Dois Filhos de Francisco* (Brasil, 2005), que conta a trajetória da dupla de cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano.

- (35) More than just a movie with a happy ending, “Two Sons of Francisco” has become a cultural and sociological phenomenon here. The brothers’ feisty, down-to-earth father, Francisco, who is still alive, has emerged as a national symbol of tenacity, and the combination of adversity eventually compensated by success has clearly struck a deep emotional chord with audiences. “We view this movie as a useful tool for all of society,” Zezé di Camargo, 43, said. “We show Brazil’s failings, but in the end, there is a victor” (*NYT*, acesso em: 8 jan. 2006)

Mais do que um filme com final feliz, “2 Filhos de Francisco” se tornou um fenômeno cultural e sociológico aqui. O pai, Francisco, que ainda está vivo, se tornou um símbolo nacional de tenacidade, e a combinação de adversidade eventualmente

compensada pelo sucesso é obviamente um apelo bem forte perante o público. “Consideramos este filme uma ferramenta útil para nossa sociedade”, Zezé di Camargo, 43, disse. “Mostramos os problemas do Brasil, mas no fim, há uma esperança” (US, acesso em 8 jan. 2006)

Mais que apenas um filme com final feliz, “Dois Filhos de Francisco” tornou-se um fenômeno cultural e sociológico. Francisco, o pai combativo e sensível, que ainda vive, emergiu como um símbolo nacional de perseverança, e a combinação de adversidade que é recompensada com sucesso claramente atingiu a veia emotiva das platéias. “Consideramos esse filme uma ferramenta útil para toda a sociedade”, disse Zezé di Camargo, 43. “Mostramos as deficiências do Brasil, mas no final há um final vitorioso”(UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

A introdução dessa notícia delinea o argumento tecido ao longo de todo o artigo, de que o filme teria agradado tanto ao público como aos críticos brasileiros por resgatar uma crença bastante afim a esse povo: de que a adversidade, o esforço pessoal e a honestidade são compensados pelo sucesso posterior, como se pode interpretar a partir da leitura do *NYT*. O discurso de Zezé di Camargo, que afirma considerar o filme uma ferramenta útil para toda a sociedade, pois apesar de mostrar os problemas do país, ao final mostra que houve a vitória sobre tais problemas, começa a corroborar a argumentação do texto.

Nas traduções do *US* e do UOL, pode-se dizer que o argumento relacionado a essa crença é enfraquecido em alguns pontos, mas mantido ou até mesmo reforçado em outros. Considera-se que é suavizado no texto do *US* uma vez que a caracterização de Francisco (“*feisty, down-to-earth*”), pai dos dois cantores, foi omitida. A omissão do adjetivo “*feisty*” (“combativo”, “bravo”) e de “*down-to-earth*” (“prático” ou “realista”), leva a tradução do *US* a não recorrer a uma predicação que serve para realçar a construção realizada pelo *NYT* nesse fragmento: a de que os brasileiros são afeitos à crença de que se esforçando e sendo realistas, vencerão as dificuldades e atingirão seus objetivos. Na tradução do UOL, a adjetivação é mantida, sendo utilizados os termos “combativo” e “sensível”, respectivamente. Ambas as

traduções mantêm a informação de que Francisco havia se tornado um símbolo nacional – de tenacidade, na tradução do *US*, e de perseverança, na do UOL. Essa declaração, ao elevar de tal forma o pai dos cantores, corrobora para os brasileiros a imagem elaborada pelo *NYT*, de que o filme obteve reconhecimento do público por conseguir que os espectadores se identificassem, e tal identificação foi tamanha que Francisco havia se transformado num símbolo nacional.

No momento em que Zezé di Camargo fala a respeito da importância do filme, há na tradução do *US* um reforço dessa importância na leitura de que a obra seria uma ferramenta útil para “nossa sociedade”. Considera-se que o efeito causado pelo texto do *US* é mais expressivo, uma vez que o uso do pronome possessivo “nossa” pode conferir aos leitores brasileiros uma sensação de maior unidade e identidade que a opção do UOL (“toda a sociedade”). Ao final do trecho, as duas traduções de “*there is a victor*” simbolizam uma espécie de progressão. Considerando-se que, de acordo com a representação já existente e reiterada aqui pelo *NYT*, os brasileiros têm a “esperança de vencer”, pode-se afirmar que a tradução do *US* teria enfatizado um estágio intermediário desse “percurso”, ao optar pela tradução “no fim, há uma esperança”. UOL, por sua vez, focalizaria o último estágio da “trajetória brasileira”, ao traduzir “no final há um final vitorioso”. De qualquer forma, é importante ressaltar que ambas as opções confirmam a imagem expressa no texto em inglês e que, numa outra interpretação, pode-se dizer que a tradução do *US* (“há uma esperança”) remete mais diretamente à construção da imagem de brasileiros como povo otimista realizada pelo *NYT*.

Como demonstra esse caso e também outros fragmentos posteriores, a tradução, de um modo geral, autentica o raciocínio expresso no *NYT*, de que os brasileiros cultivariam a crença de que a adversidade, compensada pela batalha pessoal e aliada à esperança, leva ao sucesso ou, como se lê no exemplo (35), na tradução do UOL, à vitória. Pode-se afirmar então que é

possível que os tradutores dessa notícia sejam levados a reconstruir, em língua portuguesa, a representação relacionada a esse argumento devido ao fato de ele ser acolhido e autorizado pelo imaginário nacional. Arrojo (1992) sustenta que a fidelidade em tradução é tão possível quanto factível e que a questão que hoje se coloca aos teóricos da área é a que são fiéis a tradução e o tradutor. Para a autora, todo indivíduo carrega uma carga ideológica que determina suas atitudes e preferências nas esferas social e profissional e permeia mesmo inconscientemente as suas escolhas de palavras.

Considera-se que a carga ideológica da qual fala a autora é construída em parte pelos vários discursos que cercam o tradutor ao longo de sua vida e, se nesse, assim como em outros exemplos, a representação de brasileiros otimistas é reconstruída na tradução, isso se deve parcialmente ao fato de essas imagens serem consideradas positivas pelos discursos predominantes no Brasil a respeito dos brasileiros.

Na passagem seguinte observa-se a idéia de que todos os brasileiros deveriam conhecer a história contada no filme, ou seja, implicitamente o enredo possuiria algo em comum com a forma como muitos brasileiros percebem sua própria trajetória.

- (36) Even notoriously hard-to-please critics in the country's largest and most cosmopolitan cities were won over by the film's positive message, with some admitting that they were moved to tears. "For love of the cinema and of Brazil, you can't not see this movie," wrote Luiz Carlos Merten in the daily O Estado de São Paulo (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

Até mesmo os críticos mais ferrenhos do país foram convencidos pela mensagem positiva do filme (alguns chegaram a admitir que verteram lágrimas). "Por amor ao cinema e ao Brasil, você não pode deixar de ver esse filme", escreveu Luiz Carlos Merten, no diário O Estado de São Paulo (US, acesso em: 8 jan. 2006)

Mesmo críticos famosos por seus critérios exigentes, nas cidades mais cosmopolitas do país, foram conquistados pela mensagem positiva do filme, e alguns admitiram que se comoveram até as lágrimas. “Por amor ao cinema e ao Brasil, você não pode deixar de ver este filme”, escreveu Luiz Carlos Merten no jornal “O Estado de S. Paulo” (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

Nesta passagem, vê-se que, de acordo com o texto em inglês, *Dois filhos de Francisco* agradou amplamente até mesmo os críticos mais exigentes das grandes cidades brasileiras. Em outras palavras, o filme teria ultrapassado as barreiras entre o Brasil rural e o Brasil urbano. Além disso, um crítico brasileiro afirma que ninguém deveria deixar de assistir ao filme, por amor ao cinema e ao país. O fato de assistir à obra ser considerado um ato de amor ao Brasil reitera a idéia de que os brasileiros veriam nas telas um retrato de sua própria experiência como povo, como afirmado anteriormente.

Neste caso, pode-se dizer que as traduções mostram opções mais homogêneas em relação ao exemplo anterior. O fato de o filme ter agradado inclusive aos críticos das grandes cidades brasileiras não aparece na tradução do *US*, texto a partir do qual depreende-se apenas que o filme teria agradado até mesmo os críticos mais severos. Esta idéia aparece de forma evidente somente no texto do UOL. Por outro lado, as duas traduções mantêm a declaração, realizada por um brasileiro, de que assistir ao filme seria um ato de amor ao Brasil. Essa declaração, feita para o leitor brasileiro, assume o poder de reforçar que a trajetória narrada no filme teria muito em comum com a de muitos espectadores.

Os casos anteriores, (35) e (36), permitem que se veja, traçada no texto do *NYT*, a imagem do otimismo como um conceito enraizado ao caráter do povo brasileiro. De maneira similar, Page coloca o otimismo entre as características fundamentais à descrição do caráter desse povo. Ao mencionar que problemas como a violência e a corrupção vinham ultimamente atingindo o conhecido otimismo dos brasileiros, o autor relata que “de fato, os

brasileiros parecem ter perdido muito de seu otimismo, que já foi a pedra fundamental de seu caráter nacional” (p. 1).³

No exemplo seguinte (37), começa a aparecer também a imagem da baixa auto-estima relacionada ao otimismo:

- (37) The film’s timing has also proved propitious. The government of president [Luiz Inácio Lula da Silva](#), another poor peasant lad who overcame unfavorable odds in his ascent, has been paralyzed since May by the worst corruption scandal in Brazil’s modern history, leaving Brazilians disillusioned and sorely in need of a boost to their self-image (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

O timing do filme também se provou adequado. O governo do presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#), outro menino que nasceu nas classes pobres e enfrentou vários desafios na sua ascensão, está paralisado desde maio passado, quando um escândalo de corrupção atacou o país, deixando os brasileiros desiludidos e precisando de uma melhoria na sua auto-estima (US, acesso em: 8 jan. 2006)

O momento do lançamento do filme também foi propício. O governo do presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#), outro rapaz pobre que superou as probabilidades desfavoráveis em sua ascensão, está paralisado desde maio pelo pior escândalo de corrupção na história moderna do Brasil, deixando a população desiludida e muito necessitada de um reforço à sua auto-estima (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

Em (37), Rohter menciona o caso do presidente Luís Inácio Lula da Silva como outro exemplo de brasileiro que havia superado uma vida difícil e conseguido ascensão. A menção ao caso de Lula atua na explicitação, para o leitor estrangeiro, de como a crença no esforço pessoal e na honestidade que levam à vitória seria cara aos brasileiros. A esse respeito, Utsch (2003), em resenha da obra *O povo brasileiro* (2000)⁴, de Darcy Ribeiro, afirma que os

³ “Indeed, Brazilians themselves seemed to have lost much of the optimism, once the bedrock of their national character”.

⁴ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

brasileiros necessitariam constantemente de exemplos de ascensão pessoal devido ao fato de terem uma auto-estima deficiente. Esta baixa auto-estima se manifestaria especialmente diante de povos de países considerados hegemônicos e, assim, o povo brasileiro precisaria que líderes que atuassem como exemplos de sucesso viessem ao socorro do ego de todos. Dessa forma, a apresentação do caso de Lula pode servir, especialmente para o leitor estrangeiro, como exemplo de um líder político que teria servido para melhorar a auto-imagem dos brasileiros.

Ainda em (37), o jornalista afirma que o governo de Lula – embora a trajetória do presidente tenha em outros tempos orgulhado os brasileiros – naquele momento representava para muitos uma desilusão, devido aos vários escândalos políticos ocorridos durante o primeiro mandato do presidente. Assim, por meio do filme *Dois Filhos de Francisco*, a dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano atuaria como uma liderança artística que, aparecendo num momento propício, possibilitava uma melhora na auto-estima do povo e evitava que a decepção provocada pela corrupção no governo de Lula enfraquecesse nos brasileiros o otimismo que lhes seria característico.

No que se refere às traduções, cabe notar que o texto do *NYT* faz referência a “*self-image*” dos brasileiros, substantivo que é definido pelo *LDEL* (2002) como: “*the idea one has of one’s own personality, looks, or mental ability*”.⁵ Em ambas as traduções, no entanto, tem-se a menção à “auto-estima”, que o *Houaiss* (2004) define como “qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, conseqüentemente, confiança em seus atos e julgamentos”. Por meio da definição do *LDEL*, percebe-se que “*self-image*” não se relaciona, necessariamente, à questão da auto-valorização, mas sim às concepções gerais de uma pessoa em relação a si mesma. Dessa forma, além de confirmarem o argumento e a construção do jornal estrangeiro em relação à hipotética auto-depreciação dos brasileiros, as

⁵ “a concepção que alguém tem de sua própria personalidade, aparência, ou habilidade mental”.

traduções remetem o leitor brasileiro diretamente à questão da auto-estima (imprescindível à construção da imagem da baixa auto-estima), ainda que no texto em inglês tenha sido utilizada a expressão “*self-image*”. Paralelamente a essa intensificação, o texto do *US* suaviza a necessidade dos brasileiros de uma melhora em sua auto-imagem, o que se vê na tradução de “*sorely in need of a boost to their self-image*” apenas por “precisando de uma melhora em sua auto-estima”. A intensificação dessa necessidade aparece apenas na tradução do UOL, em que se lê “muito necessitada de um reforço à sua auto-estima”. A idéia de que o filme traz de volta aos brasileiros o otimismo enfraquecido pela decepção com o governo de Lula é mantida em ambos os textos em língua portuguesa, sendo construída também para o público brasileiro a imagem de si como um povo de auto-estima baixa.

O fragmento (38), ao afirmar que o filme mostra um Brasil pouco conhecido pelos estrangeiros, permite a leitura de que o país rural mostrado ali seria o Brasil real, puro, sem a sofisticação de alguns gêneros musicais ou a violência das grandes cidades.

- (38) For foreign viewers, “Two Sons of Francisco” offers a glimpse of a Brazil that is little known outside the country’s borders. The world of “Two Sons of Francisco” is neither the sophisticated salons of Copacabana where the bossa nova was invented nor the violent urban slums, but a more placid, rural Brazil where traditional values and a simpler way of life still reign (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

Para espectadores estrangeiros, “2 Filhos de Francisco” nos traz uma imagem de um Brasil muito pouco conhecido fora das fronteiras do país. O mundo de “2 Filhos de Francisco” não são nem os salões sofisticados de Copacabana, onde a Bossa Nova foi inventada, nem as favelas violentas, mas um país mais plácido, um Brasil rural onde os valores tradicionais e um estilo de vida mais simples ainda imperam (US, acesso em: 8 jan. 2006)

Para os espectadores estrangeiros, “Dois Filhos de Francisco” oferece a visão de um Brasil pouco conhecido fora de suas fronteiras. O mundo do filme não são os salões

sofisticados de Copacabana, onde a foi inventada bossa nova, nem os violentos guetos urbanos, mas um Brasil mais rural e tranqüilo, onde ainda predominam valores tradicionais e um modo de vida mais simples (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

No caso (38), o texto em inglês e as traduções sugerem a possibilidade de se ler que o país mostrado em *Dois Filhos de Francisco* é o Brasil tranqüilo, tradicional e autêntico. Essa possibilidade, aliada à informação de que nesse país à parte ainda predominam valores tradicionais e um modo de vida mais simples, reforça, tanto para o leitor estrangeiro como para o brasileiro, a partir da tradução, que o filme havia conquistado esses últimos porque mostraria justamente a verdade para muitos deles. Em outras palavras, se o Brasil de *Dois Filhos de Francisco* é sugerido como o Brasil autêntico, a lição trazida pelo filme também seria interpretada, pelos brasileiros, como tal: “apesar das dificuldades, por meio do esforço se pode alcançar a vitória” ou “apesar da baixa auto-estima, o otimismo ainda está presente no caráter dos brasileiros”. Desse modo, a diferenciação desses dois Brasis (aquele das metrópoles, violento e sofisticado e aquele rural e simples), também realizada nas traduções, atua na autenticação da forma como o *NYT* representa os brasileiros. Implicitamente tem-se, em inglês e também em português, a leitura de que a identificação do público brasileiro com o filme deu-se em grande parte porque a história contada ali é interpretada pelos brasileiros como real e autêntica.

O excerto (39) evidencia, além do caráter representativo de *Dois filhos de Francisco*, a consideração de que o Brasil rural seria o verdadeiro Brasil, uma vez que é o próprio cantor Zezé di Camargo quem realiza a afirmação.

- (39) “The real strength of this country, economic and cultural, still comes from the heartland, which is the same place that we and our music come from,” Zezé di Camargo said. “Our style of music is not something invented or imposed by the media, but is in the blood of the people. It descends from songs that our parents and

grandparents heard and has the genuine flavor of country life” (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

“A verdadeira força econômica e cultural deste país ainda vem do interior, que é de onde viemos nós e nossa música”, disse Zezé di Camargo. “Nosso estilo de música não é algo inventado ou imposto pela mídia, mas está no sangue da nossa gente. Ela surge com as canções que nossos pais e avós ouviram e tem um sabor genuíno de vida no campo” (US, acesso em: 8 jan. 2006)

“A verdadeira força deste país, econômica e cultural, ainda vem do interior, que é o lugar de onde nós e nossa música viemos”, disse Zezé. “Nosso estilo de música não é uma coisa inventada ou imposta pela mídia, mas está no sangue das pessoas. Vem das canções que nossos pais e avós ouviam e têm um sabor genuíno da vida no campo” (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

As escolhas lingüísticas – em destaque – realizadas por Rohter e também pelos tradutores brasileiros auxiliam na caracterização do filme, da lição trazida por ele e do Brasil mostrado ali, como verídicos e significativos. Essa atribuição de valor de verdade aos componentes do filme, no texto em inglês e nas traduções, continua realçando a representação do povo brasileiro que o NYT elabora utilizando a voz de Zezé.

Em (40) o argumento algumas vezes sugerido pelo NYT, de que o filme mostra a experiência brasileira, aparece nitidamente, e na voz de um brasileiro, garantindo credibilidade ao relato.

- (40) “This story is the synthesis of the Brazilian experience, and it’s good for our self-esteem as a people,” he [José Dumont] said. “These are folks who come from nothing, but end up on top, not because they’ve trampled others but because they have battled hard and honestly and followed their dream” (NYT, acesso em: 8 jan 2006)

“Essa história é a síntese da experiência brasileira, e é bom para nossa auto-estima como povo”, ele [José Dumont] disse. “Esses são caras que vêm do nada, mas acabam no topo, não por que passaram a perna em outros, mas porque eles lutaram dura e honestamente, seguindo seus sonhos” (US, acesso em: 8 jan 2006)

“Essa história é a síntese da experiência brasileira, e é boa para nossa auto-estima como povo”, ele [José Dumont] disse. “São pessoas que vêm do nada, mas acabam no topo, não porque se aproveitaram de outros, mas porque batalharam muito, honestamente, e perseguiram seu sonho” (UOL, acesso em: 8 jan 2006)

Também expressa por José Dumont (ator que no filme interpreta o primeiro empresário da dupla), aparece a idéia da honestidade aliada à luta pessoal em busca dos sonhos, sendo essa construção mantida em ambas as traduções. Além disso, sua declaração de que a dupla sertaneja havia conseguido o sucesso sem recorrer à desonestidade pode ser lida como uma negação da “Lei de Gerson” que, para Ferreira (2001), representa a antiética brasileira da vantagem e pode ser considerada uma “instituição nacional” (p. 75).

Novamente divulgada para o público estrangeiro e reiterada para o público brasileiro, pode-se ler a representação desses últimos como um povo cheio de otimismo, mas também de auto-estima deficiente. Page (1995, p. 10) confirma essa última representação do povo brasileiro ao afirmar que “oculto sob seu senso de grandiosidade está um complexo de inferioridade [...]. Os brasileiros permitem-se ignorar suas virtudes e fixar-se em seus defeitos”.⁶ O povo brasileiro, então, freqüentemente necessitaria presenciar acontecimentos bem sucedidos ou conhecer relatos que, ao reproduzir a experiência brasileira, ajudariam na melhora dessa auto-estima.

Nota-se que, na grande maioria das vezes, as traduções do US e do UOL assumem, em língua portuguesa, a representação construída pelo NYT, contribuindo para a reiteração da

⁶ “Lurking behind their sense of grandiosity is an inferiority complex [...]. Brazilians are wont to ignore their own virtues and fixate on their shortcomings”.

suposta forma como os brasileiros se vêem e percebem sua experiência. Aqui a “experiência brasileira” à qual José Dumont se refere estaria bastante relacionada à crença a respeito da vitória sobre a adversidade. A menção a uma “experiência” provoca o estabelecimento de uma relação entre otimismo, esforço pessoal e vitória e a história, levando à interpretação de que tais traços historicamente caracterizariam os brasileiros. Algo similar ocorre no caso (33), quando se lê que os brasileiros haviam sido conquistados pelo Orkut devido a sua “*inherently social culture*” (“inerente cultura social”) ou, como se tem na tradução, por causa da “herança cultural” do país. Nas duas passagens, (33) e (40), o uso de determinadas expressões (“*social culture*” e “*Brazilian experience*”, respectivamente) incitam a associação a uma história já estabelecida, o que auxilia no enraizamento de imagens que surgem quando se olha os brasileiros.

A passagem (41) continua a construção evidenciada no exemplo anterior:

- (41) In contrast, the director of “Two Sons of Francisco,” Breno Silveira, has deliberately chosen a style that he describes as “dry, simple and direct.” Nor, he said, did he dwell more than he needed to on the Camargo family’s poverty. “People always talk of misery but I don’t believe in that,” he said. “We are a happy, hopeful people, and I wanted to reflect that” (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

Em contraste, o diretor de “2 Filhos de Francisco”, Breno Silveira, escolheu um estilo que ele mesmo descreve como “seco, simples e direto”. Nem, segundo ele, ficou muito parado na pobreza da família Camargo. “As pessoas sempre falam sobre miséria, mas eu não acredito nisso”, ele disse. “Somos pessoas felizes e esperançosas, e queria refletir isso” (US, acesso em: 8 jan.2006)

Em comparação, o diretor de “Dois Filhos de Francisco”, Breno Silveira, escolheu deliberadamente um estilo que descreve como “seco, simples e direto”. Ele disse que não explorou a pobreza da família Camargo além do necessário. “As pessoas sempre

falam sobre miséria, mas não acredito nisso”, ele disse. “Somos um povo feliz e esperançoso, e eu quis refletir isso” (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

A menção ao estilo escolhido pelo diretor do filme, Breno Silveira, como “*dry, simple and direct*” (“seco, simples e direto”) reitera a caracterização do Brasil mostrada no filme, analisada no exemplo (38): “*placid*” (“tranquilo”), “*rural*”, “*where traditional values and a simpler way of life still reign*” (“onde valores tradicionais e um estilo de vida mais simples ainda imperam”). A relação entre essas duas caracterizações, a do Brasil e a do estilo do filme, atua na ênfase do hipotético caráter de autenticidade e representatividade da história contada em *Dois Filhos de Francisco*.

Ao final do trecho, além de ser retomada a representação do otimismo, ocorre também a representação da felicidade (“*We are a happy, hopeful people*”). A afirmação de Breno Silveira é mais enfática na tradução do UOL, em que se tem a tradução por “somos um povo feliz e esperançoso”. Ainda que possa estar relacionada à intenção do tradutor de evitar uma repetição de palavras (em que “pessoas” apareceria duas vezes num trecho pequeno, como ocorreu no texto do *US*), a utilização do termo “povo” (na tradução do UOL) sugere uma idéia de maior unidade e homogeneidade ao público brasileiro, dando também margem à generalização. Ainda assim, considera-se que em ambas as traduções encontra-se assumida para os brasileiros a identidade de povo feliz e otimista. Novamente percebe-se que o fato de ser um brasileiro quem afirma que os brasileiros são felizes e esperançosos, de certa forma afasta o jornalista da responsabilidade por essa asserção, ao mesmo tempo em que simboliza e reafirma o discurso do *NYT*, conforme o pensamento de Maingueneau (1997) e Mariani (1998) (cf. capítulo 2).

Venuti, na Introdução de *Rethinking Translation* (1992), declara que a tradução situa-se numa configuração intertextual e ideológica que pode escapar ao alcance do tradutor e resultar em conseqüências distintas, como a reprodução social ou a mudança. A partir da

reconstrução da fala de Breno Silveira em português, a tradução da notícia possibilita que a verdade construída na declaração do diretor do filme resulte, neste caso, na manutenção de um jogo de imagens há muito presente nas interpretações sobre os brasileiros ou, como supõe Venuti, em reprodução social.

No último parágrafo da notícia, tem-se reafirmado no texto de Rohter o argumento do filme a respeito do otimismo, apresentado explicitamente como um atributo geral dos brasileiros.

- (42) Whether the movie can come anywhere near that kind of success abroad remains to be seen, of course. But with its emphasis on talent overcoming adversity, “Two Sons of Francisco” contains echoes of recent Hollywood biopics about the lives of [Johnny Cash](#) and Ray Charles, and those involved in the making of the movie are optimistic – as Brazilians usually are (NYT, acesso em: 8 jan. 2006)

Se esse filme alcançará o mesmo sucesso no mercado externo, ainda é uma incógnita. Mas com sua ênfase no talento superando as adversidades, “2 Filhos de Francisco” ecoa recentes produções hollywoodianas sobre as vidas de Johnny Cash e Ray Charles, e aqueles envolvidos no processo de produção do filme estão otimistas – como geralmente são os brasileiros (US, acesso em: 8 jan. 2006)

Se o filme poderá chegar perto desse sucesso no exterior ainda é uma incógnita. Mas, com sua ênfase para o talento que supera a adversidade, “Dois Filhos de Francisco” traz ecos de recentes obras biográficas de Hollywood sobre Johnny Cash e Ray Charles, e os participantes do filme estão otimistas, como costumam ser os brasileiros (UOL, acesso em: 8 jan. 2006)

Ao afirmar que os realizadores do filme estão otimistas, como costumam ser os brasileiros, em relação ao possível sucesso do filme fora do Brasil e terminar seu texto lembrando o otimismo e não mais mencionando a baixa auto-estima, Rohter leva seu leitor a inferir que também em relação aos brasileiros isso ocorreria. Pode-se entender que, embora

muitas vezes os brasileiros sejam marcados pela falta de auto-valorização, o otimismo ainda predomina em seu caráter. Tal leitura é possibilitada tanto pela tradução do *US* como pela do UOL, o que faz com que também as notícias em língua portuguesa se encerrem de maneira positiva e, por que não dizer, otimista.

Acredita-se que uma cultura considerada dominante, como a norte-americana, tende a construir representações de culturas periféricas que ratifiquem os estereótipos associados a essa última cultura. Segundo essa concepção, um Outro hegemônico muitas vezes vê apenas o que quer ver e elabora essa visão da forma como quer. Esta hipótese encontra-se relacionada ao fato de em poucas notícias do *NYT* analisadas neste trabalho ter sido possível perceber um desafio ou questionamento das imagens do Brasil e dos brasileiros já existentes no imaginário norte-americano. Pelo contrário, nas notícias em que há representação cultural, essa tende a se orientar no sentido de fixar imagens recorrentes, como as analisadas neste capítulo.

4.1 A representação da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima: considerações

O texto do *NYT*, independentemente da autoria que lhe é atribuída, apresenta, diluídas em meio a notícias de diferentes enfoques, determinadas interpretações dos brasileiros. Pode-se dizer assim que, mais do que avaliações pontuais, as representações percebidas nos artigos delineiam um discurso relativamente coeso a respeito desse Outro considerado subordinado. Martins (2003) afirma que o gênero jornalístico concentra vários discursos que constituem o imaginário de uma determinada sociedade em dado período. No momento em que esse discurso está relacionado a outro país, povo ou cultura (neste caso, o discurso do *NYT* relacionado aos brasileiros), tem-se uma representação cultural que, sendo traduzida para o

público retratado, pode influenciar a constituição das identidades desse público. Para Chapinha (2000), a representação realizada por estrangeiros tem influência sobre as identidades dos brasileiros, já que esses acabam encontrando pontos de identificação com essas imagens. A esse respeito, Ferreira (2001, p. 69) diz ainda que faz parte da história dos brasileiros deixar que outros povos os descrevam e dar importância a essas descrições. A autora afirma ser esse um “processo peculiar de constituição” deste povo, uma vez que dependeria parcialmente de uma ética estrangeira para definir os contornos de sua identidade. Esses sujeitos assimilariam, assim, os sentidos produzidos por essas muitas vozes que os definem, incorporando tais sentidos ao imaginário de sua própria sociedade. No caso de a representação ser traduzida, como é o caso desta pesquisa, maior ainda é essa influência e mais efetiva poderá ser a incorporação desses discursos aos discursos dos próprios brasileiros.

O que se percebe nas representações analisadas neste capítulo é uma amostra da dinâmica desse processo. Mais produtivo que analisar separadamente o que o estrangeiro diz dos brasileiros para então verificar o que os brasileiros dizem ou repetem sobre si mesmos, é perceber que são dois discursos, duas representações bastante similares e praticamente contínuas, diferindo apenas em pequenos pontos.

A construção que o *NYT* realiza dos brasileiros aqui, como povo cordial, simpático e otimista, mas com uma auto-imagem – “*self-image*”, caso (37) – e auto-estima – “*self-esteem*”, caso (40) – insatisfatórias, é reiterada quase em sua totalidade pelas traduções das notícias. Nos textos em português, os mecanismos utilizados nessa construção foram também bastante similares. Pôde-se notar, no exemplo (33), que em lugar apenas da utilização de citações em que os brasileiros valoram a si mesmos, adicionaram-se informações a respeito do local em que se encontrava a brasileira entrevistada, sua escolaridade, bem como aspectos relacionados à sua vida amorosa. Essas informações, apesar de parecerem irrelevantes, autenticaram o discurso expresso no texto em inglês e na tradução. Fizeram-se presentes

também termos que remetem implicitamente à história do povo e do país, de forma a reforçar que o povo brasileiro possivelmente apresentaria certos atributos como herança ou tradição – casos (33) e (40). O *NYT* usou, numa passagem, um conceito inicialmente neutro (“*congeniality*”), mas que tem sua significação realçada quando utilizado na leitura de outro povo – excerto (34). Traduzido nos textos em português, esse atributo corroborou o papel que já exerce na descrição do “caráter” dos brasileiros. No texto em inglês, talvez com o intuito de chamar a atenção do leitor estrangeiro para essa avaliação tão comum aos brasileiros, o jornalista estrangeiro utiliza a palavra em português (“*simpatia*”), juntamente com o substantivo em inglês, justaposição apagada nas traduções. Viu-se também no jornal norte-americano a constatação de que um determinado filme produzido no Brasil mostra uma crença tão relacionada aos brasileiros que seria a responsável pelo sucesso do filme – casos (35) a (42). Fariam parte dessa convicção elementos como otimismo e a vitória compensando a adversidade. Na tradução, salvo algumas omissões consideradas pouco importantes, também foi apresentada ao leitor brasileiro a idéia de que o filme, por meio desse princípio, traduziria o Brasil. Tem-se a sugestão de que os brasileiros quase sempre necessitariam de relatos (freqüentemente vindos de líderes políticos ou artísticos) que melhorassem sua auto-estima deficiente, o que se lê também nas duas traduções para o português. Cabe lembrar que no exemplo (37), tanto a tradução do *US* como a do UOL intensificam essa representação ao traduzir “*self-image*” por “auto-estima”. A utilização de termos, em inglês e nas traduções, que se aproximam da idéia de “tradicional”, “simples”, “genuíno” atua ainda na autenticação da leitura realizada pelo *NYT* e reconstruída na tradução.

Essa reconstrução nas traduções resultaria em prática semelhante àquela causada pela reiteração, nas notícias traduzidas, da representação da sensualidade e da beleza. O resultado é o não-questionamento e a constante reprodução desse estereótipo, cuja sobrevivência é

continuada no imaginário estrangeiro e brasileiro sobre o povo do Brasil. A esse respeito Ferreira (2001, p. 70-71) afirma que

no caso específico dos clichês sobre o brasileiro, a imagem que eles passam, no seu modo próprio de funcionamento, é a de um espelho onde os cidadãos se vêem refletidos. E a reiterada exposição dessa imagem faz com que o ser refletido no clichê, não apenas nele se reflita, mas também se retrate, tal o grau de entranhamento entre o dizer e seu modo de ser e pensar. Na sua íntima convivência com o clichê, o brasileiro aceita que falem dele, e mais: ele próprio é agente dessa fala que se encontra diluída no inconsciente coletivo do país.

Considerando-se que o uso que a autora faz do termo “clichê” é semelhante ao uso feito nesta pesquisa do termo “estereótipo” ou “imagem estereotipada”, percebe-se, por meio de suas palavras, o poder que imagens reiteradas têm de se enraizar na maneira como um povo (nesse caso, o brasileiro) se vê e é visto por outros povos. No caso do corpus analisado neste capítulo, essas imagens são reproduzidas pela tradução. Para Lefevere (1990), a tradução é a reescritura em língua nacional de um texto em língua estrangeira e, como toda reescritura, reflete uma ideologia cuja função é levar o receptor a reagir de uma dada maneira. E é isto que confere à tradução de pensamentos, palavras e imagens a característica de instrumento de manipulação a serviço de um dado poder.

Ao se relacionar esta pesquisa às palavras do autor, pode-se dizer que as traduções das notícias aqui analisadas, como reescrituras que são, refletem determinados discursos e ideologias. Partindo-se do pressuposto de que a tradução pode atuar como meio de manipulação, é possível afirmar que essa prática influencia a forma como certas imagens e identidades são percebidas pelo povo brasileiro. No caso das imagens foco deste capítulo, as traduções, ao ratificarem em língua portuguesa praticamente o mesmo discurso do estrangeiro, sem omissões ou suavizações consideráveis, não desafiam as imagens que compõem o imaginário brasileiro a respeito de si mesmo. Por meio da tradução, essas

imagens ganham sobrevida, contribuindo, talvez, para a manutenção de práticas de dominação no contato entre a cultura brasileira, já rotulada de antemão, e culturas consideradas hegemônicas, como a norte-americana. Nesse contato, e de acordo com essas representações realizadas por estrangeiros e autenticadas por brasileiros, esses últimos continuariam sendo vistos como cordiais (para com um estrangeiro considerado superior), otimistas (talvez sem motivo aparente), e de baixa auto-estima (talvez com razão).

Pode-se perceber que, assim como ocorreu com a representação da sensualidade e da beleza, a representação da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima é majoritariamente reconstruída nas traduções. A corroboração, nos textos traduzidos, desses dois grupos de representações parece ser influenciada pelo fato de os atributos enfocados nos capítulos 2 e 4 serem considerados positivos pelo imaginário brasileiro. Sendo assim, uma vez que os brasileiros consideram “bom” ser visto como um povo sensual, belo, cordial e otimista (embora de baixa auto-estima), as traduções seriam levadas a reconstruir em língua portuguesa tais representações. No caso deste capítulo, dos três atributos enfocados, somente a baixa auto-estima poderia a princípio ser considerada negativa. No entanto, como se procurou demonstrar, uma vez que se encontra intensamente relacionada com outros conceitos tidos como positivos no contexto da representação cultural, acaba tendo esse aspecto negativo amenizado, sendo, assim com os outros, majoritariamente ratificada nos textos traduzidos.

CAPÍTULO 5

A REPRESENTAÇÃO DO BRASIL COMO PARAÍSO NATURAL E PAÍS EXÓTICO

A representação cultural realizada pelo *NYT* estudada neste capítulo refere-se à construção da imagem do Brasil como um paraíso natural e exótico, sendo esse último traço associado também aos brasileiros. Essas duas representações são aqui tratadas em conjunto já que, assim como ocorreu com as representações analisadas no capítulo anterior, encontram-se estreitamente relacionadas e freqüentemente se articulam e co-ocorrem na retomada de representações que fazem parte do imaginário brasileiro e estrangeiro sobre o Brasil e seu povo. Essa associação foi também verificada por Freitas (2006, p. 242) que, em estudo sobre a representação do país na propaganda turística de diferentes estados brasileiros, percebe “a construção do natural e do exótico, como forma de marcação daquilo que pode nos diferir de outras nações” e que “constrói a fantasia tão cantada nos versos de Jorge Benjor do ‘[...] país tropical / Abençoado por Deus / E bonito por natureza’; enfim, de um paraíso natural”. Algumas imagens mencionadas por essa conhecida música coincidem ou se relacionam com as representações examinadas pela autora e com as estudadas neste capítulo: a de um país majoritariamente tropical, pitoresco, exótico, uma dádiva de Deus e da natureza.

Autores como Chauí (2000) e Souza (1994) lembram que o Brasil é uma invenção ideológica, pois antes de ser encontrado, já havia no imaginário europeu fantasias sobre uma terra exótica, e o país foi encaixado desde seu descobrimento nessa fantasia. Souza (1994) afirma que a Europa, pelo contrário, foi povoada antes do surgimento de qualquer fantasia a seu respeito, não sendo uma terra cujo descobrimento teria sido sonhado ou idealizado. Pelo

contrário, a América e, conseqüentemente, também o Brasil, era antes de tudo uma idéia, e foi por isso moldada para ser um novo mundo.

Pretende-se mostrar como o ato de associar, num texto jornalístico, o Brasil à idéia de um paraíso natural pode contribuir para a estabilização de representações que já se colocavam desde os primeiros relatos sobre o país, que eram repletos dessas imagens, de acordo com Chaui (2000). Page, por exemplo, refere-se ao país como “exótico refúgio nos trópicos” (1995, p. 3),¹ o que indica que denominações e predicções desse tipo vêm se tornando tão comuns e cristalizadas que são realizadas quase sempre de maneira a não evidenciar as questões culturais e políticas implícitas a esse tipo de caracterização. Essas denominações tendem a ocultar, muitas vezes, formas de disseminação de estereótipos e preconceitos – Brasil: terra natural, intocada, pobre, atrasada – que há muito estão presentes na representação de culturas consideradas subordinadas.

A concepção de exótico – e, conseqüentemente, de exotismo – utilizada neste trabalho é mais ampla que a comumente dicionarizada, relativa àquele ou àquilo que não é nativo, que não pertence ao ambiente local, estrangeiro. Mais do que indicar o que vem de fora, o que não é próprio, entende-se a representação do exótico e a construção do exotismo como uma forma mais ou menos sedimentada pela qual determinados países e povos são interpretados por visitantes estrangeiros. Essa forma parece revelar-se como uma maneira específica de representar e interpretar a alteridade, em que o Outro é constantemente valorado em relação àquele que observa, e nessa avaliação freqüentemente sobressaem aspectos negativos ou tidos como inferiores. A esse respeito, Piscitelli (2002) sustenta que “a valorização negativa da alteridade é evidente nos diversos procedimentos nos quais os mundos dos ‘nativos’ são considerados em termos comparativos e tendo como referência os lugares de origem dos viajantes”. A autora, que estudou a construção do exotismo em relatos de viajantes em

¹ “[...] exotic refuge in the tropics”.

diversas partes do mundo, notou em seu corpus que “a idéia de exotismo é construída através de procedimentos nos quais a alteridade é delineada mediante distinções inseridas em nítidas relações de desigualdade – no sentido de distribuições diferenciadas de poder”. Para Kempadoo (2000), o exotismo avalia os povos e culturas que são distintos daqueles do observador impondo-lhes um status de inferioridade e interpretando-o como um mundo estranho e não familiar, muitas vezes fascinante, e, algumas vezes, ameaçador.

No caso específico desta pesquisa, em que a representação do exotismo passa pela tradução, pode-se dizer que o processo de construção do exotismo tem suas dimensões culturais e políticas intensificadas, já que a prática tradutória pode reconstruir essa representação, facilitando com que os brasileiros assimilem novamente a hipotética relação de proximidade entre o Brasil e as noções de natural e exótico ou, em caso contrário, interferir no modo como esses sentidos são veiculados para os brasileiros e questionar a forma como esse povo percebe o país em que vive.

A respeito da influência que esse tipo de representação exerce nos brasileiros, Chaui (2000, p. 5) declara que, desde cedo, esse povo aprende e é levado a reiterar dizeres que afirmam ser o Brasil “um dom de Deus e da Natureza”, ou que aqui, “em se plantando tudo dá”. A autora acredita que esses dizeres revelam um mito fundador, que se constituiria em construções que ecoam em diversos momentos da história de um determinado país e atuam no sentido de afirmar certas identidades. Similarmente, Orlandi (2001, p. 7) afirma que “[...] em relação à história do país, os discursos fundadores funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país”, estabilizando-se como referência na construção da memória nacional e que a marca de tais discursos é “a construção do imaginário necessário para dar uma cara a um país em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico” (p. 17).

Freitas (2006, p. 241-242) nota escolhas recorrentes “que se mostram chave nos panfletos de alguns estados brasileiros e que levavam a descrições feitas por meio de conceitos e atributos estereotipados” e que “de alguma forma essas escolhas acabam reiterando uma visão de um país exótico”. Sobre seu estudo, a autora afirma que alguns estados brasileiros, ao realçarem seus aspectos naturais, “usam nomeações que acabam por designá-los quase como primitivos ou selvagens, ao mesmo tempo que os descrevem como exóticos”. Vale notar que esse tipo de representação também não ocorre exclusivamente em contextos de propaganda turística ou, como é o caso do trabalho de Page (1995), em relatos de viagem sobre um determinado país. Carbonell (1996, p. 84) também lembra que “a narrativa do exótico não é, de maneira alguma, exclusiva da literatura”² e que, pelo contrário, essas imagens permeiam diversos contextos e, assim como nas outras representações estudadas por esta pesquisa, muitas vezes surgem em textos cujo tema não é diretamente ligado à representação cultural. Isso ajuda a demonstrar como imagens estereotipadas se fixam no imaginário de e sobre um povo e emergem freqüentemente, cumprindo seu papel de reiterar e estabilizar leituras conhecidas.

A análise dos exemplos deste capítulo visa a mostrar como a reiteração do suposto caráter natural e exótico do Brasil ocorre nos textos do *NYT* e como a tradução trabalha com essas questões, bem como em que sentido autoriza ou não essa representação nos textos em português. De maneira geral, nos fragmentos selecionados é perceptível a representação do paraíso natural aplicado à paisagem brasileira, enquanto a do exotismo, embora também seja associada ao meio físico, é majoritariamente ligada aos costumes do povo, à sua cultura e vida social. Nos primeiros casos – (43) a (45) – a representação da exuberância natural tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro. No exemplo (46) a imagem do exotismo começa a ser reiterada sendo, nesse fragmento, relacionada à língua portuguesa. A peculiaridade associada

² “The narrative of the exotic is by no means exclusive of literature”.

ao povo brasileiro e também à vida social se estende até o trecho (60). Por vezes a representação do exotismo é mesclada à do natural, de forma que se considera que em parte das passagens analisadas neste capítulo as duas imagens são construídas simultaneamente, muitas vezes co-ocorrendo no mesmo trecho. Nos excertos (47) a (60), a representação do exotismo é realizada no relato a respeito de três cidades brasileiras: Ouro Preto – casos (47) a (51); São Paulo – (52) e (53) e Manaus – (54) a (60).

A análise do fragmento (43) se concentra na representação do paraíso natural, construída por meio do enfoque à paisagem do Rio de Janeiro. O trecho pertence à notícia “*Brazil is awash in Energy (Except for Natural Gás)*”, escrita por Paulo Prada e veiculada em 12 de janeiro de 2006. As traduções do *US* e do UOL são, respectivamente “O atraso no desenvolvimento de projetos de gás natural no Brasil” e “Atraso no desenvolvimento de gás natural mancha os feitos de energia do Brasil”, com tradução de George Andolfato. A tradução do *US* é parcial, e o fragmento (43) foi traduzido apenas pelo UOL. O artigo trata do sucesso das políticas de energia no Brasil, e Prada relata, neste momento, a visita do presidente Luís Inácio Lula da Silva a uma plataforma de petróleo.

- (43) In November, he [Lula] inaugurated an oil platform in the bay of this verdant city, donning a hard hat and praising the rig for helping the country wean itself from imported oil. A week earlier in Brasília, he lauded Brazil’s advances in renewable fuels, stating that in a few years “the entire world will take notice” (*NYT*, acesso em: 12 jan. 2006)

Em novembro, ele [Lula] inaugurou uma plataforma de petróleo na baía desta cidade verdejante [Rio], usando um capacete e a elogiando por ajudar o país a não depender do petróleo importado. Uma semana antes em Brasília, ele exaltou os avanços do Brasil em combustíveis renováveis, declarando que em poucos anos “o mundo todo notará” (UOL, acesso em: 12 jan. 2006)

Em meio às informações a respeito da inauguração da plataforma, é possível perceber a representação de um paraíso natural que usa como pano de fundo a cidade do Rio de Janeiro, qualificando-a de “*verdant city*”. Como já se afirmou, ainda que determinada representação seja realizada de forma pontual em relação a uma cidade, como foi o caso de São Paulo, na representação da sensualidade e da beleza – passagem (9) – o leitor estrangeiro tende a estender aqueles atributos a todo o país. Assim, referir-se ao Rio de Janeiro dessa forma pode trazer à mente desse leitor um Brasil verdejante de norte a sul, remetendo-o ao que Chaui (2000, p. 62-63) chama de “produção mítica do país-jardim”, ou imagem do “Brasil-Natureza”. Além de chamar a atenção para o aspecto opinativo que as predicções (como “*verdant*”) costumam revelar, Rajagopalan (2004) lembra que mesmo a designação, ao contrário de constituir uma referência neutra, quase sempre tem valor persuasivo e avaliativo, orientando o interlocutor em direção a determinadas conclusões. Num contexto sobre a produção de energia, o jornalista brasileiro insere uma imagem associada ao natural, o que demonstra como essa representação permeia diversos contextos.

O acréscimo “[Rio]” na segunda linha do texto em português é do tradutor do UOL. Embora o nome da cidade conste como local ao qual o artigo se refere, logo abaixo dos títulos das notícias em inglês e em português, esse tradutor explicita, em seu texto, qual é a “cidade verdejante” mencionada por Prada e reitera a ligação entre esse atributo e a cidade do Rio, reforçando, para os brasileiros, a representação de uma cidade de natureza exuberante.

Na passagem (44), Rohter também elabora a mesma representação e, como no fragmento (43), tal imagem é construída num texto que não tem como foco as belezas naturais do Brasil, mas trata da questão da produção de energia. A notícia é “*With Big Boost From Sugar Cane, Brazil Is Satisfying Its Fuel Needs*”, publicada em 10 de abril de 2006 e traduzida por ambos os sites brasileiros; o trecho analisado não tem tradução do US. Os títulos das traduções são “EUA podem aprender com o uso do combustível da cana-de-açúcar

no Brasil” e “EUA podem aprender com o Brasil a usar álcool combustível” no *US* e no UOL, respectivamente. Neste último *site*, a tradução é de Danilo Fonseca.

- (44) Here, where Brazil has cultivated sugar cane since the 16th century, green fields of cane, stalks rippling gently in the tropical breeze, stretch to the horizon, producing a crop that is destined to be consumed not just as candy and soft drinks but also in the tanks of millions of cars (*NYT*, acesso em: 10 abr. 2006)

Aqui, onde o Brasil cultiva a cana-de-açúcar desde o século 16, vastas plantações de cana se estendem até o horizonte, gerando uma colheita que é destinada não só a ser consumida como doces e refrigerantes, mas também a encher os tanques de milhões de carros (UOL, acesso em: 10 abr. 2006)

O artigo trata dos avanços obtidos pelo Brasil no que se refere ao uso da cana de açúcar na produção de álcool combustível. O advérbio “*here*”, no início da passagem, se refere ao estado de São Paulo, já que esse é o estado mencionado por Rohter no parágrafo anterior. Logo após a informação de que nesse estado se planta cana-de-açúcar desde o século XVI, a sugestão de um paraíso natural aparece posicionada em meio a outras informações sobre a produção do combustível. Na primeira referência a essa imagem, a expressão “*green fields*” dialoga com “*verdant city*”, encontrada no exemplo (43). Na passagem seguinte (45), o adjetivo “*verdant*” volta a aparecer na expressão “*verdant mountains*”, de forma que se percebe a representação do natural em três notícias distintas, em que a visão de uma paisagem verde (“*green*”) ou verdejante (“*verdant*”) permeia essa imagem em todos esses textos. Na tradução, essa primeira referência é omitida, já que a coloração dos campos – que aqui é relevante, pois é o elemento que direciona o leitor à visão da bela natureza do Brasil – não aparece na tradução, em que se lê apenas “plantações”. O trecho “*stalks rippling gently in the tropical breeze*”, algo próximo a “ramos agitando-se graciosamente com a brisa tropical” também não é traduzido. A omissão na tradução de um trecho em que o modo como as

plantações se movimentam com a brisa é descrito de forma a ressaltar o caráter natural da paisagem brasileira – ainda que tais imagens encontrem-se num artigo de economia – faz com que o leitor do Brasil, nesse caso, não tenha acesso a nenhum elemento da representação do paraíso natural realizada aqui.

O excerto a seguir refere-se a uma notícia mais recente: “*At Pan Am Games, Play It Safe and Enjoy*”, novamente escrita por Rohter e publicada em três de junho de 2007. O artigo foi traduzido pelo UOL no dia cinco do mesmo mês por Marcelo Godoy, com o título “Nos Jogos Pan-americanos, divirta-se com segurança”. Em seu texto, Rohter traz algumas informações referentes à segurança aos leitores norte-americanos que pretendiam ir ao Rio assistir aos jogos.

- (45) Nestled between verdant mountains and an azure sea, Rio is without question a stunning site for the games, and more than \$1.5 billion has gone into the preparations, including the new 45,000-seat João Havelange Stadium. But as hospitable as the city can be, it is not without problems for visitors, particularly when it comes to safety (NYT, 3 jun. 2007)

Abrigada entre montanhas verdejantes e um mar azul-celeste, o Rio sem dúvidas é uma cidade deslumbrante para os Jogos, e mais de U\$ 1,5 bilhão foi investido na preparação da competição, o que inclui o novo estádio João Havelange, para 45.000 pessoas. Mas por mais hospitaleira que a cidade possa ser isso também pode trazer problemas para os visitantes, especialmente no que diz respeito à segurança (UOL, 5 jun. 2007)

A imagem construída nesta passagem é semelhante à percebida no exemplo (43), já que o Rio é novamente associado à visão de uma natureza exuberante por meio do uso do adjetivo “*verdant*”, e a representação da cidade desenhada aqui traz mais elementos que remontam a um paraíso dos trópicos. O uso de “*nestle*”, no texto em inglês, estabelece

associações com a idéia de abrigo, conforto e aconchego. Por meio da leitura desse trecho o leitor estrangeiro tende a inferir que a cidade do Rio não estaria simplesmente situada no ambiente descrito na notícia, mas confortavelmente posicionada, quase aninhada em meio às montanhas verdes e ao mar azul-céu. De maneira semelhante, Page (1995, p. 14), ao citar as palavras de um determinado autor não identificado, segundo quem os brasileiros viveriam “imersos em beleza”,³ relaciona essa condição à formação do caráter do povo e à crença de que o Brasil seria especialmente abençoado por Deus:

O meio físico desempenhou um papel fundamental na formação das notáveis características da brasileiridade. Como um autor norte-americano certa vez observou, os brasileiros estão “imersos em beleza”. O clima quente e a paisagem luxuriante dos trópicos ajudaram a criar uma sensualidade cabal que permeia cada nível da sociedade. A resplandecência da terra contribuiu para o dito popular, ainda que proferido em tom de brincadeira, que diz que “Deus é brasileiro”.⁴

A caracterização do mar também contribui para essa imagem, já que sua coloração não é de um simples azul, mas um azul especial, brilhante e celeste, de acordo com a definição do LDEL (2002) para *azure*: “*having a bright blue colour, like the sky*”⁵. A maneira pela qual nos dois textos é feita a referência ao Rio (“*stunning site*” e “cidade deslumbrante”), dá seqüência à caracterização da cidade como um paraíso. Há ainda a questão da hospitalidade, aqui atribuída à cidade e não às pessoas. Neste trecho, a personificação desse atributo pela cidade realça a representação traçada no texto, em que são enfatizadas as imagens da hospitalidade e da receptividade, muito próximas às da cordialidade e da simpatia, analisadas no capítulo anterior.

³ “[...] Brazilians are drowned in beauty”.

⁴ “Environment has played a major role in shaping salient features of Brazilianness. As an American writer once observed, Brazilians are “drowned in beauty”. The warm climate and lush landscape of the tropics have helped create an overripe sensuality that permeates every level of society. The resplendence of the land has contributed to the popular, if tongue-in-cheek, saying ‘God is a Brazilian’”.

⁵ “que tem uma coloração azul brilhante, como o céu”.

Apesar da qualificação do Rio de Janeiro realizada por Rohter, ao final da passagem uma ressalva ameniza o impacto da descrição de todos esses elementos. A partir do texto em inglês, pode-se inferir que a junção desses atributos e qualificações – “*verdant montains*”; “*azure sea*”; “*stunning site*” – mesmo sendo responsável pelo fato de a cidade oferecer toda a hospitalidade possível, ainda assim não é capaz de eliminar os problemas que os turistas enfrentam com a falta de segurança. Pode-se imaginar aí uma espécie de equação contraditória, em que, somados as montanhas verdejantes, o mar azul-celeste, uma paisagem deslumbrante e a maior receptividade possível, não se tem como resultado o esperado paraíso, devido à falta de segurança. Ainda assim, aqui há a representação de um lugar paradisíaco e, como lembra Chauí (2000, p. 62), “essa visão do paraíso, do *topos* do Oriente como jardim do Éden, [...] são constitutivos da produção da imagem mítica fundadora do Brasil”.

Essa visão de paraíso é perturbada também devido à orientação negativa da argumentação sobre o Rio, determinada pelo uso de “*but*”⁶ no trecho que se inicia em “*But as hospitable as the city can be...*”. Com base no estudo que Ducrot (1983, apud Maingueneau, 1997), realizou sobre o uso de “*mais*” como conectivo argumentativo, pode-se afirmar que, neste caso, “*but*” não nega a validade da construção da imagem do paraíso nos trópicos, nem da referência ao alto investimento financeiro na preparação dos jogos, ambas anteriores a esse adversativo: sua atuação é a de sinalizar para outro ponto. Se o leitor estrangeiro seria levado a pensar que poderia viajar à cidade e assistir aos jogos despreocupadamente, o uso de “*but*” o orienta em direção a uma constatação diferente: a violência da cidade é um argumento mais forte que sua beleza natural, seus investimentos e sua hospitalidade. Assim, é possível ler-se que o Rio de Janeiro só não é um paraíso natural devido à insegurança, ou seja, o Rio é lido como um paraíso maculado pelo “pecado” da violência.

⁶ DUCROT, Oswald. Opérateurs argumentatifs et visée argumentative. *Cahiers de Linguistique Française*. Genève 5, 7-36, 1983.

Considera-se que a tradução reconstrói, em português, uma imagem que estabelece uma aproximação entre o Rio e a representação do paradisíaco de forma semelhante ao texto em inglês, utilizando-se também de elementos que desencadeiam associações bem próximas àquelas criadas por determinados termos e construções utilizadas no texto do *NYT*. Dentre tais elementos, pode-se enfatizar o uso do verbo “abrigar” (para a tradução de “*nestle*”), que induz o leitor brasileiro também à sensação de proteção e refúgio, como se as montanhas verdejantes e o mar azul funcionassem como um envoltório natural para confortavelmente circundar a cidade. Assim, por meio do texto traduzido e graças principalmente a essa idéia de que a cidade é cercada por pura beleza, o leitor brasileiro, ainda que tenda a realizar menos generalizações que o estrangeiro, ainda pode ser remetido ao mito de que o Brasil e suas cidades mais conhecidas seriam dádivas da natureza e presentes de Deus, como lembra Chaui (2005), ao tratar do mito fundador. Também aparece na tradução, ao lado dos atributos das montanhas, a especificidade da coloração do mar fluminense e um adjetivo bastante enfático – “deslumbrante” – para qualificar a cidade. Há ainda a menção à hospitalidade e inclui-se a ressalva de que tudo isso não é suficiente para resolver um dos maiores problemas que a cidade oferece para o turismo. Considera-se que para o leitor do Brasil é veiculada uma representação similar ao texto de Rohter, até mesmo no que se refere à escolha dos termos-chave na construção da imagem do Rio paradisíaco. Ainda assim, também em português se pode ler que a falta de segurança “mancha” a visão do paraíso, graças ao uso de “mas” que, assim como “*but*”, orienta negativamente a argumentação sobre a cidade e coloca, também em português, o valor da violência como superior ao dos aspectos positivos mencionados.

O caso seguinte foi encontrado na notícia “*A Web Site Born in U.S. Finds Fans in Brazil*”, escrita por Seth Kugel e traduzida pelo *US* como “Orkut encontra fãs e infratores no Brasil”. O artigo, que trata da popularidade desse *site* de relacionamentos no Brasil, teve sua

versão em inglês e sua tradução publicados, respectivamente, nos dias 10 e 11 de abril de 2006.

- (46) Ask Internet users here what they think of Orkut, the two-year-old [Google](#) social networking service, and you may get a blank stare. But pronounce it “or-KOO-chee,” as they do in Portuguese, and watch faces light up. [...] Expect Brazilian Portuguese dictionaries to add “orkut” to upcoming editions. [...] And the *site’s* jargon has entered the Brazilian lexicon, like “scrap” (pronounced “SKRAH-pee” or “SHKRAH-pee”), meaning a note that one user leaves in another’s virtual scrapbook for everyone – including jealous boyfriends and girlfriends and curious suitors – to see (NYT, acesso em: 10 abr. 2006)

Pergunte para os usuários de internet daqui o que eles acham do Orkut, o serviço de rede social do Google que completou 2 anos, e você poderá receber um olhar vazio. Mas pronuncie “or-cu-ti”, como eles fazem em português, e verá os rostos se iluminarem. [...] As próximas edições dos dicionários portugueses do Brasil devem conter a palavra “orkut”. [...] E os jargões do Orkut já fazem parte do vocabulário brasileiro, como “scrap” (pronunciado aqui como “is-crê-pi” ou “is-cra-pi”), que significa um recado deixado em um livro de visitas na página de alguém que todos – inclusive namorados e namoradas ciumentos e pretendentes – podem ver (US, acesso em: 11 abr. 2006)

Nesta passagem, ao convidar os leitores norte-americanos a realizarem a experiência de perguntar aos brasileiros sobre o Orkut, Kugel adianta o possível resultado: um olhar vazio (“*a blank stare*”), que indica total falta de compreensão. Colocando assim a reação dos brasileiros diante de uma palavra cujo som não seria reconhecido, o jornalista estabelece a grande diferença que, segundo ele, caracterizaria a pronúncia da palavra “Orkut” em inglês, !!!!!!!!! em relação à sua pronúncia na forma aportuguesada (!!!!!!!!!). Esse distanciamento entre as duas pronúncias, colocado pelo jornalista, alerta o leitor estrangeiro sobre a peculiaridade dos falantes do português do Brasil, já que esse leitor passa a perceber

que uma palavra que para ele teria poucas alternativas de pronúncia (ou talvez nenhuma) em relação à qual ele se acostumou ouvir, a princípio não seria reconhecida por esses Outros, os brasileiros. Possivelmente, ao prosseguir a leitura do texto, o leitor norte-americano imagina *como* essa palavra poderia ser pronunciada para que os falantes do português, que são aqui implicitamente apresentados como pitorescos, a compreendessem. Logo Kugel resolve o impasse, fornecendo, como uma senha, a pronúncia de “Orkut” tal como ele entende que seja realizada no português do Brasil (“*or-KOO-chee*”). O leitor estrangeiro vê que, ao informar essa “senha”, os rostos brasileiros se iluminam (“*faces light up*”), num sinal de compreensão. O jornalista determina o mesmo distanciamento em relação às pronúncias de “*scrap*”, em inglês [! ! ! ! !], e à forma como equivocadamente entende que seja falada no português do Brasil: ! ! ! ! ! ! ! ! ! (“SKRAH-pee”) e ! ! ! ! ! ! ! ! ! (“SHKRAH-pee”).⁷

Não cabe aqui discutir se a diferenciação estabelecida por Kugel se justifica, ou debater se as duas palavras (“Orkut” e “*scrap*”) realmente são, da forma como pronunciadas em língua inglesa, incompreensíveis aos brasileiros. Para os objetivos desta pesquisa interessa perceber que a forma como o jornalista elabora e demonstra essas diferenças (incluindo suas tentativas de reproduzir, para o leitor estrangeiro, as pronúncias adaptadas ao português brasileiro), fazendo com que a suposta pronúncia de uma língua estrangeira seja exibida num texto em inglês, acaba estendendo uma aura de estranheza e exotismo sobre os falantes de língua portuguesa. Mais do que isso, fica a sugestão de que a pronúncia desses termos como realizada pelos brasileiros corresponderia a uma deturpação, um desvio da pronúncia realizada e autorizada pelo público norte-americano do jornal.

A pronúncia adaptada inicialmente por Kugel à língua portuguesa é readaptada pela tradução e, assim, “*or-KOO-chee*” se transforma em “*or-cu-ti*”. Esse jornalista fornece duas alternativas para a pronúncia aportuguesada de “*scrap*”: “SKRAH-pee” ou “SHKRAH-pee. A

⁷ Note-se que as pronúncias mais prováveis para a palavra inglesa “*scrap*”, no português do Brasil, seriam ! ! ! ! ! ! ! ! ! ou, na fala dos cariocas, [! ! ! ! ! ! ! ! !].

diferença entre essas duas opções refere-se ao modo como a consoante “S” em “*scrap*” é produzida. Na primeira forma, o jornalista parece representar uma consoante fricativa alveolar, como se tem em “caça” ! ! ! . Já na segunda opção, considerando o fonema que as consoantes “sh”, juntas, representam em inglês, haveria uma fricativa palato alveolar, como em “chá” [! ! . Pode-se ver que o tradutor procura reproduzir tais opções de pronúncia no texto em português, no entanto, adicionando a vogal inicial ! ! ! ! – o que Kugel não faz em suas tentativas de adaptação – e situando a diferença de produção proposta pelo jornalista na vogal da segunda sílaba e não na consoante da primeira (“*is-cré-pi*” e “*is-cra-pi*”). O fato de o tradutor, em lugar de simplesmente omitir essas comparações, mantê-las em seu texto e, mais que isso, procurar readaptá-las à língua portuguesa, permite que o leitor brasileiro perceba que a forma como realiza a pronúncia de palavras estrangeiras que fazem parte de seu cotidiano muitas vezes se distancia do modo como essas palavras são pronunciadas pelos falantes nativos da língua em questão. Assim, a entrada e assimilação de palavras estrangeiras no dia-a-dia dos brasileiros, por um momento, deixa de se fazer de forma tão automática – essas palavras que pareciam “menos estrangeiras” por serem de uso comum no Brasil voltam a ter ser caráter alheio colocado em foco: a aparente proximidade novamente se torna distância.

O contexto em que a influência econômica e cultural norte-americana sobre o Brasil se converte também em influência lingüística pode ser relacionado à afirmação de Jacquemond (1992), para quem que “o desenvolvimento das línguas e culturas do Sul tem sido e ainda é profundamente afetado pelas hegemônicas línguas e culturas do Norte,⁸ que se espalham por todas as atividades sociais”.⁹ As reconstruções realizadas na tradução podem ter o efeito de levar o leitor brasileiro a perceber não só a distância que ainda separa sua língua da língua do estrangeiro, mesmo com a crescente assimilação de palavras e expressões da língua inglesa

⁸ O autor utiliza as expressões “*Southern languages*” e “*Southern cultures*” para designar línguas e culturas consideradas subordinadas. Da mesma forma, “*Northern languages*” e “*Northern cultures*” indicam línguas e culturas tidas como hegemônicas.

⁹ “[...] the development of Southern languages and cultures has been and still is deeply affected by the hegemonic Northern languages and cultures that pervade all social activities”.

por brasileiros, como também a notar que essa influência não é recebida passivamente, mas que as diferenças de pronúncia e de grafia das palavras estrangeiras evidenciam a atuação dos próprios brasileiros sobre essa influência.

Cabe notar a tradução de “*Brazilian Portuguese dictionaries*” por “dicionários portugueses do Brasil”, em lugar de “dicionários do português brasileiro” ou “dicionários do português do Brasil”, que pode causar no leitor brasileiro certo estranhamento ou ainda levá-lo a realizar associações equivocadas. Essa tradução pode ainda minimizar o efeito de reflexão mencionado anteriormente. Isso acontece devido ao fato de que, ao retirar o foco da língua (“português brasileiro” ou “português do Brasil”) e transferi-lo para a nacionalidade (“dicionários portugueses do Brasil”), a tradução do *US* reduz as possibilidades de esse leitor lembrar que, além de haver tanto dicionários do português usado no Brasil como do português europeu ou de outros países em que essa é a língua oficial, a diversidade cultural de cada um desses países se expressa nessa mesma língua portuguesa, que, ao mesmo em que é uma, são várias.

Os exemplos que vão de (47) a (60) se concentram na representação do exotismo e suas associações. Dentre esses casos, os trechos entre (47) e (51) foram retirados da notícia cujo título segue abaixo, escrita por Alan Bernstein e traduzida pelo UOL em cinco de dezembro de 2006, texto em que não consta o nome do tradutor.

(47) A treasure of a town in the mountains of Brazil

Ouro Preto, meaning “black gold” in Portuguese, is at almost 4,000-feet elevation and offers charm, innocence and the feel of Europe through the mist that sometimes rolls off the mountains. If the Portuguese had never discovered gold and silver here about 300 years ago, perhaps much of the land would still be wilderness (NYT, acesso em: 5 dez. 2006)

Cidade brasileira oferece charme e inocência

Ouro Preto está a quase 1.200 metros de altitude e oferece charme, inocência e uma sensação de Europa em meio à neblina que às vezes passa pelas montanhas. Se os portugueses não tivessem descoberto ouro e prata aqui cerca de 300 anos atrás, talvez grande parte desta terra ainda estivesse em estado selvagem (UOL, acesso em: 5 dez. 2006)

Neste artigo, Bernstein relata aos leitores norte-americanos que dentre as vantagens de escolher Ouro Preto como destino turístico está o fato de a cidade ser pouco conhecida por estrangeiros, em relação ao Rio de Janeiro ou ao Nordeste do Brasil. O título do artigo em inglês, ao predicar Ouro Preto como “*a treasure of a town*” e localizar a cidade “*in the mountains of Brazil*”, adia ao leitor estrangeiro a informação de qual seria essa cidade, contribuindo para a sensação de descoberta que esse leitor é levado a experimentar durante a leitura da reportagem. Bernstein adianta no título apenas que a cidade se localiza em meio às montanhas brasileiras, o que associa essa indefinição e sua solução ao Brasil, país conhecido por suas abundantes belezas naturais. A tradução do título, por sua vez, também não informa de qual cidade trata o artigo, mas da mesma forma esclarece que sua localização é no Brasil e adianta dois atrativos da cidade que logo serão retomados: o charme e a inocência. O topônimo “Ouro Preto” é traduzido no texto em inglês, o que pode funcionar, para o leitor estrangeiro, como uma amostra da língua e como um chamativo para a cidade (graças à referência a “*gold*”, que estabelecesse relações com a idéia de tesouro) que será apresentada a seguir. No texto do UOL essa tradução não aparece e, ainda que, como no caso (34), essa omissão provavelmente se deva à dificuldade de reconstruir em português essa associação sem a utilização de paratextos, de qualquer forma esse apagamento impede que o leitor brasileiro conheça a apresentação do nome da cidade no texto em inglês como um atrativo.

A menção de Bernstein a “*charm*” e “*innocence*” transporta o leitor estrangeiro para a visão de um Éden intocado. Chauí (2000) lembra que relatos de viagem freqüentemente descrevem o mundo descoberto como um mundo outro, visto como imaginário e anterior à

queda do homem, de onde vem a descrição dos habitantes desse mundo novo como inocentes e simples. Ao se referir à inocência nessa representação cultural, Bernstein coloca os habitantes de Ouro Preto como nativos de uma terra recém-descoberta – como de fato o jornalista apresenta a cidade, já que não é um destino muito conhecido por turistas estrangeiros. A referência à neblina que envolve as montanhas produz uma imagem cujo efeito é semelhante àquela do trecho (44), em que a vegetação se movimentava graciosamente devido à brisa tropical. Passagens como essas duas podem produzir uma visão de tranquilidade, de um lugar não modificado pela ação humana, em que pequenos fenômenos da natureza ainda podem ser facilmente percebidos e valorizados.

A imagem de um lugar imaculado é reconstruída na tradução e, especificamente nesse texto, o fato de o charme e a inocência serem mencionados duas vezes (no título e no corpo do artigo) faz com que, para o leitor brasileiro, esses aspectos de Ouro Preto sejam ressaltados. Em português, a referência a “uma sensação de Europa” possivelmente chama mais a atenção do leitor do Brasil, pelo fato de remeter a uma região diferente e estrangeira, e a associações distintas daquelas que se estabelecem todas as vezes em que os próprios brasileiros pensam nos paraísos tropicais: paisagens verdejantes e litoral exuberante. Em outras palavras, a representação de Ouro Preto que aproxima a cidade da Europa faz com que tanto estrangeiros como brasileiros a vejam como uma cidade outra, cuja paisagem destoa da maior parte do país em que está localizada. Nessa descrição da cidade não cabe a associação aos trópicos e seu clima tórrido, mas, na referência às montanhas e à brisa, se mantém a representação de um paraíso natural. No texto em português, “*wilderness*” é traduzido por “estado selvagem”, o que corrobora a representação do paraíso natural realizada no texto em inglês.

A imagem do exotismo também aparece na passagem (48), juntamente à qualificação das igrejas e da vida noturna da cidade.

- (48) But whether or not conquerors should ever be thanked, the imperialistic plundering led to the existence of this piquant place, where oddly festooned Roman Catholic churches are a main attraction for visitors during the day, fireworks, drumbeats and church bells often punctuate the night, and the fine art of lolling in the unspoiled air is paramount (NYT, acesso em: 5 dez. 2006)

Mas, independentemente de os conquistadores serem dignos ou não de agradecimentos, a pilhagem imperialista possibilitou a existência desse local fascinante, no qual igrejas católicas estranhamente adornadas são uma grande atração para os visitantes durante o dia, e os fogos de artifícios, as batucadas e as badaladas dos sinos das igrejas freqüentemente tomam conta das noites. Além disso, a arte de repousar nesta atmosfera agradável é fundamental (UOL, acesso em: 5 dez. 2006)

Em (48), nos textos em inglês e em português, respectivamente, as noções de “*piquant*” e “fascinante”, associadas à cidade, vêm acompanhadas das expressões “*oddly festooned*” e “estranhamente adornadas”, que caracterizam as igrejas católicas, segundo Bernstein. Ainda que essas duplas de atributos refiram-se a objetos distintos (a cidade e a igreja), há uma relação entre “*piquant*” e “*oddly festooned*” e entre “fascinante” e “estranhamente adornadas”, possibilitada pelos dois textos. Essa articulação de atributos – a princípio díspares – associados à beleza e ao peculiar facilmente ganha sentido na representação cultural e é assimilada pelos leitores do texto em inglês e da tradução, numa representação que tem resultado provável: a ratificação da imagem do exotismo, em que os elementos podem ser, ao mesmo tempo e sem tensão, belos, fascinantes, diferentes, pitorescos, estranhos, exóticos. Essa mescla de atributos que parece satisfatoriamente descrever o Brasil ainda é composta por outros elementos aparentemente bem típicos, todos combinados numa celebração: “*fire-works*” (“fogos de artifício”), “*drumbeats*” (“batucada”) e “*church bells*” (“sinos de igrejas”). Assim, os leitores de ambas as línguas podem entender que no exotismo brasileiro têm lugar ainda a união de batucada, manifestações religiosas

tradicionais e fogos de artifício, numa mistura pitoresca e animada – imagem de miscelânea que volta a aparecer nos exemplos (51), (52), (53), (53) e (58).

A referência a “*the fine art of lolling in the unspoiled air*” retoma a representação do paraíso natural e remete o leitor estrangeiro à visão desse local como um espaço reservado para o descanso de turistas estrangeiros. De maneira geral, os países ou cidades representados como locais naturais e praticamente intocados e que são associados à idéia de descanso e repouso, principalmente para os estrangeiros, parecem coincidir com lugares comumente retratados como tropicais e econômica ou culturalmente subordinados. Na tradução, é possível afirmar que essa representação é amenizada, já que “*unspoiled air*” é traduzido por “atmosfera agradável”, o que não estabelece a relação com o intocado e enfraquece a representação.

No caso (49) o foco da análise volta-se à idéia do refinamento de Ouro Preto e também há a sugestão de uma grandiosidade que pode levar ao exotismo.

- (49) Many of the precious stones from the mountains sit in a stunning variety of jewelry stores and a mineralogy museum. And the spindly statue in the main square of the locally born revolutionary leader Tiradentes supplies a glimmer of Brazil’s prideful standing as the giant of South America (NYT, acesso em: 5 dez. 2006)

Muitas das pedras preciosas retiradas das montanhas estão armazenadas em uma impressionante variedade de joalheiras e museus de mineralogia locais. E, na praça principal, a estátua esguia de Tiradentes, o líder revolucionário nativo, permite que se vislumbre a orgulhosa postura do Brasil como o gigante da América do Sul (UOL, acesso em: 5 dez. 2006)

Se, por um lado, a referência às pedras preciosas e às montanhas sugere a idéia de algo em estado bruto, não lapidado, sugestão que se relaciona à idéia de um ambiente *in natura*, por outro lado a menção às joalherias e ao museu de mineralogia auxilia na construção da

representação de uma particularidade ainda mais diferenciada, marcada por maior refinamento. Como se disse ao final da análise do fragmento (47), a imagem da cidade de Ouro Preto vai sendo elaborada de forma a afirmar a diferença entre o tipo de paisagem dessa cidade e o aspecto de outras cidades brasileiras provavelmente mais conhecidas pelo público estrangeiro. Aqui, em lugar da praia, do mar e de um clima típico dos trópicos, o leitor estrangeiro é apresentado às montanhas, a um clima mais temperado e ao valor econômico e estético das pedras – numa simulação de um pedaço da Europa no Brasil ou “*the feel of Europe*”, como se lê no trecho (47).

Na tradução, a imagem dessa cidade que, embora se localize num país tropical, se diferencia das outras (mas ainda assim sendo um paraíso natural), também é elaborada. Em português há um realce causado pelo fato de apenas um museu (“*a mineralogy museum*”) transformar-se em vários deles (“museus de mineralogia”). Os museus que, na tradução, são muitos, recebem ainda a adjetivação “locais”, o que possivelmente reforça o caráter peculiar da cidade, ao salientar para o leitor brasileiro a especificidade dos museus de pedras preciosas dali e enfatizar que tudo em relação a tais museus é oriundo da própria cidade, local, típico, especialmente os materiais exibidos. Freitas (2006) relata que nos panfletos turísticos de algumas cidades brasileiras são utilizadas escolhas lingüísticas específicas no intuito de explorar as idéias de riqueza, luxo e sofisticação, assim como ocorre nos casos (47) – em que se tem a menção à Europa – e em (49), no momento em que se fazem referências às pedras preciosas, às joalherias e ao(s) museu(s) e, neste caso, tais escolhas mostram-se presentes tanto no texto do *NYT* como na tradução, sendo reforçadas nesse último texto.

Ainda em (49), tem-se uma construção que remete à idéia da grandiosidade muitas vezes atribuída ao Brasil e à maneira de ser de seu povo, referência que aparece também no Hino Nacional Brasileiro (“Gigante pela própria natureza”). Segundo essa leitura, a figura heróica de Tiradentes, localizada na principal praça de Ouro Preto, está diretamente

relacionada à imponente condição do Brasil como gigante da América latina. Para Bernstein, essa relação é tão próxima que é por meio da própria estátua que a posição do Brasil pode ser vislumbrada, como se o monumento fosse pleno representante dessa grandiosidade. O *LDEL* (2002) define o substantivo “*glimmer*” da seguinte forma: “*a faint unsteady light*”.¹⁰ Já “vislumbre” é definido pelo Houaiss (2004) como: “luz frouxa; fraco clarão, reflexo”. Percebe-se que as escolhas de “*glimmer*” e de “vislumbre” auxiliam na construção dessa imagem heróica e quase poética, já que aí a notícia e a tradução permitem a leitura de que a estátua não propicia apenas uma simples visão ou percepção, mas um vislumbre, algo que desponta ou surge apenas num clarão. No texto em português, a idéia de que é por meio da “estátua esguia de Tiradentes” que esse vislumbre é possibilitado é ratificada, de forma que, para o leitor brasileiro, a imagem desse líder revolucionário é associada também à representação do Brasil grandioso. É relativamente comum a denominação do Brasil como “gigante da América do Sul”, principalmente por estrangeiros. Page (1995, p. 8) também qualifica o país dessa forma, ao afirmar que “as características especiais da ‘brasileiridade’ contribuíram significativamente para a atual situação do [Brasil como] indisposto gigante da América do Sul”.¹¹ O autor também utiliza a idéia do gosto pela grandiosidade para explicitar o caráter supostamente peculiar dos brasileiros e, após afirmar que o senso de grandiosidade comumente projetado por esse povo não seria contraditório à amabilidade que o caracterizaria em suas relações interpessoais, afirma que “a afinidade brasileira pela grandiosidade resulta, em parte, da história” do país (1995, p. 9)¹² e que “os dois lados do caráter nacional brasileiro – a cordialidade e a grandiosidade – coexistem harmoniosamente” (1995, p. 9).¹³

¹⁰ “Uma luz leve e oscilante”.

¹¹ “The special characteristics of ‘Brazilianness’ have contributed significantly to the current plight of the South America’s ailing giant”.

¹² “The Brazilian affinity for grandeur may derive in part from history”.

¹³ “These two sides of the Brazilian national character – cordiality and grandiosity – coexist harmoniously”.

No fragmento seguinte, a exaltação da particularidade das belezas naturais e arquitetônicas de Ouro Preto divide espaço com uma pequena crítica, que ainda assim é amenizada por um novo realce do pitoresco ou do exótico.

- (50) That the frescoes and murals were painted on planks of jacaranda and other woods, rather than on stone or tile in the classic European way, is a testament to the folk-art origins of these sanctuaries. Warping and the passage of time have cut plank lines through painstakingly rendered prophets or pillowy clouds. Shameful perhaps, rustic for certain (NYT, acesso em: 5 dez. 2006)

O fato de os afrescos e murais terem sido pintados em placas de jacarandá e outras madeiras, em vez de em pedra ou azulejos, conforme o clássico estilo europeu, é uma comprovação de que a origem desses santuários está na arte folclórica. O empenamento e a passagem do tempo criaram fissuras nas tábuas, danificando os profetas e as nuvens pintados com dificuldade. Vergonhoso, talvez. Com certeza, rústico (UOL, acesso em: 5 dez. 2006)

O fato de o jornalista afirmar que o uso de certas madeiras para a pintura dos afrescos é uma prova das origens populares dos santuários (“*is a testament to the folk-art-origins*”) sugere que a hipótese de que a decoração dessas igrejas estaria relacionada ao povo (e não à elite) havia agora sido comprovada, como se o jornalista norte-americano necessitasse de confirmação para afirmar que a inspiração para o adorno das construções não estava na aristocracia. Considerando-se que aqui a expressão “*folk-art-origins*” vai relacionar-se diretamente à representação do exotismo, essa necessidade de comprovação associa-se à exigência do estereótipo de ser constantemente confirmado, o que é decisivo para sua sobrevivência no imaginário de um povo. Essa associação é reforçada pela tradução, uma vez que a opção “arte folclórica”, em lugar de “arte popular”, enfatiza o diálogo entre as igrejas de Ouro Preto e o exotismo, de forma que os brasileiros aqui têm reafirmada a imagem de

peculiaridade que provavelmente já faz parte da sua visão sobre muitas das cidades brasileiras e, talvez, sobre o próprio povo do qual são parte.

A crítica de Bernstein, que levanta a possibilidade de ser vergonhoso a passagem do tempo e a falta de cuidado terem danificado as pinturas (“*shameful, perhaps*”), é amainada pela certeza de que o descuido para com as obras também contribui para que o resultado final seja a rusticidade (“*rustic, for certain*”). A leitura, possibilitada ao estrangeiro, de que a incerteza refere-se à vergonha causada pela falta de preservação das igrejas, mas que a certeza está no caráter rústico de tudo isso, faz com que sobressaia novamente a imagem do peculiar e do exótico (simbolizada aqui pelo termo “*rustic*”), para esse leitor. Carbonell (1996, p. 83) declara que “a implícita construção da alteridade em qualquer recontextualização de significado pode impedir a compreensão de qualquer texto cultural estrangeiro”¹⁴ e que

os processos de diferença cultural dão abertura a informações e conhecimento desejados de antemão que satisfazem as necessidades narcisistas do Ocidente, em lugar do conhecimento genuinamente proporcionado pelo Outro (seja o Oriente, o Terceiro Mundo, o Primitivo ou até mesmo o Antigo). (CARBONELL, 1996, p. 92)¹⁵

Considerando-se que Bernstein aqui recontextualiza para o leitor estrangeiro uma cidade outra ou, como diz Carbonell, um texto cultural estrangeiro, pode-se notar que o apelo à imagem do rústico dificulta um olhar para a cidade de Ouro Preto que reconheça suas especificidades sem reduzi-las ao puro exotismo, situando suas diferenciações na generalização do estereótipo numa tentativa de satisfazer o que o estrangeiro deseja ver.

A tradução, devido à diferença de pontuação, em que se tem uma pausa completa (“Vergonhoso, talvez. Com certeza, rústico”), permite uma leitura mais enfática no que se

¹⁴ “The implicit construction of alterity in any recontextualization of meaning may hinder the understanding of any alien cultural text”.

¹⁵ “The processes of cultural difference allow desired knowledges that satisfy the narcissistic needs of the West, rather than the knowledge genuinely deployed by the Other (either the East, The Third World, the Primitive or even the Ancient)”.

refere à associação entre a rusticidade e o exotismo, por meio da qual o leitor brasileiro pode inferir que mais importante que prestar atenção à preservação dos monumentos históricos, é reconhecer o exotismo dessas manifestações artísticas, danificadas ou não.

No trecho seguinte, volta a aparecer a idéia da grandiosidade relacionada a Ouro Preto e pode-se notar também a associação do exotismo a outro elemento da cultura brasileira: o carnaval.

- (51) And so it is on to Ouro Preto's eclectic Baroque churches — all 23 of them if desired, for each has signature features and designs, and many are grandly encrusted with the gold for which the town is named. Some churches sit on crests like sentries, posing for the quintessential Ouro Preto postcard. [...] Indeed, with admiration rather than blasphemy it can be said that each church décor is entertaining and amusing, a static carnival ride of fetching images (NYT, acesso em: 5 dez. 2006)

Uma atração são as ecléticas igrejas barrocas de Ouro Preto - todas as 23, caso se deseje, já que cada uma delas tem suas próprias características e contornos, e muitas são grandiosamente adornadas com o ouro do qual deriva o nome da cidade. Algumas igrejas ficam em colinas, como se fossem sentinelas, posando para o quintessencial cartão postal de Ouro Preto. [...] De fato, com admiração, em vez de blasfêmia, pode-se afirmar que cada decoração de igreja é divertida e surpreendente, uma viagem por um carnaval estático de imagens encantadoras (UOL, acesso em: 5 dez. 2006)

A reiteração da imagem da grandiosidade ocorre na passagem (51), na declaração de que a maioria das igrejas de Ouro Preto é “*grandly encrusted*” ou “grandiosamente adornadas” com ouro, como se lê na tradução. A repetição dessa imagem continua no restante da passagem. Considera-se que essa imagem é elaborada também em língua portuguesa e que sua semelhança nos dois textos refere-se principalmente às escolhas lingüísticas realizadas tanto pelo jornalista como pelo tradutor. Dentre essas escolhas podem-se destacar os advérbios “*grandly*” e “grandiosamente” e os substantivos “*sentries*” e “sentinelas” e, talvez os termos mais enfáticos que esses, “*quintesseccencial*” e “quintessencial”. O Houaiss (2004)

dá a seguinte definição para “quinta-essência”: “o essencial, o mais puro, ou o melhor de alguma coisa; o que há de mais refinado, de mais precioso”. Assim, os termos qualitativos utilizados nestas seqüências, em inglês e em português, atuam num contínuo em que o ápice se dá nessa qualificação da paisagem de Ouro Preto. Ao se perceber o quão enfático é esse adjetivo, é possível notar como seu uso nesta passagem contribui para afirmação da imagem da grandiosidade.

Ao fim do fragmento (51), a afirmação de que a decoração de cada igreja, além de entreter e divertir, assemelha-se a uma viagem por um carnaval estático de imagens agradáveis, ressalta a associação realizada pelo jornalista entre igreja, ou melhor, entre religião e carnaval, que remete à imagem de mistura de vários elementos considerados tipicamente brasileiros, percebida no exemplo (48). Enquanto lá os sinos de igrejas misturavam-se aos fogos de artifício e às batucadas, aqui o carnaval permeia até mesmo a decoração das igrejas católicas. Da mesma forma como em (48) todos esses elementos eram articulados sem causar estranhamento, mas numa espécie de confirmação das contradições brasileiras que caracterizariam tão bem o país – cf. o pensamento de Utsch (2003), cap. 4 – também nesta passagem o carnaval, festa considerada pagã, e a religião católica se unem, a fim de descrever, para o leitor norte-americano, a decoração das igrejas de Ouro Preto, a cidade em si e, por extensão, talvez o Brasil. Essa imagem de mistura também é permitida pela tradução e confirma para os brasileiros a representação de que este é o país da miscelânea não só racial, mas também social e cultural, em que o interior de edifícios religiosos tradicionais remonta a celebrações pagãs.

As passagens (52) e (53) referem-se ao artigo “*The New São Paulo*”, de Dan Shaw, publicado em 12 de março de 2006. A notícia foi traduzida pelos dois sites e ambas são intituladas “A nova São Paulo”, sendo a do UOL de autoria de George Andolfato. Na reportagem, Shaw descreve vários aspectos da cidade, com atenção especial ao comércio e à

gastronomia, e constrói uma representação em que sobressai o suposto caráter exótico do Brasil.

- (52) You get to experience life undiluted and witness a South American city in transition. [...] From the posh to the prosaic, São Paulo can sometimes seem like a European capital (NYT, acesso em: 12 mar. 2006)

Você tem a experiência de uma vida não diluída e testemunha uma cidade sul-americana em transição. [...] Do refinado ao prosaico, às vezes São Paulo pode parecer uma capital européia (US, acesso em: 12 mar. 2006)

Você experimenta a vida sem ser diluída e testemunha uma cidade sul-americana em transição. [...] Do fashion ao prosaico, São Paulo às vezes parece uma capital européia (UOL, acesso em: 12 mar. 2006)

Em (52), as traduções de “*life undiluted*” (algo como “a vida em todas as suas manifestações”) por “vida não diluída” e “vida sem ser diluída”, respectivamente no US e no UOL, acabam criando, em português, a representação de uma cidade que é palco de contradições, já que a idéia de algo não diluído parece não condizer com a noção de transição. Nesse caso, os textos traduzidos formam a representação da junção de elementos díspares onde ela não havia sido construída no texto em inglês, possivelmente causando estranhamento ao leitor brasileiro. Ainda que esse estranhamento fique evidente, ambas as traduções constroem a imagem da disparidade, o que pode ter sido influenciada tanto por uma “contaminação”, já que a seguir o texto em inglês mais à frente retoma essa representação (“*from the posh to the prosaic*”), tanto pelo fato de a imagem da disparidade no Brasil ser compartilhada por estrangeiros e brasileiros. De qualquer forma, fica claro que o olhar do estrangeiro, quando atribui aspectos tidos como positivos, é bastante forte e tende a ser reconstruído na tradução.

No texto em inglês, essa representação é construída em outro ponto, com a menção aos dois aspectos díspares que, segundo Shaw, seriam combinados por São Paulo: “*posh*” e “*prosaic*”. Mais adiante, o texto do *NYT* permite a leitura de que é na coexistência dos aspectos díspares que se estabelece o exótico. A referência à Europa ou, mais especificamente, a uma capital européia, leva a uma oposição implícita entre América do Sul e Europa que lembra novamente um país exótico a ponto de abrigar cidades e regiões capazes de personificar terras estrangeiras. A associação ao continente europeu apareceu também na representação construída em torno da cidade de Ouro Preto – exemplo (47) – e, para o leitor estrangeiro e brasileiro, serve para diferenciar a cidade daquela imagem mais difundida de trópico – temperaturas altas e litoral exuberante – sem desestabilizar a representação de um paraíso natural.

A tradução também realça para os brasileiros os diversos e muitas vezes antagônicos aspectos de São Paulo, onde há regiões muito ricas – por vezes semelhantes a cidades européias – e outras muito pobres – típicas de países periféricos. No entanto, ainda que esse leitor também identifique no relato seu próprio conhecimento da cidade e admita que há, sim, contrastes, a leitura que ele faz tende a ser menos romantizada e mítica que aquela feita pelo estrangeiro. Dessa forma, os brasileiros possivelmente estabelecem menos ligações com as reiteradas imagens das misturas culturais e econômicas justamente porque, para eles, São Paulo representa mais uma cidade real e palpável do que um lugar imaginário e fantástico, repleto de contradições típicas daqueles países.

A respeito do uso de oposições em relatos de viagem, Cronin (2000, p. 106-107), em comentário sobre o relato de Jean Baudrillard sobre vários países, *Cool Memories*,¹⁶ sustenta que o uso de oposições binárias como cidade/deserto, homem/mulher, Europa/América, realizado pelo autor, leva à estabilização do estereótipo e que

¹⁶ BAUDRILLARD, Jean. *Fragments, Cool Memories III*, 1991-1995. Paris: Éditions Galilée, 1995.

a predileção de Baudrillard por oposições binárias e diferenças extremas induz ao pensamento racista por meio do exagero de diferenças até o ponto do estereótipo, enquanto cobre ou apaga similaridades. Viajantes e tradutores sujeitados ao exotismo explorarão contrastes binários, uma tentação difícil de evitar, dada a importância da diferença como metáfora na elaboração da tradução e da viagem.¹⁷

Os jornalistas autores das reportagens sobre as cidades de Ouro Preto, São Paulo e Manaus (cujos casos são estudados a seguir), em certos momentos fazem uso das oposições como meio de “exagerar as diferenças” e, como diria Cronin, estendê-las ao nível do estereótipo, dada a relação entre esses artigos e relatos de viagem e a importância do realce da diferença num relato desse tipo. As oposições podem ser relacionadas às associações de elementos distintos realizadas nesses textos por jornalistas e majoritariamente confirmadas pelas traduções, aproximações que reafirmam que este é o país em que os opostos coexistem, como se pôde ver nos exemplos (48), (51), (52) e como volta a aparecer em passagens subseqüentes.

A imagem da cidade de contrastes, principalmente esses de ordem econômica e cultural, continua no exemplo seguinte, em que o jornalista descreve monumentos religiosos, culturais e um mercado.

- (53) There’s the Metropolitan Cathedral, a building with Gothic and Byzantine elements said to hold 8,000 worshipers, the 1911 Municipal Theater inspired by the Paris Opéra, art museums whose buildings are as noteworthy as their exhibitions and a downtown public food hall where everything from baby pigs to hot peppers are displayed in their stalls like art installations (NYT, acesso em: 12 mar. 2006)

Há a Catedral Metropolitana, um prédio com elementos góticos e bizantinos que alega ter 8 mil fiéis, o Teatro Municipal de 1911 inspirado pela Ópera de Paris, museus de

¹⁷ “[...] Baudrillard’s predilection for binary oppositions and extreme differences produces racist thinking by exaggerating differences to the point of stereotype, while covering over or erasing similarities. Travelers or translators beholden to exoticism will exploit binary contrasts, a temptation difficult to avoid, given the importance of difference as a trope in the formulation of both translation and travel”.

arte cujos prédios são tão notáveis quanto suas mostras, e um mercado municipal, na região central onde tudo, desde porcos até pimentas, estão mostrados nas estantes como instalações de arte (US, acesso em: 12 mar. 2006)

Há a Catedral Metropolitana, uma construção com elementos góticos e bizantinos capaz de receber 8 mil fiéis, o Teatro Municipal de 1911 inspirado na Ópera de Paris, museus de arte cujos prédios são tão dignos de atenção quanto suas exposições e um mercado central onde de tudo, de carne de porco a diversos tipos de pimentas são expostos nos estandes como instalações de arte (UOL, acesso em: 12 mar. 2006)

A referência aos elementos arquitetônicos da catedral e do teatro, originários da cultura européia, chama a atenção para uma cidade brasileira que novamente incorpora aspectos de regiões estrangeiras, como nos exemplos (47) e (52). Após tratar dessas duas construções, que podem simbolizar as influências estrangeiras na cidade, o jornalista insere o elemento de contraste que acaba representando o nacional: o mercado municipal. É a caracterização desse mercado que endossa a representação da contradição e do exotismo. Além da contraposição entre os locais refinados (o teatro, a catedral, os museus) e o local popular (o mercado), o leitor estrangeiro pode identificar uma segunda oposição, mais implícita: dois tipos distintos de arte, em que os museus seriam as manifestações artísticas feitos pela (e direcionadas para a) parcela economicamente privilegiada da cidade; já no mercado, os itens simbolizam a arte consumida também pelas classes menos favorecidas. No que se refere à tradução, assim como em (52), o leitor brasileiro reconhece as disparidades de São Paulo, no entanto o faz com menos estranhamento e sem realizar tantas associações ao estereótipo do exotismo quanto os estrangeiros tendem a estabelecer.

Os excertos de (54) a (60) fazem parte da notícia cujo título segue abaixo, escrita por Seth Kugel, veiculada em 26 de março de 2006 e traduzida tanto pelo US como pelo UOL, em que a tradução é de Marcelo Godoy.

(54) In Brazil, an Exotic Buffet for the Adventurous Set.

You could call Manaus the anti-Rome. No roads lead to this Amazonian capital, unless you happen to be coming into Brazil from southern Venezuela. The only impressive buildings were built practically in a day, during the short-lived rubber boom of the late 19th and early 20th centuries. And pizza? Sure, they have it, but topped with tropical fruits like tucumã or cupuaçu and served with packets of mayonnaise (NYT, acesso em: 26 mar. 2006)

No Brasil, um exótico bufê para grupos de aventureiros

Você poderia chamar Manaus de a anti-Roma. Nenhuma estrada leva a esta capital amazônica, a menos que ocorra de você vir para o Brasil a partir do sul da Venezuela. As únicas construções que causam impressão foram criadas em praticamente um dia, durante o breve surto da borracha do final do século 19 e começo do 20. E a pizza? Calma, é claro que lá também tem pizza, mas recheadas com frutas tropicais, como a tucumã ou o cupuaçu, e servidas com sachês de maionese (US, acesso em: 26 mar. 2007)

No Brasil, um cardápio exótico para a turma mais aventureira

Pode-se chamar Manaus de a anti-Roma. Não há estrada nem caminho que nos leve até essa capital amazônica, a menos que você esteja vindo do sul da Venezuela para o Brasil. Os únicos prédios impressionantes foram construídos praticamente de uma hora para outra, durante o efêmero ciclo da borracha, entre o final do século 19 e o começo do século 20. Quer pizza? Claro que existe por lá, só que com coberturas de frutas tropicais como o tucumã ou cupuaçu, e servida com embalagens opcionais de maionese (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Neste artigo, que trata da visita de Kugel à cidade de Manaus, de forma semelhante à notícia anterior, em que Shaw apresentava ao leitor estrangeiro a cidade de São Paulo, o jornalista introduz seu leitor à capital do Amazonas. A imagem do exotismo começa a ser elaborada desde o título da notícia no texto do NYT e nas traduções, e ainda que aí o exotismo seja atribuído especificamente a “*buffet*” ou ao “cardápio”, como se lê na tradução do UOL, para o leitor estrangeiro o fato de o termo “*exotic*” figurar no mesmo título que a palavra

“*Brazil*” o induz a estender essa qualificação do cardápio também ao país e seu povo. No decorrer da notícia, a idéia de peculiaridade ou exotismo não se restringe aos hábitos alimentares da população manauense, sendo esse caráter atribuído também à paisagem e à vida social dessas pessoas. Cronin (2000, p. 94) afirma que “viajantes vindos de grandes centros em países desenvolvidos procuram escapar do que eles percebem como a realidade não autêntica e alienante de sua modernidade”.¹⁸ Da mesma forma, a maneira como Kugel constrói sua leitura de Manaus mostra que, buscando fugir de um às vezes incômodo ambiente de modernidade, o jornalista procura de forma constante o supostamente exótico e autêntico na cidade em que visita.

Ainda no que se refere à marcação do exotismo no título, na tradução essa ênfase apresentada aos leitores brasileiros tem um efeito um pouco diferente. Em lugar de levá-los a realizar associações diretas entre o exotismo e o Brasil como um todo, como tende a fazer o estrangeiro, essa representação vai ajudar a reafirmar, no decorrer do artigo, e principalmente para os leitores das regiões Sudeste e Sul, o caráter exótico do estado do Amazonas e, por consequência, do norte do país. Isso tende a ocorrer devido ao fato de o norte do Brasil ser pouco conhecido pelos habitantes que não vivem nessa área e que estão condicionados a relacionar os costumes, tanto do Norte como do Nordeste, ao pitoresco e ao exótico. Cronin (2000, p. 93-94) afirma que os tradutores, ao “confirmar os leitores em seus preconceitos não os fazem *viajar* em nenhum sentido real”,¹⁹ o que significa que os leitores de que trata o autor, tendo seus preconceitos confirmados, continuam realizando as mesmas interpretações estereotipadas e seguem vendo as regiões nas quais vivem como os “centros” ou os “motores” do país ou do mundo, ignorando a importância da diversidade e de outras regiões. Assim, sempre que for reconstruída na tradução a imagem do exotismo referente a Manaus ou ao Amazonas como um todo, grande parte dos leitores brasileiros que vivem em grandes centros

¹⁸ “[...] travelers from urban centres in developed countries seek to escape from what they perceive as the inauthentic, alienating reality of their modernity”.

¹⁹ “Confirming readers in their prejudice does not make them *travel* in any real sense”.

tenderá a relacionar essa peculiaridade aos estereótipos e preconceitos que alimentam em relação aos nortistas e nordestinos. Esses leitores parecem alimentar um preconceito que atribui aos nortistas o exotismo, aos nordestinos a pobreza, e o atraso a ambos.

Ao afirmar que não há estradas que levem a Manaus, Kugel enfatiza o suposto isolamento em que se encontraria a cidade e sugere que estaria isolada no meio da floresta amazônica, de forma semelhante à qual muitos estrangeiros tendem a pensar, equivocadamente, que na região Norte do Brasil há apenas a selva e nada mais. Recriando essa idéia de isolamento, Kugel remete seu leitor a um discurso similar ao do descobrimento de uma nova terra, como se os visitantes que desejassem ir a Manaus tivessem que “descobrir” a cidade em meio a seu afastamento.

Na tradução, essa idéia de isolamento é reforçada pelo UOL, texto segundo o qual não há nem mesmo caminhos que levem até a capital do Amazonas. Embora com menos ênfase, o *US* também contribui para dar a muitos leitores brasileiros a sensação de que a enorme distância que separa Manaus dos grandes centros não é apenas geográfica, mas distantes também seriam (no sentido de diferentes e desconhecidos) o cotidiano e os costumes dos habitantes da região, que boa parte desses leitores ignora.

Ao falar da pizza, o jornalista lança o nome do prato como uma pergunta (“*And pizza? Sure, they have it...*”), o que provavelmente leva o leitor norte-americano a imaginar o quão “inusitado” seria essa cidade localizada nos trópicos não ter ainda esse prato, comum em alguns países. O impasse logo é desfeito por Kugel, que lança ao leitor outro elemento de surpresa: a informação de que o prato parece refletir as práticas alimentares da região. O jornalista cita o tucumã e o cupuaçu em seu texto e essa menção, especialmente por se tratar de palavras que levam diacríticos, contribui para a representação do exotismo em relação à língua portuguesa – como ocorreu no caso (46). A informação de que a pizza em Manaus

recebe os toques da culinária local interessa devido ao fato de que o texto em inglês atribui um caráter peculiar à culinária manauense e, por extensão, à cidade como um todo.

Na tradução do *US*, o efeito desse questionamento a respeito da existência de pizza é ainda mais enfático, pois além haver a pergunta explícita (“e a pizza?”) e a resposta (“é claro que lá também tem pizza”), na tradução desse jornal há a inserção do imperativo “calma” entre um e outro. O uso desse imperativo sugere que o leitor brasileiro ficaria ainda mais apreensivo que o norte americano com a possibilidade de não haver o prato em Manaus. Na tradução do UOL nenhum imperativo é utilizado, e a pergunta e a resposta sobre a pizza são reconstruídas de formas semelhantes ao texto em inglês. Nos textos em português, a menção às frutas “cupuaçu” e “tucumã” atua como marca do exotismo da região Norte, que se estende até as frutas que lá são comuns, mas muitas vezes desconhecidas pela população de outras regiões brasileiras. A propósito, a tradução do *US* traz “a tucumã”, enquanto a do UOL, “o tucumã”. O *Houaiss* (2004) define “tucumã” como substantivo masculino, de forma que o texto do UOL, neste caso, encontra-se em acordo com a norma da língua portuguesa.

No exemplo (55), a representação do exotismo, além de realizada em torno da culinária amazônica, se estende à população e ao português do Brasil.

- (55) People here often have striking indigenous faces rather than the blond to bronze to black spectrum of many Brazilian cities. [...] Visitors can feast on the often-surprising cuisine from Amazônia (a region of nine states, including Amazonas, of which Manaus is the capital), from fresh fish with tongue twister names, to fruits so exotic they make guava seem humdrum (*NYT*, acesso em: 26 mar. 2006)

As pessoas aqui muitas vezes possuem rostos mais evidentemente indígenas do que em outras cidades do Brasil. [...] Os turistas podem se banquetear na quase sempre surpreendente cozinha da Amazônia (uma região de nove Estados, incluindo o Amazonas, do qual Manaus é capital), que vai do peixe fresco com nomes de enrolar a

língua a frutas tão exóticas que fazem a goiaba parecer coisa normal (US, acesso em: 26 mar. 2006)

As pessoas por aqui freqüentemente têm marcantes características faciais indígenas em vez do tradicional espectro que vai do louro ao bronzado ao negro, que se encontra em tantas cidades brasileiras. [...] Os visitantes podem se deliciar com a muitas vezes surpreendente culinária da Amazônia (região que abrange nove estados, incluindo o Amazonas, cuja capital é Manaus), que utiliza peixes frescos com nomes de enrolar a língua e frutas que são tão exóticas que fazem a goiaba se transformar num fruto totalmente corriqueiro (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Apontando a peculiaridade da população manauense no que se refere à cor da pele, Kugel diferencia essa população ao salientar seu aspecto marcadamente indígena, diferente da tonalidade comum em muitas cidades brasileiras. Essa diferença, estabelecida por Kugel entre o povo de Manaus e do resto do país, atua no sentido de ressaltar para o leitor estrangeiro que tudo naquela cidade é singular, desde a culinária até as pessoas, e neste momento tal diferença se manifesta na cor da pele dos manauenses.

A partir de uma generalização na leitura do texto em português, os brasileiros podem reafirmar e exagerar a visão que muitos deles têm a respeito da população do Norte do país: diferentemente do que acontece em outras partes, em que se tem uma considerável diversidade racial, na região do Amazonas haveria majoritariamente indígenas e seus descendentes. A partir da relativização que o *NYT* faz da informação sobre a composição étnica dos manauenses (“*people here often have striking inidigenous faces*”), ambas as traduções também a relativizam, afirmando que “as pessoas aqui muitas vezes possuem rostos mais evidentemente indígenas” (US) e que “as pessoas por aqui freqüentemente têm marcantes características faciais indígenas” (UOL). No entanto, essa amenização pode ser facilmente abstraída pelos leitores brasileiros, que tenderão a generalizar a asserção. Isso ocorre porque, da mesma forma como o estrangeiro que interpreta um Outro considerado

subordinado está propenso a generalizar o que lê, a população das regiões mais ricas do Brasil está predisposta a abstrair ressalvas e universalizar certos aspectos relacionados a povos de áreas brasileiras mais distantes e pobres, sobre os quais pouco conhece e que talvez considere inferior.

Ainda em (55) o exotismo é relacionado aos hábitos alimentares de Manaus, como em (54). Na declaração de que a culinária da Amazônia freqüentemente é surpreendente, Kugel implicitamente associa a idéia de surpresa e até mistério não só à cozinha amazônica, mas também a toda a região e ao povo, generalização facilmente realizável pelo leitor estrangeiro. O jornalista novamente chama a atenção para exotismo das frutas da região (*“fruits so exotic”*). Jacquemond (1992, p. 149) diz que uma cultura tende a representar ou a traduzir²⁰ um Outro considerado exótico fixando na própria linguagem a imagem desse Outro como complicado, difícil, misterioso, impenetrável, enfim, “irremediavelmente estranho e diferente”²¹ e, neste caso, essa dificuldade e estranhamento dos quais falam o autor são atribuídos à língua falada no Brasil, quando o jornalista menciona os *“tongue twister names”* dos peixes brasileiros. Considerando-se que, de fato, a goiaba (*“guava”*) é uma fruta existente, mas não muito comum nos Estados Unidos, a declaração de Kugel de que as frutas do Amazonas são exóticas a ponto de fazê-la parecer corriqueira enfatiza, para o norte-americano, o quão diferentes são essas outras frutas já que, para ele, a goiaba já é incomum.

Nas traduções do restante da passagem, o leitor brasileiro também tem acesso à informação a respeito das surpresas freqüentemente proporcionadas pela culinária da região, bem como à estranheza dos nomes de peixes dali. A partir da declaração sobre o caráter surpreendente da cozinha manauense, ele é novamente colocado em contato com a rede de associações estereotipadas que fazem parte do seu repertório a respeito do Amazonas, ou seja, a tradução desse trecho confirma a distância geográfica e cultural do norte do país em relação

²⁰ Autores como Jacquemond (1992) e Carbonell (1996) entendem que qualquer abordagem a uma determinada cultura envolve um processo de tradução.

²¹ “irremediably strange and different”.

às regiões mais ao sul. Entretanto, provavelmente esses leitores não assimilam totalmente a imagem da particularidade dos nomes dos peixes, uma vez que alguns desses termos podem fazer parte de seu vocabulário comum e que esses leitores, falantes do português, provavelmente estão acostumados a palavras indígenas que nomeiam espécies de peixe. A princípio, a asserção de que as frutas dali são tão exóticas que fazem com que a goiaba pareça comum provavelmente não faz sentido para esse leitor, já vez que, para ele, a goiaba é de fato um fruto corriqueiro. Esse estranhamento pode levá-lo a questionar de onde parte a afirmação de que esse é um fruto raro, e então lembrá-lo de que o autor dessa leitura sobre a região é um estrangeiro.

Na passagem (56), o jornalista faz uma afirmação semelhante àquela do exemplo (54), informando ao seu leitor que em Manaus há algo que ele pensaria não haver: espetáculos de ópera.

- (56) Between meals, and especially before breakfast, the teeming downtown port and markets buzz with activity, equally fascinating for microeconomics professors and lovers of cheap pineapples. And in April or May, visitors can end the day with opera. Really (NYT, acesso em: 26 mar. 2006)

Entre as refeições, e especialmente antes do café-da-manhã, o porto do centro da cidade e os mercados se enchem de burburinho, igualmente fascinantes para professores de micro-economia como para amantes de abacaxis. E em abril ou maio, os visitantes podem terminar o dia com uma ópera. Sério (US, acesso em: 26 mar. 2006)

Entre as refeições, e especialmente antes do café da manhã, os mercados e o porto central abarrotados fervem de tanta atividade, o que é igualmente fascinante tanto para professores de microeconomia quanto para os apreciadores de abacaxis bem baratos. E nos meses de abril ou maio, os visitantes podem encerrar o dia com uma boa ópera. É verdade (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Na menção ao porto e aos mercados que, da mesma forma, podiam fascinar professores de microeconomia e amantes de abacaxis baratos, é possível perceber novamente a idéia do Brasil como um ambiente cheio de contrastes, assim como se viu em (48), (51), (52) e (53). Neste caso, o contraste se refere aos diferentes tipos de pessoas que freqüentam os ambientes. A menção a um professor de microeconomia relaciona-se a pessoas com maior grau de instrução e poder aquisitivo, ao passo que os amantes de abacaxi baratos seriam simbolizados por pessoas mais pobres, possivelmente sem muita instrução. A imagem que fica para o leitor estrangeiro, a partir da leitura deste trecho, é a de que o porto e os mercados de Manaus são lugares em que pessoas de diversas classes sociais e níveis de instrução se encontram e se misturam, numa espécie de *melting pot*²² tipicamente brasileiro.

Por sua vez, as traduções, que também constroem essa imagem de um lugar em que é constante o contato entre pessoas de níveis econômicos e educacionais distintos, provavelmente não desencadeiam no leitor brasileiro essas mesmas associações provocadas pelo texto em inglês, uma vez que em grande parte do país é comum a existência de portos e mercados freqüentados por pessoas de várias classes sociais. Assim, esse comentário provavelmente não se converte em representação do exotismo para o público brasileiro, pois esse público tem, em seu cotidiano, acesso a esse tipo de ambiente.

Ao final da passagem (56), ao informar que em determinados meses os visitantes podem encerrar o dia com uma ópera, o jornalista termina a frase e, antevendo a surpresa causada a seus leitores, Kugel confirma a informação, como se admitisse que, por mais estranho que possa parecer, a cidade oferece tais espetáculos. Construções lingüísticas como essa ratificam imagens e estereótipos que já existem no imaginário estrangeiro sobre o Brasil,

²² O Houaiss (2004) define essa expressão como “local onde se processa uma mistura racial e uma assimilação de elementos sociais e culturais diversos; população que habita esse lugar; situação em que as coisas se misturam, amalgamam, revigoram ou renovam”.

principalmente por se tratar de uma cidade brasileira que, ao contrário do Rio de Janeiro ou de São Paulo, não é tão conhecida pelos estrangeiros.

Essa construção é reelaborada em ambas as traduções, sendo talvez um pouco mais enfática no texto do *US* que no do UOL, já que, nessa primeira tradução, “*really*” é traduzido por “sério”. Em relação à recriação desse efeito na tradução, os brasileiros em geral, devido ao pouco conhecimento da região e especialmente de sua vida cultural, também podem experimentar a sensação de surpresa ou até mesmo de espanto ao saber que a cidade oferece sessões de ópera, assimilando a imagem do exotismo atribuído à região. Aqui se pode perceber a oposição entre o culto e o popular, em que a ópera representa a cultura erudita, colocada aqui como uma dissonância em meio aos aspectos tropicais e populares de Manaus. Os textos em inglês e em português veiculam a idéia de que numa cidade como essa é quase inacreditável haver cultura – erudita.

É possível associar o distanciamento entre as regiões brasileiras continuado pela tradução às palavras de Niranjana (1992), segundo quem a informação traduzida parece transparente, mas não o é, porque mascara desigualdades. De fato, quando se trata de culturas de países distintos, a tradução pode assumir o papel de ocultar certas assimetrias. No entanto, no caso desta notícia, em que a tradução proporciona um diálogo entre culturas de um mesmo país, a prática tradutória traz à tona essas diferenças juntamente com o estereótipo e o preconceito, ao realizar, assim como o texto do *NYT*, o realce do caráter supostamente exótico do cotidiano manauense.

Na passagem (57) volta a aparecer uma referência explícita ao rústico – como no caso (50) – e esse atributo aparece relacionado ao romântico.

- (57) A good way to build up an appetite is to spend an early morning down at the docks. No need to join a longshoreman’s union, just bound down the rickety wooden steps to

the countless romantically rustic, brightly colored riverboats docked along the piers (NYT, acesso em: 26 mar. 2006)

Uma boa forma de abrir o apetite é passar uma manhã nos cais. Não precisa se juntar a um sindicato de estivadores, apenas amarrar os degraus de madeira aos barcos fluviais romanticamente rústicos e coloridos, que estão parados por toda a beira (US, acesso em: 26 mar. 2006)

Uma boa maneira de abrir o apetite é aproveitar o comecinho da manhã nas docas. Não é preciso entrar para o sindicato dos estivadores – basta caminhar sobre as oscilantes pequenas plataformas de madeira que levam aos românticos e rústicos barcos de cores vívidas, estacionados ao longo do pier (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Interessa à representação do exótico nesta passagem a caracterização dos barcos que, segundo Kugel, são incontáveis, romanticamente rústicos e brilhantemente coloridos. Os adjetivos “*colored*” e “*rustic*”, aliados à idéia de grande quantidade, desempenham o papel de se associar não apenas ao barco, mas se estendem a todo o ambiente descrito. O fato de essa rusticidade ganhar ainda outro aspecto, o romântico, além de remeter o leitor estrangeiro ao exótico e ao pitoresco, lembra-o também das imagens de charme e inocência – já percebidas no caso (47) – comumente atribuídas aos povos dos países tropicais. O público norte-americano pode fazer a leitura de que o caráter rústico é tão disseminado na cidade que caracteriza desde os barcos até a vida social manauense e, se essas relações implícitas não são suficientes para garantir a continuação do estereótipo do exotismo, a informação adicional de que toda essa rudimentariedade é ainda marcada pelo romantismo certamente auxilia para que a imagem do paraíso natural, charmoso e praticamente intocado se mantenha no imaginário estrangeiro.

Embora a tradução do US, no que se refere à qualificação dos barcos, omita o advérbio “*brightly*”, que caracteriza suas cores, considera-se que a descrição elaborada nesse texto seja

mais enfática que a do texto do UOL, já que no *US* o advérbio “romanticamente” qualifica ambos os adjetivos “rústicos” e “coloridos” (“romanticamente rústicos e coloridos”). Na tradução do UOL, a relação entre o romantismo e a rusticidade é menos intensa, já que “românticos” e “rústicos” são aspectos atribuídos individualmente aos barcos, coexistindo na descrição, mas não se sobrepondo. Embora nenhuma das traduções faça referência ao grande número de barcos (“*countless*”), elemento importante por facilitar o contágio de todo o cenário com os atributos das embarcações, considera-se que ambas as imagens da rusticidade e do romantismo são apresentadas aos brasileiros, que tendem a estender essa representação e identificá-la com a idéia de pobreza e atraso que assolariam o norte do Brasil, sua paisagem e seu povo. Para Niranjana (1992), uma cultura considerada subordinada parece distante tanto no espaço como no tempo, e é vista não só como meramente diferente, mas como mais primitiva também. É o que ocorre aqui, considerando-se que, no contexto brasileiro, a cultura do norte do país é vista como subordinada e, a do sul, dominante. Os habitantes que vivem próximos às capitais brasileiras do eixo Rio-São Paulo e do Sul do país muitas vezes não consideram a cultura nortista e nordestina apenas diferente, mas de fato mais atrasada e primitiva.

No excerto (58) tem-se uma imagem semelhante à do caso (53), na descrição de outro estabelecimento comercial.

- (58) Much of the merchandise coming off the boats is headed to the covered markets nearby. Merchants there sell everything from medicinal roots to apples brought in from São Paulo to Manaus T-shirts. The exterior of the Mercado Central, built during the rubber boom, verges on the glamorous, modeled after Les Halles. Inside, however, it is all Brazilian, including a fish market where workers filet massive pirarucu, and chop the ugly croaking bodó fish in half (NYT, acesso em: 26 mar. 2006)

Boa parte da mercadoria que sai dos barcos é levada a mercados cobertos da região. Comerciantes ali vendem de tudo, de raízes medicinais, maçãs trazidas de São Paulo a camisetas de Manaus. A parte exterior do Mercado Central, construída durante o surto da borracha, aproxima-se do glamoroso. Dentro, no entanto, é tudo brasileiro, inclusive um mercado de peixes onde os funcionários cortam em filés um piracuru inteiro o feioso bodo ao meio (US, acesso em: 26 mar. 2006)

Grande parte dos produtos que saem dos barcos vai para as tendas do mercado que fica ali por perto. Os vendedores de lá negociam um pouco de tudo – podem ser raízes de uso medicinal, maçãs vindas de São Paulo ou camisetas made in Manaus. A fachada do Mercado Central, construída durante o ciclo da borracha, beira o glamuroso, inspirada pelo mercado francês Les Halles. Mas lá dentro, é tudo bem brasileiro, incluindo a peixaria onde os funcionários retalham postas de pirarucu e partem pela metade os feiosos e barulhentos peixes-gato (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

A descrição do Mercado Central leva o leitor estrangeiro a reconhecer a abrangência e a mistura de elementos distintos num mesmo ambiente e a conseqüente disparidade existente no cotidiano manauense, e mais uma vez esses elementos se convertem na imagem do exotismo. Da mesma forma como o comércio da cidade reúne num mesmo local pessoas de diferentes classes sociais – trecho (56) – essa mesma diversidade também atinge os produtos vendidos nesses lugares. Assim, em (56) e (58), ainda que as traduções do US e do UOL reconstruam em língua portuguesa a idéia de mescla de produtos e pessoas num mesmo ambiente, essa representação não chega a remeter o leitor brasileiro à imagem do exotismo.

A ênfase na peculiaridade segue na declaração de que, enquanto a parte externa do mercado beira o glamour, na parte interna, no entanto, o estabelecimento é todo brasileiro (*“Inside, however, it is all Brazilian”*), inclusive no que se refere à venda de peixes de nomes exóticos ou *“tongue twister names”* – como o jornalista afirmou no caso (55). Essa oposição, destacada pela inserção da conjunção adversativa *“however”*, pode indicar, para o estrangeiro, que a princípio seria improvável a co-ocorrência de glamour e daquilo que é tipicamente

brasileiro (natural, tropical, rústico, exótico), mas essa impossibilidade é revertida pela idéia das contradições brasileiras.

No que se refere às traduções, o texto do *US* não traduz a parte relativa ao fato de o mercado ter sido inspirado no francês *Les Halles*. UOL, ao contrário, mantém a referência ao nome estrangeiro e explicita aos brasileiros que se trata de um mercado francês, já que esses leitores poderiam não ter referencial para compreender tal alusão. Ambas as traduções confirmam a relação de oposição e disparidade entre o refinado exterior do mercado e seu interior, tipicamente brasileiro, relação que novamente não é considerada representativa para o leitor do Brasil.

Na passagem seguinte, Kugel utiliza em seu texto várias palavras de língua portuguesa, inclusive com a adaptação da pronúncia de uma delas.

- (59) The fruit varieties that are nearly omnipresent in Manaus are nearly absent in the [United States](#). [Brazilophiles will be familiar with açai \(pronounced ah-sah-EE\)](#), the berry of a local palm that has gained a reputation for being a big energy booster and antioxidant source. [...] If fruit isn't your thing, there is always fish. Minimalist fish lovers will be in heaven: seafood is everywhere, fresh and simply prepared. [The species are as fun to pronounce as they are to eat: tambaqui, tucunaré, jaraqui, pacu and the enormous pirarucu](#), fresh or dried and salted like codfish (*NYT*, acesso em: 26 mar. 2006)

A variedade de frutas que estão por quase toda parte de Manaus quase não existe nos Estados Unidos. [Brasilófilos estarão familiarizados com o açai](#), os grãos de uma palma local que adquiriu reputação por ser um grande amplificador de energia e fonte anti-oxidante. [...] Se você não é chegado em frutas, sempre há um peixe. Amantes de peixes irão se sentir no paraíso: frutos do mar estão em todos os lugares, preparados frescos e de forma simples. [As espécies são tão engraçadas de pronunciar como de comer: tambaqui, tucunaré, jaraqui, pacu e o enorme piracuru](#), frescos ou secos e salgados como bacalhau (*US*, acesso em: 26 mar. 2006)

A variedade de frutas, quase onipresentes em Manaus, é quase inimaginável nos Estados Unidos. Os “brasilófilos” conhecem o açaí, o fruto de uma palmeira local que já é famoso por proporcionar muita energia e ser fonte antioxidante. [...] E se você não for tão ligado em frutas, sempre haverá o peixe. Os minimalistas adoradores do pescado estarão no céu por aqui: os seres e frutos do mar estão por toda parte, frescos e preparados de maneira simples. As espécies são tão divertidas de se comer quanto de se pronunciar: tambaqui, tucunaré, jaraqui, pacu e o enorme pirarucu, tanto o fresco quanto o desidratado e salgado, como o bacalhau (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Kugel procura demonstrar ao leitor estrangeiro a forma como a palavra “açaí” é pronunciada, de forma que novamente chama atenção para a peculiaridade da língua portuguesa em relação à inglesa (especialmente por se tratar de uma palavra com diacríticos) e essa diferença acaba se revelando mais que uma simples dessemelhança, pois sua apresentação resgata associações com o estereótipo do exótico e o preconceito em relação ao que se mostra diferente. Na informação de que as espécies de peixes são igualmente divertidas de se comer e pronunciar, a suposta comicidade da língua portuguesa facilmente desliza para o exotismo. Carbonell (1996, p. 81) diz que “há um vazio entre o contexto significativo dos elementos culturais envolvidos, há sempre um elemento de intraduzibilidade que permite a modificação do significado inicial de acordo com as estruturas de representação da língua ou da cultura meta”.²³ A utilização de termos da língua portuguesa num texto veiculado na cultura norte-americana faz com que tais palavras tenham seu significado modificado no sentido de que deixam de simplesmente designar espécies de peixes e passam a indicar a latente estranheza do Outro.

Nem a tradução do *US* nem a do UOL mantiveram a adaptação proposta por Kugel à pronúncia do açaí. Quanto ao restante da passagem, também em português lê-se que pronunciar os nomes das espécies garante a mesma diversão que comê-las, embora talvez o

²³ “There is a gap between the significative context of the cultural components involved, there is always an element of untranslatability that allows the modification of the originary meaning according to the structures of representation of the target language/culture”.

leitor brasileiro não considere tais pronúncias engraçadas devido ao fato de estar relativamente familiarizado tanto com parte desse vocabulário como com o padrão da língua. De qualquer forma, essa passagem pode lembrá-lo de que algo que para ele é normal, é recebido pelo estrangeiro com tanto estranhamento que chega a soar engraçado. Considera-se que, de maneira semelhante ao trecho (46), esta passagem pode induzi-lo, mesmo que momentaneamente, a tomar consciência da própria língua, no sentido de trazer à tona a percepção de que sua singularidade chama a atenção dos estrangeiros.

O excerto (60) é o último parágrafo da notícia, e Kugel fala brevemente da vida noturna de Manaus.

(60) Most tourists, however, will be content to go to bed early, since the real action in the city goes on around dawn, to the rhythm of the market and the taste of yellow mombin juice (NYT, acesso em: 26 mar. 2006)

No entanto, a maior parte dos turistas ficará satisfeita em ir cedo para a cama, já que a verdadeira motivação na cidade passa pelo nascer do sol, vai ao ritmo do mercado e ao gosto do suco de umbu (US, acesso em: 26 mar. 2006)

Mas a maioria dos turistas preferirá ir para cama mais cedo, já que o melhor mesmo na cidade acontece de madrugada, ao ritmo do mercado e ao sabor de um bom suco de seriguela (UOL, acesso em: 26 mar. 2006)

Nesse encerramento, a relação que Kugel estabelece entre o que há de mais movimentado na cidade, o ritmo do mercado e o sabor do suco uma determinada fruta (“*yellow mombin*”) confirma algo que seu texto como um todo deixou claro, que é nas peculiaridades desses elementos, lidos como marcas de exotismo, que o jornalista acredita estar a identidade de Manaus e da região amazônica em geral. É também com base nessas diferenças que ele constrói a identidade dos brasileiros para o leitor estrangeiro, transmitindo

a imagem de que o caráter exótico está em todo canto e permeia tudo: o espaço físico, o povo e a língua. Page (1995, p. 8) também expande as impressões causadas pelo meio físico ao caráter dos brasileiros, ao relatar que

as diferentes características da brasileiridade emergem de fatores humanos, tais como a interação singular entre os brasileiros e seu meio físico e a magia que permeia tanto a terra como o povo. São estes os aspectos que vêm há muito tempo seduzindo e inspirando observadores estrangeiros.²⁴

A relação em que a vida durante o dia assimila o ritmo do mercado e o sabor do suco é reconstruída com bastante proximidade pelas duas traduções, exceto pelas formas distintas como o *US* e o *UOL* traduzem o nome da fruta – “serigüela” e “umbu”, respectivamente. Segundo essa representação, tudo em Manaus teria o ritmo e o sabor do exótico e, neste caso, especialmente a construção que associa esse exotismo aos hábitos alimentares dos manauenses pode ser incorporada pelos brasileiros.

5.1 A representação do Brasil como paraíso natural e país exótico: considerações

Ao fim da análise dos fragmentos que compõem este capítulo é possível afirmar que, de uma maneira geral, a grande maioria dos trechos selecionados tende a revelar a representação do exotismo – casos (46) a (60), sendo a imagem do paraíso natural menos numerosa e pontual apenas em 4 exemplos – (43), (44), (45) e (47). Em (47) a representação que aproxima a paisagem de Ouro Preto da Europa não desestabiliza a imagem do paraíso natural, que apenas não é construída segundo a visão dos trópicos, elaborada em (43), (44) e (45).

²⁴ “The distinctive features of Brazilianness emerge from human factors, the singular interplay between Brazilians and their physical environment, and the magic that permeates both land and people. These are the aspects of Brazil that have long seduces and inspired foreign observers”.

Nos excertos (43) a (45), há uma representação da natureza paradisíaca na cidade do Rio de Janeiro em que, ao ser utilizado um vocabulário que enaltece as belezas naturais da cidade (“*verdant city/mountains*”, “*green fields*”, “*tropical breeze*”, “*azurre sea*” e “*stunning site*”), pode haver um transporte do leitor estrangeiro para a visão mítica dos trópicos, lugar em que também se encontram outras imagens que acompanham o Brasil desde o início de sua história. Dentre tais imagens, pode-se mencionar a do país como “terra abençoada por Deus”, “paraíso reencontrado”, “berço do mundo”, que estão entre as quais Chaui (2000, p. 75) e Orlandi (2001) chamam, respectivamente, de mitos ou discursos fundadores, ou seja, construções ideológicas que, reiteradas, afirmam determinadas identidades do Brasil. Na sua estreita relação com o estereótipo, os mitos fundadores impedem o surgimento de novas associações ou questionamentos das representações já estabelecidas.

Dentre os primeiros três exemplos, em que se pode inferir essa representação de paraíso natural, num deles essa imagem é totalmente omitida (44), de forma que há, nos dois outros fragmentos, a reapresentação dessas imagens ao leitor brasileiro que, assim, é colocado novamente em contato com dizeres a respeito da exuberância natural do Rio sem, todavia, generalizar tanto essa representação para todo o Brasil, como parece ser a tendência do estrangeiro. De qualquer forma, a tradução recoloca tais mitos em funcionamento no imaginário brasileiro e, ainda que a generalização dessas imagens pareça ocorrer em menor grau nesse contexto, essas crenças também voltam a atingir esse leitor, fazendo-o se lembrar, ou melhor, não se esquecer de que muitas de suas cidades são verdadeiros paraísos naturais.

A respeito da representação do exotismo relacionado ao país e aos brasileiros, esta foi considerada mais marcante pelo fato de haver demonstrado maiores ramificações e multiplicidade de atuações. Foram três as associações principais geradas pela representação do exótico, a saber: sua revelação no caráter pitoresco dos falantes e do padrão da língua portuguesa; na grandiosidade do país e do povo brasileiro; e na típica mistura brasileira de

elementos díspares que, no entanto, dadas as contradições do Brasil, não gera conflito. Deve-se ressaltar que os exemplos que não geram tais ramificações são permeados pela idéia de que o exótico transpõe o meio, a vida social e contagia o povo.

No que se refere à associação entre a língua portuguesa e o exotismo – casos (46), (55) e (59), viu-se que os jornalistas que realizam essas construções exageram um aspecto básico de qualquer língua estrangeira em relação à outra, especialmente se de origem distinta: uma notável diferença. Parecem se esquecer de que o português brasileiro, não compartilhando uma origem comum com o inglês norte-americano, irremediavelmente apresentará grandes diferenças e particularidades, da mesma forma como o espanhol diferirá do russo, o alemão do italiano e assim por diante. No caso (46), por exemplo, os brasileiros foram mostrados quase como deturpadores da pronúncia do inglês, ainda que uma das palavras “deturpadas” (“Orkut”) nem mesmo seja originária da língua inglesa. Além disso, algumas outras atribuições que podem ser interpretadas como pejorativas foram associadas à língua portuguesa (“*fun*”) e às suas palavras (“*tongue twister names*”).

Em todos esses casos, nota-se que a diferença inevitável entre línguas é elevada ao nível do estereótipo, chegando a beirar o preconceito. Essa maneira de falar sobre a língua do Outro, não demonstrando a aceitação da alteridade mas relacionando-a, na representação cultural, ao estranho, é sintomática de que, nesse diálogo entre o português brasileiro e o inglês norte-americano, essa primeira língua é vista como subordinada, enquanto a última é a hegemônica, dando aos seus usuários o poder de ler as outras da forma como quiser. Cronin (2000, p. 118-119) confirma a assimetria do status entre as línguas e a associa ao poder econômico de cada uma delas, ao afirmar que

as línguas não existem em relações simétricas ideais e o coeficiente de poder de algumas línguas é mais alto que o de outras. Nas

circunstâncias contemporâneas, esse poder é geralmente relacionado à proeminência econômica. O dinheiro fala.²⁵

Jacquemond (1992, p. 139), de forma similar, sustenta que a “hegemonia cultural confirma, amplamente, a hegemonia econômica”.²⁶ De acordo com esses dois autores, pode-se afirmar que o poder e o status de uma dada língua encontram-se estreitamente relacionados ao poder econômico do país a que essa língua é associada, e tal relação de desequilíbrio freqüentemente permite que falantes de línguas dominantes se permitam qualificar outras línguas, de menor status, de maneiras quase pejorativas – o parece ocorrer quando o português do Brasil é lido de forma estereotipada pelo falante do inglês americano.

Em relação às traduções desses casos em que há leituras da língua portuguesa, essas construções são majoritariamente apresentadas aos leitores brasileiros. Como se afirmou anteriormente, um aspecto positivo da manutenção dessas referências nos textos traduzidos é o fato de que podem levar os leitores brasileiros a pensar sobre sua própria língua, no que se refere à sua diversidade interna e em relação às línguas estrangeiras.

A revelação da imagem do exotismo por meio do suposto gosto pela grandiosidade do país e do povo brasileiro pôde ser notada nos casos (49) e (51), na reportagem sobre a cidade de Ouro Preto, representação reconstruída nas traduções. Tais associações, embasadas pelo pensamento do antropólogo Page (1995), podem levar o estrangeiro a atribuir essa idéia do “gosto pelo grandioso” ao caráter dos brasileiros em geral.

O fato de as reportagens sobre as cidades de Ouro Preto, São Paulo e Manaus poderem ser lidas como relatos de viagem permite identificar nesses textos que o realce do exotismo é até mesmo buscado pelos jornalistas, como um componente imprescindível ao relato sobre essas cidades, apresentadas como partes de um “novo mundo”, e que eles procuram conhecer

²⁵ “[...] languages do not exist in ideal symmetrical relationships and the coefficient of power is higher for some languages than others. In contemporary circumstances, this power is generally related to economic prominence. Money talks”.

²⁶ “[...] cultural hegemony confirms, to a great extent, economic hegemony”.

esse Outro, os brasileiros, em sua (suposta) essência e mostrar ao leitor estrangeiro toda a diferença desses sujeitos. Tanto nas passagens em que há a ênfase nas mesclas de traços distintos num mesmo ambiente como naquelas em que há representações do exótico em si, os jornalistas Bernstein, Shaw e Kugel procuram algo que, para Ferreira (2001, p. 79), sempre é apontado pelos estereótipos sobre o Brasil e seu povo: “a tipicidade dos brasileiros”. Cronin (2000, p. 92) alerta para a impossibilidade de se atingir essa essência do Outro, de conhecê-lo em sua plenitude, como parecem objetivar os jornalistas do *NYT*. O autor afirma que “a dificuldade primeira em toda viagem é explicar a heterogeneidade do real. Nesse sentido, toda viagem envolve tradução, vista como uma busca por equivalências”.²⁷ Aqui, os relatos feitos pelo estrangeiro não se voltam para a compreensão do aspecto real da heterogeneidade ou da alteridade mas, numa busca que parece ser mais por diferenças do que por equivalências, parecem inevitavelmente simplificar e reduzir tudo ao exótico e, aí, está aberta a possibilidade de passagem para o estereótipo. Cronin ressalta ainda que

o Outro sempre transcenderá nosso entendimento de seus contextos. É exatamente essa imensurabilidade transcendente que determina a tradução e a viagem. Ambos estão localizados no intervalo, o *écart*, que motiva o eterno esforço de conhecer um país melhor, de traduzir ou interpretar um texto de forma mais completa, mas esse esforço só tem êxito porque falha. Em outras palavras, o conhecimento total de um país e seu povo (um absurdo manifesto) e uma tradução perfeita sinalizam não o triunfo, mas o fracasso da tradução e da viagem. (CRONIN, 2000, p. 106)²⁸

Assim, pode-se entender a tentativa dos autores das notícias de trazer aos textos tantos elementos quanto julgam necessários para representar, em inglês e, a partir do seu ponto de vista, toda a peculiaridade dos brasileiros como um esforço que de antemão não tem sucesso,

²⁷ “[...] the primary difficulty in all travel is in accounting for the heterogeneity of the real. In this sense, all travel involves translation, seen as a search for equivalences” (p. 92)

²⁸ “The other will always transcend your understanding of his/her contexts. It is precisely this transcendent incommensurability that drives translation and travel. Both are situated in the gap, the ‘*écart*’, that motivates the perpetual effort to know a country better, to render a text more fully, but the effort only succeeds because it fails. In other words, total knowledge of a country and its people (a manifest absurdity) and a perfect translation signal not the triumph but the undoing of translation and travel”.

pelo mesmo motivo apontado por Cronin: o Outro nunca é inteiramente redutível ao olhar estrangeiro, por mais que inevitavelmente esse olhar acabe reduzindo-o a estereótipos ligados ao pitoresco, ao exótico ou ao estranho.

Dentre os componentes dessa construção realizada pelos norte-americanos está a idéia de que no Brasil vários opostos (riqueza/pobreza; santificado/profano; refinamento/rusticidade; erudito/popular) convivem sem conflito no mesmo meio – casos (48), (51), (52), (53), (56) e (58). A criação dessa imagem de miscelânea em que a tensão não leva ao atrito ratifica para o leitor estrangeiro a visão de que este é mesmo um país particular.

As traduções das passagens em que se delineia essa imagem podem causar efeitos diversos. Enquanto as notícias sobre Ouro Preto tendem a desencadear, para os brasileiros, o reforço do estereótipo do exótico, as passagens sobre São Paulo e Manaus que tratam dessa diversidade localizando-a em estabelecimentos comerciais provavelmente não provocam nesses leitores, que não reconhecem aí uma especificidade, a retomada da imagem do exotismo. Diferentemente, a tradução dos trechos da notícia de Manaus que ressaltam a idéia de mistura e contrastes não relacionados exclusivamente ao comércio, mas à vida social da cidade e ao povo, é transmissora em potencial de imagens estereotipadas sobre o norte do país e pode auxiliar na manutenção do preconceito da população de outros estados em relação a essa região. Assim, a tradução desses exemplos pode desdobrar uma consequência inesperada, nesse contexto: a continuação do preconceito entre regiões brasileiras, da mesma forma como Carbonell (1996, p. 83) lembra que “a tradução, como uma ponte entre culturas, pode também ser uma fonte de separação quando reafirma estereótipos acolhidos” por uma cultura em relação à outra.²⁹ Dessa forma, vê-se que a tradução dos casos em que é marcada a peculiaridade de Manaus atua, assim como supôs Carbonell, na manutenção da separação

²⁹ “Translation as a bridge between cultures may also be a source of separation when it reaffirms received stereotypes”.

entre as regiões brasileiras, uma distância determinada não só pela geografia como também pelo preconceito dos habitantes da parte sul do país.

Nos exemplos (47), (48), (50), (54), (57) e (60) o exotismo é representado com base nas associações com as idéias de “estranho”, “rústico” ou “romântico”. Nesses trechos, a imagem do exotismo foi também incorporada por outros atributos: o natural, o popular e o atrasado. As traduções, de maneira geral, validam essas representações, confirmando o argumento de Chaui (2000) e Orlandi (2001) de que o mito fundador associado à visão do Brasil e dos brasileiros como país e povo exóticos é ainda aceito pelo imaginário brasileiro e amplamente utilizado na afirmação das identidades desse povo. A respeito da impregnação do estereótipo numa determinada cultura, Ferreira (2001, p. 72) diz que

o automatismo [dos estereótipos] envolve mecanismos sociais, históricos e culturais presentes nos modos de sustentação do *status quo* que se realizam pela reiteração de enunciados que expressam o saber comum. O efeito de impregnação de tais automatismos funciona como a possibilidade de institucionalização dos sentidos, fazendo-os corresponder, ética e moralmente, às expectativas construídas pela sociedade. O que se observa, em consequência, é que o papel aglutinador, catalisador, manifesto por essas construções estereotipadas, produz um efeito de aproximação de épocas, de identificação de costumes, crenças e comportamentos, compartilhado por todos.

Possivelmente a aproximação de épocas, crenças e comportamentos da qual fala a autora está relacionada ao fato de que imagens que eram construídas desde o início da história do Brasil são muito próximas às que se constroem ainda hoje, graças à “reiteração de enunciados que expressam o saber comum”, de forma que nessas imagens se encontram e harmonizam crenças e comportamentos do passado e do presente. Assim, vê-se que a tradução também é colocada a serviço da impregnação, no imaginário brasileiro, dos automatismos criados pelas constantes retomadas das construções que relacionam o país e seu povo ao natural e ao exótico. Ao considerar-se a afirmação de Cronin (p. 2000, p. 106) de que “a

compreensão do contexto pode fornecer pistas valiosas para o entendimento de diferentes tipos de experiência de viagem e de prática tradutória”³⁰, pode-se compreender, levando em conta os diferentes contextos do Brasil que serviram de fundo a essa representação cultural, como a tradução trabalha com essas imagens em cada um desses contextos, bem como os desencadeamentos desse processo. Como aconteceu na representação da sensualidade e da beleza e na da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima, a veiculação das imagens estudadas neste quinto capítulo parece aceita e considerada positiva pelo imaginário brasileiro, uma vez que é majoritariamente corroborada pela tradução. No entanto, é importante ressaltar que a construção, em português, das imagens do paraíso natural e do exotismo mostrou desencadeamentos bastante específicos e inesperados, que variam conforme o contexto ou o cenário da representação cultural. Dentre esses desdobramentos estão a possibilidade de uma maior reflexão dos leitores brasileiros a respeito de sua língua e da língua do Outro e a manutenção de práticas de discriminação entre regiões e culturas brasileiras.

³⁰ “[...] contextual understanding can often provide invaluable clues to understanding many different kinds of travel experience and translation practice”.

CAPÍTULO 6

A REPRESENTAÇÃO DA CORRUPÇÃO

A análise que se segue procura evidenciar a forma como a imagem do Brasil e dos brasileiros como um país e povo corruptos é construída pelo *The New York Times* e posteriormente traduzida no Brasil. Faz parte dessa construção a idéia de que a corrupção tem feito tradicionalmente parte da vida política brasileira, passando mesmo a ser incorporada pela vida social desse povo como, de fato, um aspecto cultural e até natural do que lhe é relacionado.

Essa representação pode ser encontrada na voz de alguns autores, tanto estrangeiros como brasileiros, que estudam o Brasil e seu povo. Page (1995, p. 122), por exemplo, afirma que “a corrupção tem sido tradicionalmente um aspecto definidor do sistema político-econômico do país”.¹ Utsch, pesquisador brasileiro, por sua vez sustenta que a raiz da corrupção não poderia ser encontrada no presente e que sua “causa determinante começou bem lá atrás, e tem-se perpetuado pelas contingências resultantes daquela estrutura mesma, com repercussões nas mentes, nos comportamentos, nas vidas de todas as gerações” (2003, p. 225).

Certos estudiosos (cf., por exemplo, Chaui, 2000) afirmam que a própria forma de colonização e a administração política e econômica do país durante esse período teriam grande parcela de responsabilidade na maneira como teria se formado e configurado o pensamento brasileiro com relação às práticas de poder. Segundo o mesmo posicionamento, a

¹ “Corruption has traditionally been a defining feature of the country’s politico-economic system”.

forma singular de se relacionar com o poder teria aberto caminho à prática da corrupção. A esse respeito, Page (1995, p. 125) diz que

a administração da colônia [brasileira] tornou-se um paradigma não apenas de ineficiência, mas também de suborno e corrupção, uma vez que políticos desviavam dinheiro público e também obtinham vantagens financeiras dos cargos que ocupavam.²

Quando o *NYT* publica notícias a respeito da corrupção no Brasil há a reiteração dessa representação, o que pode contribuir para que os leitores estrangeiros ratifiquem a imagem de um país que, de antemão, seria digno de menos confiança no cenário da política internacional. Essa possível desconfiança em relação ao Brasil se daria por vários motivos, dentre os quais estão o fato de o país ter sido formado num contexto em que a corrupção era prática comum e o de não ter sido capaz de eliminar ou, pelo menos, estar próximo da erradicação desse problema durante os mais de cinco séculos de sua existência como nação.

Uma vez que a tradução reassuma a imagem da corrupção relacionada aos brasileiros, pode contribuir para a ratificação da noção de que o Brasil é tradicionalmente um país corrupto, auxiliando na estabilização desse estereótipo no imaginário brasileiro, e confirmando a corrupção como um fato que vem sendo consumado há séculos, sendo pouco passível de erradicação.

Hale (2000) sustenta que além de serem reconstruídos pela prática tradutória, os estereótipos também são comumente produzidos pelo jornalismo e pelo discurso político. Considerando-se que a veiculação em português da representação da corrupção, além de estar sob as influências da escrita tradutória e do discurso dos jornais (como ocorre com as outras representações estudadas aqui), também trabalha com certos aspectos do discurso político,

² “The administration of colony became a paradigm not only of inefficiency but also of a graft and corruption, as local officials siphoned off public funds and otherwise took financial advantage of their positions”.

que inevitavelmente é construído em notícias sobre a corrupção, pode-se perceber o potencial de disseminação que a tradução dessa representação assume.

Assim, no caso de a representação da corrupção como algo natural ao Brasil encontrar na tradução mais um espaço para sua veiculação, o texto traduzido pode auxiliar na aprovação de práticas e comportamentos que podem até mesmo ter seu caráter negativo amenizado, já que são abrigados pela reiteração de certos discursos.

O primeiro caso refere-se à época da crise ocorrida no primeiro mandato do governo Lula, em 2005. A notícia é de autoria de Paulo Prada e foi publicada pelo UOL (sem o nome do tradutor) em 15 de novembro do mesmo ano. O exemplo (61) é o título do artigo, que de forma geral trata das acusações ao ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci.

(61) Unfolding Scandal Nears Finance Official in Brazil (*NYT*, acesso em: 15 nov. 2005)

Crise no Brasil fica perto do ministro da Fazenda (UOL, acesso em: 15 nov. 2005)

No texto do *NYT*, a adjetivação do referido escândalo, “*unfolding*” (descoberto, revelado), pode expressar a situação de constrangimento por que passava o governo do presidente Lula. Na tradução do UOL, a qualificação do escândalo que se aproxima do ministro da Fazenda brasileiro não aparece, o que faz com que o leitor brasileiro não tenha acesso à forma como o jornal estrangeiro constrói a imagem de uma revelação que então se colocava na política brasileira. Além disso, tem-se a tradução de “*scandal*” por “crise”, de forma que há no título em português uma dupla suavização da forma como o *NYT* se refere à questão. Nem o caráter revelador do escândalo que prejudica o governo de Lula, nem a avaliação da situação como tal são mostrados ao público brasileiro, que pode ler apenas que a crise naquele momento começava a envolver o ministro da Fazenda.

O exemplo seguinte refere-se à notícia cujo título vem a seguir, escrita por Larry Rohter, publicada em 28 de março de 2006 e traduzida apenas pelo *US*, na mesma data. O tema do artigo é a renúncia de Antonio Palocci.

- (62) Brazil's Finance Minister Quits Amid Continuing Political Scandal
 BUENOS AIRES, March 27 – Facing a long and politically damaging impeachment trial, Finance Minister Antonio Palocci of [Brazil](#) resigned Monday, the latest victim of the corruption scandal that has debilitated President [Luiz Inácio Lula da Silva](#) and his government for nearly a year (*NYT*, acesso em: 28 mar. 2006)

Ministro da Fazenda brasileiro pede afastamento

BUENOS AIRES, Argentina – Depois de encarar uma ameaça de impeachment, o Ministro da Fazenda brasileiro Antonio Palocci se afastou do cargo na segunda-feira, a mais nova vítima do escândalo de corrupção que debilitou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu governo por quase um ano (*US*, acesso em: 28 mar. 2006)

No que se refere ao título do artigo em inglês, para o leitor estrangeiro, a informação de que a renúncia do ministro da fazenda havia ocorrido enquanto ainda continuava o escândalo político (“*amid continuing political scandal*”) tem o efeito de garantir que a crise do governo Lula, que foi bastante noticiada pelo *NYT*, não havia perdido força mas, pelo contrário, seguia da mesma forma. Na tradução para o português, a informação sobre o contexto em que ocorreu a renúncia de Palocci não aparece, sendo este um dos vários exemplos em que o caráter negativo do olhar do jornal norte-americano em relação à política brasileira é amenizado.

Além disso, pode-se afirmar que tanto o verbo “*quit*”, no título do artigo, como “*resigned*”, já no corpo da notícia, são mais enfáticos que as formas pelas quais foram traduzidos, respectivamente “pediu afastamento” e “se afastou”. Assim, a situação que teria levado à renúncia de Palocci parece, no texto em inglês, mais grave e urgente que na tradução.

No corpo do artigo em inglês, a adjetivação da ameaça de *impeachment* (“*long and politically damaging*”) enfrentada por Palocci faz com que tal ameaça seja lida pelo estrangeiro como longa, politicamente prejudicial, e reforça a gravidade da situação em que se encontrava o Brasil. Na tradução, essa mesma informação, que revela a forma como o *NYT* considera a tentativa de *impeachment*, é omitida, o que, assim como no título da reportagem, suaviza a representação realizada por esse jornal e propicia um texto em português mais neutro, no que se refere ao caráter opinativo sobre a situação política brasileira da época. Como será possível perceber em casos subseqüentes, as traduções tendem a suavizar, principalmente por meio de omissões, a caracterização da forma negativa como o *NYT* interpretava a situação do governo federal brasileiro. Essas omissões podem evidenciar, além de uma posição favorável da editoria do *US* em relação ao governo brasileiro, a idéia – existente no imaginário brasileiro e expressa pela tradução desse jornal – de que, considerando-se que corrupção é tida como algo comum e tolerado no Brasil, não necessitaria da ênfase que o jornal estrangeiro coloca, ou seja, a tradução parece refletir que algo que o Outro trata com bastante enfoque, para os brasileiros já não causa estranheza, o que pode explicar a não-tradução desses elementos.

O caso (63), da mesma notícia, continua a denúncia contra Palocci.

- (63) He [Mr. Palocci] denied those charges, which have not been proved, and his position seemed secure until new accusations surfaced recently that he had frequented a luxury villa in Brasília, the capital, where some of his aides and associates solicited, received and distributed bribes and consorted with prostitutes (*NYT*, acesso em: 28 mar. 2006)

Ele negou as acusações, que não foram provadas, e sua posição parecia segura até que novas acusações vieram à tona recentemente. Disseram que ele era freqüentador ativo de uma casa de luxo em Brasília, onde alguns de seus ajudantes solicitavam, recebiam e distribuíam propinas (*US*, acesso em: 28 mar. 2006)

Em (63), no texto em inglês, a representação da corrupção envolvendo o ex-ministro da Fazenda e seus ajudantes é agravada pela sugestão de que não só a corrupção fazia parte das práticas de homens de confiança do presidente brasileiro, mas também o envolvimento de tais pessoas com prostitutas (“*consorted with prostitutes*”). A representação cultural resultante dessa passagem acaba reunindo o sexo como um aspecto inesperado na composição da imagem de um Brasil corrupto. Evidencia-se o poder que o discurso jornalístico tem de, ao realizar certas afirmações que aparentam ter caráter puramente informativo, estabelecer determinadas associações, direcionar leituras e retomar discursos pré-existentes, mantendo até mesmo a posição de subordinação (política, cultural, e até moral) de algumas sociedades.

Em relação à tradução, os brasileiros, por sua vez, têm acesso a um texto em que não aparece a relação entre a corrupção e o sexo. Esse apagamento pode estar relacionado à omissão dos elementos que qualificam a corrupção ocorrida no período, por um lado e, por outro, revelar a possibilidade de uma postura ligeiramente moralista por parte do *US*, o que também pode ser evidenciado pela tradução parcial que o jornal realizou da notícia referente a Bruna Surfistinha – casos (1) a (8).

O trecho (64) faz parte de uma notícia analisada anteriormente, na representação da violência. O artigo é “*Gun-happy Brazil Hotly Debates Nationwide Ban*”, escrito por Larry Rohter em 20 de outubro de 2005 e traduzido como “Brasil discute desarmamento” pelo *US*.

- (64) But President [Luiz Inácio Lula da Silva](#) has instead made cuts in the budget and, distracted by the worst corruption scandal in modern Brazilian history, has not managed even to spend all of the reduced amount that is available (*NYT*, 20 out. 2005)

Mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao contrário, fez cortes no orçamento e, abalado por um forte escândalo político, não conseguiu gastar apropriadamente a quantia reduzida disponível (*US*, 20 out. 2005)

Neste caso, como se viu nos trechos (61), (62) e (63), um evento político ocorrido no Brasil referente ao mandato do presidente Lula recebe uma qualificação negativa, de forma a causar impacto na leitura do público do *NYT*. Para Mariani (1998), no discurso jornalístico os sentidos ganham sua espessura pela repetição, pela crítica nítida ou sutilmente disfarçada de explicação. A repetição e crítica de que fala a autora podem ser percebidas de forma semelhante nesta representação que o *NYT* realiza do Brasil, em que a reincidência de avaliações negativas em torno da situação política brasileira direciona a leitura do estrangeiro para o caráter recorrente de casos graves de corrupção no país.

Esses fatos, colocados pelo *NYT* como o pior escândalo de corrupção na história social moderna do Brasil, têm grande parte da sua adjetivação omitida na tradução. Assim, no texto em português a única qualificação do escândalo que é mostrada ao leitor brasileiro é “forte” e, além disso, a tradução de “*corruption scandal*” por “escândalo político” evita a negatividade do termo “corrupção” e disponibiliza para os brasileiros um texto mais neutro que aquele em inglês. A tradução novamente impossibilita que o leitor do Brasil entre em contato com o caráter de gravidade que o *NYT* atribui à crise do governo federal iniciada em 2005. Também nesta passagem é possível notar, como nos exemplos anteriores, que a representação negativa realizada pelo estrangeiro é evitada pela tradução.

Ainda em relação à crise provocada pelo esquema dos mensalões, o trecho (65) faz parte da notícia “*Days Before Brazil Votes, New Scandal for Leader*”, publicada poucos dias antes da eleição presidencial de 2006 e que alerta para a possibilidade de tais escândalos atrapalharem o caminho de Lula à reeleição. A notícia foi veiculada em 22 de setembro de 2006, é novamente de autoria de Larry Rohter e sua tradução, publicada pelo *US*, é “A poucos dias das eleições, Brasil vê mais escândalos”.

- (65) As has been his habit whenever corruption laps at his door, Mr. da Silva has suggested that the opposition is plotting to undermine him. [...] “This is worrisome, but it’s

indicative of the situation we're experiencing," Mr. Mello said of the wiretapping. "It's a situation that I'd say is almost psychedelic, with scandals flowering day by day" (*NYT*, acesso em: 22 set. 2006)

Como já é comum em todas as vezes que a corrupção bate em sua porta, Lula sugeriu que a oposição está tentando fazer um complô contra ele. "Isso é preocupante, mas é um sinal da situação que estamos passando", afirmou Mello na escuta telefônica. "É uma situação que eu diria ser praticamente psicodélica, com escândalos surgindo dia-a-dia" (*US*, acesso em: 22 set. 2006)

Na primeira parte desse trecho os leitores estrangeiros lêem ressaltada a atitude apresentada como passiva, despreocupada e até tolerante por parte do presidente brasileiro, diante dos escândalos que surgiam freqüentemente. Lula e o governo federal são representados aqui como condescendentes em relação à crise, como se pouco se abalassem a cada descoberta, uma vez que, segundo o *NYT*, sempre que uma nova denúncia vem à tona, o presidente e seus aliados repetem o hábito de acusar a oposição de tentar desestabilizar o governo. Na tradução, a aparente imagem de condescendência em relação à corrupção é reconstruída, o que pode ter o efeito de reforçar, para o público brasileiro, a idéia de que sua prática se tornou algo comum no Brasil, noção que Orlandi (2001) entende como um traço ideológico resultante de determinados enunciados que, para a autora, acabaram tornando-se clichês sobre o Brasil e seu povo.

No restante do trecho em inglês tem-se a afirmação do então ministro Marco Aurélio Mello, na época presidente do Superior Tribunal Federal (posteriormente a notícia fornece essa informação), a respeito das escutas telefônicas clandestinas realizadas naquele período. Essa afirmação é bastante significativa para o leitor estrangeiro, visto que ele pode perceber que autoridades judiciais brasileiras também reconhecem a gravidade da situação política do Brasil e que os escândalos surgem a cada dia, além de que até mesmo essas autoridades parecerem atordoadas pela situação.

Na tradução, as declarações de Mello são semelhantes, embora se leia que o ministro as havia feito *na* escuta telefônica quando, de fato, as fez *em relação às* escutas. Essa modificação leva o leitor brasileiro a realizar associações inverídicas, já que naquele momento o ministro criticava os que haviam realizado escuta clandestina e situava essa questão em meio aos vários escândalos da época. Por meio da leitura da tradução do *US* pode-se inferir equivocadamente que o próprio ministro estava sendo ouvido numa dessas escutas ou ainda que era o responsável por uma delas.

O trecho (66) pertence à notícia cujo título segue abaixo, escrita por Larry Rohter e publicada logo após o primeiro turno da eleição presidencial de 2006. A tradução do *US* é parcial e a do UOL é de autoria de George Andolfato. Os três textos foram publicados em dois de outubro de 2006.

(66) Embattled Brazil Incumbent Fails to Win First-Round Ballot

With more than 99.2 percent of the ballots tabulated early Monday, Mr. da Silva, his momentum checked by a last-minute corruption and ethics scandal, had 48.65 percent of the vote. [...] But his administration has been marked by one scandal after another, ranging from multimillion dollar schemes to buy the support of members of congress to rigging contracts for the purchase of blood products (*NYT*, acesso em: 2 out. 2006)

Governante do Brasil não consegue se reeleger no primeiro turno

Com mais de 99,2% das urnas contabilizadas na segunda-feira de manhã, Lula, com a sua força sugada por um último escândalo que atingiu de frente a sua campanha, tinha 48,65% dos votos. [...] Mas a sua administração tem sido marcada pelos seguidos escândalos envolvendo aliados muito próximos do presidente (*US*, acesso em: 2 out. 2006)

Presidente em dificuldade do Brasil não consegue vitória no primeiro turno

Com mais de 99,2% dos votos apurados até a madrugada de segunda-feira, Lula, que teve sua vantagem abalada por um escândalo de corrupção e ética de última hora, estava com 48,65% dos votos. [...] Mas seu governo foi marcado por um escândalo

atrás do outro, de planos multimilionários para compra de apoio de membros do Congresso a contratos manipulados para compra de derivados de sangue (UOL, acesso em: 2 out. 2006)

Novamente nesta passagem a situação do governo federal brasileiro é apresentada com ênfase pelo *NYT*. Pode-se ver que o jornal estrangeiro parece considerar importante ressaltar constantemente que é crítico o contexto político brasileiro e que o presidente repetidamente enfrenta problemas oriundos de denúncias de corrupção. Em passagens como esta, em que a política brasileira é representada pelo *NYT* como conturbada e problemática, pode-se afirmar que a maneira pela qual a representação do Brasil é construída provavelmente se encontra de acordo com a forma como esse país é concebido pelo jornalista autor da notícia, pelo jornal que a publica e por seus leitores, revelando uma visão relativamente homogênea em torno do país representado. A respeito de como o discurso jornalístico expressa avaliações produzidas numa determinada sociedade, Mariani (1998, p. 60) afirma que “a produção de sentidos na notícia dos fatos se realiza a partir de um jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos históricos), dos leitores e da linha política dominante do jornal”.

No que se refere à tradução dos elementos chave da representação construída nessa passagem, é possível afirmar que as traduções do *US* e do UOL atuam de maneira distinta em relação às imagens construídas pelo *NYT*. O *US* suaviza majoritariamente a representação negativa realizada no texto em inglês. Vê-se que a difícil (“*embattled*”) situação em que Lula se encontrava não é traduzida, assim como parte da predicação do escândalo (“*corruption and ethics*”) e o detalhamento dos tipos de denúncias que ocorriam no governo (“*ranging from multimillion dollar schemes to buy the support of members of congress to rigging contracts for the purchase of blood products*”), tendo sido adicionada, no lugar, a afirmação de que tais escândalos estavam “envolvendo aliados muito próximos ao presidente”. Assim, a tradução

do *US* leva a inferir que as avaliações negativas feitas pelo estrangeiro tendem a ser rejeitadas pela linha política desse jornal, o que pode ser revelado pelo caráter amenizador dos textos em português que o *US* publica. Diferentemente, UOL não promove tais suavizações, revelando uma postura possivelmente menos interventora sobre a representação e permitindo, assim, que o leitor brasileiro perceba que esse órgão da imprensa internacional está atento à crise do Brasil e não economiza avaliações em relação ao seu presidente.

A passagem (67) pertence à notícia publicada em 30 de outubro de 2006 “*Brazil’s President Roars Back to Win Vote*”, traduzida pelo *US* como “Presidente do Brasil volta e ganha votos” e pelo UOL como “Presidente do Brasil é reeleito com vitória esmagadora”. Somente o UOL disponibilizou a tradução desta passagem, em tradução de Danilo Fonseca.

- (67) “Lula cares about the poor, and that’s what matters to me, more than all this talk about corruption, which we’ve always had,” Jane Cunha, a 56-year-old maid, said at a polling place here Sunday morning. “I earn the minimum wage, and thanks to him, my salary has gone up \$20 a month and the price of food has gone down enough that I’m eating a lot more meat than in the past” (NYT, acesso em: 30 out. 2006)

“Lula se preocupa com os pobres, e é isso o que importa para mim, mais do que toda essa conversa sobre corrupção, que é algo que sempre tivemos”, disse Jane Cunha, uma empregada doméstica de 56 anos, em uma seção eleitoral na manhã de domingo. “Eu ganho o salário mínimo e, graças a ele, o meu rendimento mensal aumentou US\$ 20, e o preço da comida abaixou, de forma que estou comendo mais carne do que no passado” (UOL, acesso em: 30 out. 2006)

Esse trecho, além de levar ao estrangeiro a sugestão de que, apesar das denúncias de corrupção, as classes sociais mais baixas mantinham seu apoio a Lula, pode representar para o leitor estrangeiro os brasileiros como um povo que está de tal forma acostumado à corrupção que se habituou a desconsiderá-la nos casos em que os governantes, ainda que suspeitos de serem corruptos, propiciem benefícios para a população. Essa representação aparece na fala

de Jane Cunha, e ganha valor de verdade para o estrangeiro pelo fato de aparecer na voz de uma brasileira.

No texto em português, essa representação como um todo é corroborada. A reiteração, no texto traduzido, do discurso de uma brasileira que dá a entender que desconsidera a prática da corrupção porque para ela, mais importante que isso é a melhora em suas condições de vida, pode reproduzir, para os brasileiros, um discurso que parece recomendar a tolerância à corrupção e aos que a praticam, principalmente se realizarem ações sociais. Esta banalização parece ser um dos efeitos da propagação do discurso da corrupção como algo sedimentado.

A notícia seguinte, “*Brazilian Numbers Game Ties Officials to Mobsters*”, escrita por Larry Rohter e traduzida pelo *US* como “Jogo do bicho liga autoridades a criminosos no Brasil”, em 7 de junho de 2007, interessa à representação da corrupção porque, ao tratar do jogo do bicho como prática ilegal no país mas, ainda assim, parte de seu cotidiano, acaba associando a corrupção à cultura brasileira.

- (68) The bosses of the billion-dollar industry known in Portuguese as the “jogo do bicho,” on the other hand, have long preferred to operate in the shadows. That was, at least, until a burgeoning corruption scandal suddenly thrust them into an uncomfortable national spotlight (*NYT*, acesso em: 7 jun. 2007)

Os chefes da indústria de bilhões de dólares conhecida em português como “jogo do bicho”, pelo contrário, preferem administrá-lo nas sombras. Isso era assim, pelo menos, até que um escândalo de corrupção de repente os colocasse no desconfortável centro das atenções nacionais (*US*, acesso em: 7 jun. 2007)

Ao utilizar no texto em inglês a expressão “jogo do bicho”, o *NYT* estabelece uma associação entre o jogo e a ilegalidade, que são colocados quase como sinônimos no texto do jornal estrangeiro, e possivelmente serão lidos dessa forma pelo leitor norte-americano. O texto em inglês qualifica como crescente o escândalo político (“*a burgeoning corruption*

scandal”) que havia voltado a atenção do país para o jogo do bicho. Nesta passagem, o jornal estrangeiro novamente parece julgar necessária a qualificação tanto do escândalo de corrupção na política brasileira como também do centro das atenções, visto como desconfortável.

No restante da passagem, a tradução, ao mesmo tempo em que evidencia o olhar estrangeiro sobre o Brasil, também o apaga. O texto do *US* chama a atenção para o fato de a notícia ser uma visão estrangeira sobre o Brasil quando informa que aquela indústria é “conhecida em português como ‘jogo do bicho’”, o que pode levar o leitor brasileiro a se lembrar de que aquele texto é uma tradução. No entanto, logo em seguida o olhar do Outro é apagado, já que a adjetivação do escândalo é novamente omitida. Percebe-se assim que, ainda em passagens nas quais fica claro que a instituição autora da notícia não é brasileira – o que poderia isentar o *US* da responsabilidade pelo teor crítico das notícias – a tendência a apagar a qualificação da corrupção no Brasil se mantém, o que reforça o aparente posicionamento “pró-governo” desse jornal.

A passagem seguinte pertence à mesma notícia e nela é mais explícita a associação entre o jogo do bicho e a cultura brasileira.

- (69) “The animal game is a deeply embedded cultural phenomenon with a certain romantic aura, and thus hard to eradicate,” said Denise Frossard, a crusading former judge who became famous here in the 1990s for sending 14 bosses to jail. “But it is also a quintessentially Brazilian way of laundering money,” she added, “and contributes greatly to the problem of impunity in this country” (*NYT*, acesso em: 7 jun. 2007)

“O jogo do bicho é um fenômeno cultural profundamente enraizado, com uma certa aura romântica, e portanto, difícil de erradicar”, disse Denise Frossard, uma ex-juíza que ficou famosa aqui nos anos 90 por mandar 14 chefões para a prisão. “Mas também é uma maneira essencialmente brasileira de lavar dinheiro”, ela acrescentou, “e

contribui imensamente para o problema da impunidade nesse país” (US, acesso em: 7 jun. 2007)

No texto em inglês, a relação entre a ilegalidade do jogo do bicho e a cultura brasileira é estabelecida por meio das palavras de uma juíza brasileira, Denise Frossard, discurso que, por se tratar de uma autoridade, tem certa credibilidade junto ao público leitor de ambos os países. A afirmação da juíza a respeito da existência de uma aura romântica em torno do jogo possivelmente facilita, para o estrangeiro, a leitura de que a ilegalidade é tomada por um aspecto romântico, vinculação que dificultaria o combate à corrupção.

Na tradução, embora essa associação seja reconstruída de maneira semelhante, tende a ser menos estendida para uma generalização. Ainda assim, a menção à “aura romântica” do jogo pode resgatar a idéia de que o jogo do bicho, por sua tradição e relação com a cultura brasileira, talvez não necessite ser proibido, ou tenha sua ligação com a ilegalidade e a corrupção parcialmente desconsiderada.

No texto em inglês, Frossard volta a associar a ilegalidade a algo culturalmente brasileiro na afirmação de que o jogo do bicho seria “*a quintessentially Brazilian way of laundering money*”. O advérbio “*quintessentially*”, que já apareceu na passagem (51), sugere que haveria uma maneira tipicamente brasileira de lavar dinheiro, ou seja, que essa prática é tão comum no Brasil que ganhou aqui uma maneira específica e típica de ser realizada.

Em relação à tradução dessa passagem, considera-se que a tradução do US por “essencialmente brasileira” corrobora em português a relação que o *NYT* estabelece entre a cultura brasileira e a ilegalidade – que se estende à corrupção. Parece até haver um reforço nessa vinculação, já que o leitor brasileiro pode ler que usar o jogo do bicho para a lavagem de dinheiro seria mais do que tipicamente brasileiro, mas um costume que encontraria suas raízes na própria cultura brasileira. Na associação que a tradução realiza entre ilegalidade,

corrupção e o essencialmente brasileiro, pode se configurar mais um lugar para que se estabilizem discursos que colocam a corrupção como natural ao Brasil.

O trecho (70) refere-se ao último parágrafo desta notícia.

- (70) “Without their bribes from the bicheiros, the politicians, cops and judges wouldn’t be able to live high on the hog the way they do,” he [Luiz Carlos Menezes de Sá, a bettor] said. “Why would they want to do away with something that makes so much money for them?” (*NYT*, acesso em: 7 jun. 2007)

“Sem os subornos dos bicheiros, os políticos, policiais e juízes não poderão mais ter o padrão de vida que eles têm”, ele [Luiz Carlos Menezes de Sá, um apostador] disse. “Por que eles iriam querer acabar com algo que é tão lucrativo para eles?” (*US*, acesso em: 7 jun. 2007)

De forma semelhante à que ocorreu no exemplo (32), na representação da violência, o encerramento desta notícia se dá de maneira desanimadora. Naquele momento, a notícia em inglês e sua tradução se construíram de forma que davam respectivamente aos seus leitores a impressão de que, ao final de toda a discussão sobre a violência e a dificuldade em combatê-la, eram os traficantes quem detinham a palavra final, simbolizando seu domínio sobre o poder público e a sociedade como um todo. No caso (70), o texto em inglês mostra a fala de um brasileiro que, embora seja apostador do jogo do bicho, reconhece a corrupção associada ao jogo e o envolvimento de certas autoridades brasileiras, que, devido aos benefícios que recebem da associação ilícita com os bicheiros, dificultam a erradicação do jogo no Brasil. Assim, o leitor norte-americano é apresentado a mais uma razão pela qual seria difícil combater o jogo do bicho. Se, na passagem anterior, Denise Frossard apontava o enraizamento do jogo do bicho na cultura brasileira como esse motivo, neste exemplo outro brasileiro aponta mais uma razão: a de que as próprias autoridades se beneficiam dessa prática ilegal e, portanto, não a combatem. Dessa forma, se em (32) era o crime, representado pelos

traficantes, quem encerrava o debate sobre a violência pela qual eles mesmos eram os responsáveis, nesta notícia quem encerra a discussão sobre o combate ao jogo do bicho é a corrupção, garantida por determinadas autoridades corruptas e também pela sua estreita relação com a cultura brasileira.

A tradução encerra a notícia também de maneira negativa, e a indicação de mais uma razão para que não se interrompa a prática do jogo do bicho pode fazer com que o leitor brasileiro infira que esses mesmos motivos – a idéia dessa prática como parte do que é brasileiro e como algo que interessa a algumas autoridades – impediriam ainda o combate à própria corrupção.

Os trechos que vão de (71) a (74) fazem parte de uma mesma notícia, escrita por Larry Rohter e publicada em 11 de outubro de 2005. A notícia trata do esquema de combinação de resultados de jogos de futebol descoberto em 2005, em que árbitros eram pagos para favorecer determinados times.

O fragmento (71) é composto pelo título e pelo *lead* da notícia.

(71) Brazilians May Be Accustomed to Corrupt Officials, but Draw the Line at Soccer Referees

RIO DE JANEIRO. In view of all that is happening, ordinary Brazilians can be forgiven for wondering if any of their institutions still function honestly (*NYT*, acesso em: 11 out. 2005)

No Brasil, corrupção é desmascarada por juízes de futebol

RIO DE JANEIRO, Brasil – Em vista de tudo o que está acontecendo, os brasileiros comuns podem ser perdoados por se questionarem sobre a possibilidade de alguma de suas instituições ainda funcionar honestamente (*US*, acesso em: 11 out. 2005)

O título do artigo mostra, para o leitor norte-americano, a representação já perceptível em casos analisados anteriormente de que os brasileiros encaram a corrupção como algo

normal. Aqui, o que essa representação traz de novo é a diferença de tratamento e avaliação dispensados a políticos corruptos e a árbitros de futebol corruptos. Segundo o *NYT*, o povo brasileiro já está acostumado a autoridades corruptas (“*Brazilians may be accustomed to corrupt officials*”), mas não tolera a corrupção no futebol (“*but Draw the Line at Soccer Referees*”), sendo representado como um povo para quem o futebol pode ser mais importante que a política.

No que se refere à tradução do título, essa representação é totalmente apagada e tem-se, em seu lugar, a afirmação incorreta de que a corrupção teria sido “desmascarada por juízes de futebol”, como se esses árbitros tivessem denunciado o esquema de fraudes. Assim, além de a tradução impedir que o público brasileiro veja a forma como está sendo qualificado pelo *NYT*, a respeito de considerar de formas diferentes a corrupção na política e no futebol, o texto em português pode induzi-lo a uma interpretação equivocada dos fatos, uma vez que coloca os fraudadores como aqueles que teriam denunciado a fraude.

A representação realizada pelo *NYT* no título do artigo, em inglês, continua no *lead*, em que a afirmação de que os brasileiros podem se perguntar se alguma de suas instituições ainda funciona honestamente está diretamente relacionada à imagem de um país que, além da freqüente divulgação de corrupção na política, também começava a enfrentar semelhantes denúncias em relação ao futebol, muitas vezes apontado pelos próprios brasileiros como um de seus motivos de orgulho. O leitor norte-americano vê-se diante de um país em que parece não haver instituição alguma que não tenha sido atingida pela corrupção.

A tradução do *lead*, ao reconstruir a representação de um país em que quase todas as instituições aparentemente foram abaladas pela corrupção, dá continuidade a discursos que parecem circular no imaginário brasileiro e que estabilizam as imagens de um país em que nada funciona corretamente (nem honestamente?), dentre outras associações. O texto em português também reitera, para os leitores brasileiros, a idéia de que o futebol funciona como

uma espécie de último refúgio para o orgulho brasileiro, o que contribui para a estabilização dessa noção no imaginário do país.³

A próxima passagem pertence à mesma notícia e veicula uma representação novamente suavizada pelo texto traduzido.

- (72) With Congress and President Luiz Inácio Lula da Silva already bogged down in the biggest corruption scandal in the country's history, national confidence has now been shaken by the exposure of a ring of soccer referees who have been throwing matches in return for payoffs from gamblers (NYT, acesso em: 11 out. 2005)

Com o Congresso e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva já envolvidos num escândalo de corrupção, a segurança nacional foi agora abalada pela revelação de um círculo de árbitros de futebol que manipulavam jogos em troca de subornos dos apostadores (US, acesso em: 11 out. 2005)

Aqui o NYT volta a realizar, como em casos anteriores, uma qualificação negativa, especificamente a respeito da forma como o Congresso brasileiro e o presidente estavam envolvidos nas denúncias. O jornal estrangeiro constrói, para seu leitor, uma visão em que Lula e o Congresso nacional não estariam apenas envolvidos na crise mas, mais que isso, afundados ou atolados, como se percebe por meio do uso da expressão “*bogged down*” – que parece ser mais utilizada em contextos negativos, indicando algo que está preso a alguma coisa indesejável e tem dificuldade de sair.

³ A representação do futebol como refúgio dos brasileiros volta a aparecer na notícia e na tradução, em passagens como “*the notion of corruption in soccer, the national sport, seems to have particularly disturbed the Brazilians*” e “a idéia de corrupção dentro do futebol, o esporte nacional, parece ter perturbado particularmente os brasileiros”. O futebol, especificamente, é colocado como “*a refuge of excellence in times of trouble*”, “*reassuring proof that in at least one area of national life, talent counts for more than connections*” e “um recurso de excelência em tempos de problemas”, “uma afirmação segura de que em pelo menos uma área da vida nacional, o talento conta mais que os contextos”.

Na tradução, esse caráter negativo é amainado, devido à tradução por “envolvidos”, que sugere para o leitor brasileiro que a situação política em que se encontravam o presidente e o Congresso talvez fosse menos comprometedora e grave.

A respeito da adjetivação do escândalo de corrupção, a leitura de que tal evento havia sido o pior em toda a história do país também é apagada na tradução, de forma que a leitura dessa passagem, assim como outras, apaga a avaliação daquele período expressa pelo *NYT*.

No que se refere à segunda passagem sublinhada, no texto do *NYT*, pode-se notar a referência a “*national confidence*” que, segundo o jornal, teria sido abalada pela revelação do acordo para manipulação de resultados de jogos. A informação de que a confiança nacional havia sido abalada pode ser relacionada, pelo estrangeiro, à hipotética baixa auto-estima dos brasileiros, representação estudada em capítulo anterior e que, como se procurou demonstrar, parece fazer parte tanto do imaginário estrangeiro como do brasileiro.

Por sua vez, a tradução desse trecho por “segurança nacional” constrói outra leitura e reduz as possibilidades de que o leitor brasileiro associe esse trecho à imagem da falta de valorização do povo do Brasil em relação a si mesmo. Isso ocorre porque essa expressão em português parece incitar associações com a idéia da defesa do território nacional e outras noções nesse mesmo sentido. Assim, de maneira geral, neste caso a tradução nem reitera totalmente a representação da corrupção nem possibilita a leitura de que essa prática atinge a confiança dos brasileiros.

No fragmento (73) da mesma notícia, há novamente a composição de um Brasil tradicionalmente corrupto.

- (73) Indeed, such accusations have long swirled around Paulo Maluf, the former governor and mayor of São Paulo, who is only the latest in a long line of public officials there of whom it has been said, “He robs, but he gets things done” (*NYT*, acesso em: 11 out. 2005)

Sem dúvida, tais acusações serpentearam por muito tempo Paulo Maluf, ex-governador e ex-prefeito de São Paulo, que é apenas o mais recente dentro de uma linha de funcionários públicos sobre quem se foi dito que “rouba, mas faz” (US, acesso em: 11 out. 2005)

O texto do *NYT* afirma que Maluf é apenas o último de uma longa tradição (“*long line*”) sobre o qual se afirma que, embora roube, realiza projetos. Volta aqui a aparecer a representação de um povo que, à medida que consegue melhoria de vida proporcionada por ações de governantes, torna-se mais tolerante com a corrupção.

Na tradução, a não ser pela omissão de “*long*”, que deixa de reforçar a tradição simbolizada por Maluf, a representação é reforçada pela forma como o trecho “*he robs, but he gets things done*” foi traduzido. Ao aproximar esse bordão da maneira como é falado pelos brasileiros, o *US* aproxima ainda mais o leitor da tradução e a representação reconstruída no texto em português, no sentido de criar uma identificação entre ambos, facilitar com que esse leitor se veja, se reconheça naquele texto e assuma a imagem veiculada ali.

No trecho seguinte o *NYT* constrói a representação da corrupção como histórica na voz do presidente Lula.

- (74) Da Silva, who was elected in 2002 on a platform of public probity, initially sought to brush off the seriousness of the revelations by arguing that “what the Workers’ Party did is what has been done systematically in Brazil” (*NYT*, acesso em: 11 out. 2005)

Da Silva, que foi eleito em 2002 sobre um consenso público de honestidade, inicialmente tentou afastar a severidade das revelações, argumentando que “o que o Partido dos Trabalhadores fez é o que se tem, sistematicamente, feito dentro do Brasil” (US, acesso em: 11 out. 2005)

O uso da voz do presidente brasileiro, autoridade máxima do país, para afirmar a tradição e sistematicidade da corrupção no Brasil pode fazer com que o texto do *NYT* e as representações que ele veicula sejam acatados quase sem questionamento pelo leitor estrangeiro. Esse leitor pode também inferir que, uma vez que o próprio presidente usa o histórico de corrupção do Brasil para justificar sua naturalidade a talvez até mesmo sua continuidade, a sociedade brasileira também o faria.

Na tradução, Lula é apresentado como “Da Silva”, o que provavelmente causa estranhamento nos leitores brasileiros. Essa forma de chamar o presidente brasileiro pode ser considerada uma exceção em relação às traduções analisadas aqui. No capítulo sobre a representação da sensualidade e da beleza, exemplo (3), viu-se outro caso em que a tradução do *US* chamava alguém de uma forma pouco utilizada pelos brasileiros. O *NYT* se referia a Bruna Surfistinha como “*Ms. Pacheco*”, nome que foi traduzido pelo *US* como “Pacheco”, seu sobrenome. As palavras de Lula, dada sua autoridade, ao endossar em português a imagem de corrupção sistemática no Brasil, podem soar ainda mais como verdade para os leitores brasileiros, contribuindo para sua estabilização.

6.1 A representação da corrupção: considerações

Ao final da análise que teve como objeto a representação que o *NYT* realiza da corrupção em relação aos brasileiros e ao Brasil, pôde-se notar que essa representação orientou-se por dois caminhos principais. Um deles foi o de freqüentemente qualificar de forma negativa a política brasileira noticiada no período de outubro de 2005 a junho de 2007. Nesse sentido, o jornal norte-americano faz diversas referências ao escândalo de corrupção que atingia o governo federal brasileiro e, na inserção dessa adjetivação, permite que transpareça sua avaliação não só daquele período, mas da política brasileira como um todo e,

mais ainda, da forma como avalia o posicionamento dos brasileiros em face do que ocorria. Esse tipo de representação pôde ser verificado nas passagens (61), (62), (63), (64), (66), (68) e (72) e, naqueles momentos, viu-se que o *NYT* associava à crise informações que chamavam atenção para aspectos como seu desvelamento, duração, continuidade e seu caráter prejudicial.

Em relação à tradução desse modo de representar, os elementos pontuais utilizados pelo jornal estrangeiro para qualificar os escândalos tantas vezes mencionados nos exemplos acima são, em sua maioria, omitidos. Isso faz com que a avaliação no relato daqueles acontecimentos não se mantenha no texto em português e com que, assim, os brasileiros freqüentemente fiquem apenas com a informação sobre a crise em si, o escândalo ou a tentativa de *impeachment*, dependendo do caso.

Anteriormente, a análise dos dados apontou para a hipótese de que as representações consideradas positivas e autorizadas tanto pelos órgãos brasileiros veiculadores dessas representações, como pelo imaginário brasileiro (como a da sensualidade e da beleza; a da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima e a do Brasil como paraíso natural e país exótico) tendiam a ser mantidas na tradução. Pelo contrário, as de caráter negativo, como a da violência, seriam predominantemente suavizadas ou apagadas. Em consequência disso, a representação da corrupção, sendo considerada negativa, tenderia a se apresentar, na tradução, de modo semelhante à da violência. O corte predominante da representação de um Brasil e brasileiros corruptos pôde ser verificado apenas num dos dois caminhos seguidos pelo *NYT* para realizá-la: a qualificação dos eventos relacionados à corrupção no Brasil.

Resta então tratar do segundo meio pelo qual o jornal estrangeiro elaborou essa imagem: a reiteração da idéia de que a corrupção fez parte de toda a história do Brasil e acompanha o país até os dias de hoje, como um traço incorporado à cultura brasileira. Essa representação específica foi percebida numerosas vezes no texto analisado mas, ao contrário

do que ocorreu na tradução da primeira estratégia utilizada pelo *NYT*, foi majoritariamente mantida no texto traduzido, fosse na voz do jornalista estrangeiro, de autoridades brasileiras ou ainda de brasileiros comuns.

Além da imagem principal – a corrupção como tradição – outras representações surgiram a partir dela, todas predominantemente reconstruídas na tradução. As imagens secundárias percebidas foram as seguintes: a da corrupção vista como algo comum pelo brasileiro – exemplos (65), (67), (69), (71), (73) e (74); o público e o privado se mesclando na vida política – (70); um povo que desconsidera a corrupção se lhe é proporcionada melhoria de vida – (67) e (73); a corrupção atingindo a confiança dos brasileiros – (71) e (72) e um povo que parece julgar a corrupção no futebol mais grave que na política – (71).

Essa diferença de tratamento dada pela tradução ao dois modos utilizados pelo *NYT* pode ser explicada remontando-se ao argumento, exposto anteriormente, de que a corrupção tinha, em alguns momentos, seu caráter negativo amenizado pelo discurso dos próprios brasileiros, que utilizavam a estabilidade da prática da corrupção do Brasil para amenizar essa negatividade ou tolerá-la. Assim, uma vez que a corrupção é vista no imaginário brasileiro como natural – o que é evidenciado pela reconstrução, no texto em português, desta representação – e, assim, pouco repreensível, parece tornar-se desnecessária e até redundante a avaliação constante dos acontecimentos relacionados à corrupção no Brasil, feita pelo *NYT* e seguidamente cortada na tradução. Dessa forma, o fato de essas omissões serem relativamente numerosas pode indicar, se não uma estratégia tradutória, no sentido de manipulação deliberada, uma postura do *US* favorável ao governo federal, bem como um sintoma de que a corrupção no Brasil encontra-se, na visão dos brasileiros, naturalizada. Pode-se afirmar também que essa suposta naturalização é ainda evidenciada pelas diversas representações associadas aos brasileiros, derivadas da representação da corrupção como fato histórico, mencionadas acima, e que têm nessa imagem parte de sua origem.

Por sua vez, a representação da corrupção como tradição parece encontrar-se tão arraigada no imaginário brasileiro que tanto torna desnecessária a retomada do assunto com o alarmismo que fez o *NYT* como se mantém no texto traduzido e parece ter dado origem e continuidade a outras representações, que impedem que essa imagem da corrupção histórica seja substancialmente questionada pela tradução.

Neste capítulo, a relação entre o número de traduções publicadas pelo *US* e pelo UOL apresenta um desnível não verificado nas representações anteriores. Dos 15 exemplos analisados aqui, 13 deles têm tradução do *US* e apenas três contam com tradução do UOL. No entanto, não se considera que essa diferença signifique uma estratégia, por parte do UOL, de apagar a representação da corrupção. Provavelmente, isso se deve ao fato de, como foi apontado na Introdução do trabalho, o UOL veicular um número consideravelmente menor de traduções que o *US*, o que ocorreu em todas as representações culturais analisadas anteriormente.

No que se refere a como se relacionam na tradução os olhares de quem representa e de quem é representado, Carbonell (1996) afirma que a tradução seria um movimento que vai além de estabelecer um diálogo entre um lugar e outro, um momento e outro, um sujeito e outro. No contexto da representação da corrupção como algo comum e histórico, a determinação entre o que é discurso do estrangeiro e o que é discurso do brasileiro torna-se mais difícil, uma vez que as imagens veiculadas pela representação feita pelo Outro estão de tal forma inseridas nos discursos que circulam no imaginário brasileiro, que a fala dos norte-americanos sobre os brasileiros revela-se semelhante ao discurso dos próprios brasileiros sobre si mesmos: tem-se aí discurso quase único.

Assim, percebe-se que, embora a violência e a corrupção sejam, das representações culturais do Brasil analisadas na pesquisa, aquelas claramente consideradas negativas, a da violência parece mais facilmente questionável, devido ao fato de não se mostrar tão estável

como a da corrupção e que essa última, ainda que negativa, e por esse mesmo motivo da estabilidade, resiste ao apagamento na tradução. Essa reiteração de sentidos, na tradução, aliada à força representativa de um passado sedimentado, provavelmente faz com que essa imagem seja mantida e promova práticas que vão sendo cada vez mais naturalizadas e cada vez menos repreensíveis e repreendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que os cinco grupos de representações realizadas pelo *NYT* e analisadas nesta pesquisa levantam e enfatizam aspectos já tradicionais quando se trata de representar o Brasil e seu povo. Esse jornal, na maioria das vezes, lê o país e os brasileiros ressaltando supostas diferenças para a reconstrução das imagens que serão apresentadas ao leitor estrangeiro. Como é passível de ocorrer em representações feitas por um leitor hegemônico em que o objeto de leitura é um Outro subordinado (seja cultural, econômica ou politicamente), os casos aqui estudados mostram, em determinados momentos, traços de homogeneização e estereotipação em diversos níveis. Nota-se que os atributos envolvidos nas representações são, em sua maioria, implicitamente colocados como inerentes ao Brasil e aos brasileiros. Tem-se um quadro em que esse povo é naturalmente sensual, belo, cordial, otimista e exótico, mas também lhe é natural a violência e a corrupção. Assim, considera-se que as construções das representações analisadas aqui podem ser colocadas no mesmo patamar, no que se refere às maneiras como constroem as imagens dos brasileiros para o público estrangeiro.

Se a construção que o *NYT* realiza é considerada nivelada em relação à forma homogeneizadora pela qual representa o Brasil e os brasileiros, o desnível encontra-se na tradução. As representações da sensualidade e da beleza, da cordialidade, do otimismo e da baixa auto-estima e aquela que ressalta o exotismo referente ao Brasil e aos brasileiros parecem contar, de maneira geral, com a aquiescência da tradução, dos veiculadores das notícias no Brasil e, mais amplamente, do imaginário nacional, visto que na maioria das vezes as imagens percebidas no texto em inglês são reconstruídas em língua portuguesa e reapresentadas ao público brasileiro. Dessa maneira, são assumidas e mais uma vez colocadas em circulação no imaginário brasileiro sobre o Brasil e seu povo.

Esse comportamento de aceitar o “positivo”, o “bom”, e que se mostra como uma tendência, pode ser sintomático de como é interpretada cada uma das representações culturais ou nacionais pelo imaginário brasileiro. A atuação das traduções diante dessas representações construídas pelo *NYT* parece se orientar no sentido de, grosso modo, reconstruir para o público brasileiro aquilo que interpretam como um “elogio” ou um olhar amigável do Outro hegemônico e de aceitar principalmente o olhar que é bem-vindo, o que parece falar bem desse povo. Seria então positivo e bom ser considerado um povo sensual, cordial, otimista e exótico. Não haveria aí nada questionável, nenhuma contribuição para estereótipos que, atuando na manutenção de práticas de dominação cultural, lingüística e política, acabe sendo prejudicial ao próprio povo.

A aceitação do elogio ou da empatia desse Outro considerado dominante parece estar relacionada a uma predisposição para a aquiescência do olhar estrangeiro no caso de ele ser positivo. O status inferior de que goza a cultura brasileira em relação à norte-americana aparentemente exerce, na tradução dessas imagens vistas como favoráveis, considerável influência no consentimento dessa representação que norte-americanos realizam de brasileiros.

Se as representações “positivas” foram majoritariamente aceitas pela tradução, era esperado que a da violência e a da corrupção, como veiculadoras de atributos “negativos”, fossem rejeitadas. Em parte, foi o que se pôde verificar. No que se refere à elaboração da imagem da violência, notou-se que essas representações parecem não contar com o mesmo consentimento dado às outras, uma vez que foram muitas vezes suavizadas ou omitidas. Além de omissões totais, foram vários os casos de omissões parciais e suavizações de elementos considerados aparentemente negativos demais para serem reapresentados ao público brasileiro. Assim, pôde-se constatar que o olhar estrangeiro sobre a violência e a corrupção, algo que os brasileiros conhecem, mas não querem (re)ver, ou querem esquecer, apagou-se no

processo da tradução. A esse respeito, considera-se que as traduções do *US* desempenharam um papel importante no processo de apagamento dessas representações negativas e que o UOL, por não traduzir a maioria das notícias amenizadas pelo *US*, dá sua contribuição para que essas imagens não sejam disponibilizadas para o público brasileiro. Assim, como dito anteriormente, o questionamento das representações negativas, realizado predominantemente pelo *US*, além de sugerir que esse jornal, possivelmente devido ao seu posicionamento político, tende a evitar críticas severas ao Brasil em seu noticiário, mostra também que os discursos predominantes no país (dos quais o *US* também é porta-voz) evitam essas representações.

O caso da representação da corrupção foi o que mais mostrou “desvio” em relação ao esperado. A tradução da imagem da corrupção confirmou apenas em parte a hipótese de que as representações que envolviam atributos ou práticas tidos pelos brasileiros como negativos seriam majoritariamente rejeitadas pelo texto traduzido. A corrupção associada aos brasileiros mostrou-se tão arraigada no imaginário estrangeiro e nacional que, embora fosse caracterizada negativamente e, talvez por isso, sua tradução tenha apresentado diversos cortes, esses apagamentos não foram suficientes para neutralizar consideravelmente essa representação. Como se viu no Capítulo 6, a tradução interferiu apenas na qualificação da corrupção noticiada no período considerado. No entanto, o outro lado dessa representação, mais resistente e estável, que coloca a corrupção como intrínseca a toda a história do Brasil e ao caráter dos brasileiros, resistiu ao apagamento na tradução. Tal resistência permitiu que aquelas notícias traduzidas continuassem veiculando para brasileiros discursos que colocam a corrupção como um comportamento natural e que continua a moldar práticas sociais e políticas.

Como se afirmou no início dessas Considerações Finais, a forma como o Outro hegemônico representa uma cultura periférica, neste caso, não se mostrou diferente da

maneira como freqüentemente esse tipo de representação é realizado. Viu-se que foram reiterados os mesmos sentidos, representações e identidades. Lembrando-se que as representações encontram-se num constante movimento de vai-e-vem, isso significa que, em grande parte, as representações que os brasileiros constroem de si continuam reiterando os mesmos atributos e as mesmas práticas: a sensualidade, a cordialidade, o exotismo, a corrupção.

Com isso, tanto fica claro que a tradução não é uma escrita inocente e que envolve sim questões de poder, cultura e política, como também se evidencia que a tradução do texto jornalístico não é apenas o relato de um fato em outra língua. Pode-se ver que no caminho que um fato percorre desde seu acontecimento até sua veiculação em outra língua e cultura, são inseridos em seu relato aspectos importantes e que dizem bastante a respeito dos caminhos que o fato perpassa até chegar ao seu novo destino. Lembrando-se que esses caminhos – entendidos como as três manifestações lingüísticas tratadas no Capítulo 1 – são sobrepostos, considera-se que os efeitos dessa sobreposição demandam ainda mais responsabilidade e reflexão na atividade de publicar e traduzir notícias estrangeiras, já que essa forma de escrita tradutória pode influenciar o funcionamento de uma cultura da mesma forma como o pode a tradução de outros tipos de texto, de maior prestígio.

Viu-se que a tradução também atua na escolha das representações que ganharão mais uma chance de circularem no imaginário da sociedade brasileira, sendo assim mais uma forma de disseminação dos discursos veiculados por essas construções, o que mostra que nem a produção nem o consumo da tradução jornalística se dão de forma neutra. Não se considera apropriado recomendar uma ou outra estratégia tradutória a favor ou contra um ou outro tipo de representação, nem mesmo sugerir um caminho alternativo entre a reiteração de estereótipos ou sua rejeição e seu conseqüente “ocultamento” do público brasileiro. A partir de tudo o que foi exposto, fica claro que notícias traduzidas não são “quaisquer textos”, nos

quais se lê “qualquer coisa” – o fato de a notícia de hoje ser descartada amanhã não impede que esse texto cumpra seu papel de referência. Perceber e assumir que há relações de poder implicadas na tradução de notícias, e que a conjugação de várias instituições, práticas e discursos é eficaz na orientação de representações em prol de determinados interesses, pode auxiliar que se olhe com outros olhos essas traduções, as instituições que as produzem e as práticas e discursos veiculados por esses textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen-África (Ed.). *Translation, Power, Subversion*. Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 1996.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. Asymmetrical Relations of Power and the Ethics of Translation. *TextconText*, 11/1, p. 5-24, 1997.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre (Ed.). *Translation, History and Culture*. New York: Pinter Publishers, 1990.

BRUNELLI, Anna Flora. Apertem os cintos: o sujeito sumiu. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, jul./dez., p. 116-126, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello, Brasil!* Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1996.

CARBONELL, Ovídio. The Exotic Space of Cultural Translation. In: ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen-África (Ed.). *Translation, Power, Subversion*. Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 2006, p. 79-98.

CHAPINHA, Graça. A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da identidade. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CHAPINHA, Graça (orgs.). *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 107-148.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRONIN, Michael. *Translation and globalization*. London: Routledge, 2003.

CULLETON, José Guillermo. *Análise da tradução do espanhol para o português de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil*. Florianópolis, 2005. 89f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

DELABASTITA, Dirk. Translation and the Mass Media. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Eds.) *Translation, History and Culture*. London and New York: Pinter Publishers, p. 97-109, 1990.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DOTA, Maria Inez Mateus. Aspectos culturais do Brasil na visão do *New York Times*. *Revista acadêmica do grupo de comunicação de São Bernardo*. Ano 2, nº 3, janeiro/junho de 2005. Disponível em: <<http://www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm>>. Acesso em 03/09/2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2001, p. 69-79.

FREITAS, Alice Cunha de. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (org.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 2000.

GINZBURG, Jaime. Literatura brasileira: autoritarismo, violência, melancolia. *Revista de Letras*, São Paulo, 43 (1), p. 27-70, 2003.

GRISHAM, John. *The Testament*. s.l.: Paperback, 1998.

_____. *O Testamento*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HALE, Terry. Communication Breackdown in the Global Village. On Linguistic Anxiety, Translation and Cultural Stereotypes: A Response to Mary Snell-Hornby. In: SCHÄFFNER, Christina (Ed.). *Translation in the Global Village*. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2000.

HALL, Stuart. Introduction: Who Needs 'Identity'? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul. (eds.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996, p. 1-17.

_____. Introduction. In: HALL, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997a, p. 1-11.

_____. The Spectacle of the 'Other'. In: HALL, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997b, p. 223-279.

_____. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Loro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 47-65.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

JACQUEMOND, Richard. Translation and Cultural hegemony: the Case of French-Arabic Translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London: Routledge, 1992, p. 139-158.

KEMPADOO, Kamala. Gender, Race and Sex: Exoticism in the Caribbean. Texto apresentado no I Simpósio Internacional *O desafio da diferença: articulando gênero, raça e*

classe. Salvador, 2000. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0228.pdf>> Acesso em: 25 nov 2007.

LONGMAN *Dictionary of English Language and Culture*. Essex: Longman, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes Editores, 1997, p. 75-110.

_____. *Cenas da enunciação*. Curitiba. Criar Edições, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. As ações dos verbos introdutórios de opinião. *INTERCOM*. São Paulo, 14, n. 64, p. 74-92, 1991.

MARIANI, Bethânia. A eficácia da imprensa sobre o político. In:_____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MARTINS, Regina Parreiras Vieira. *Representações do Brasil: os imigrantes europeus e o carnaval no imaginário estadunidense*. Campinas, 2003, 205f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation: History, Post-structuralism and the Colonial Context*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Vão surgindo os sentidos. In:_____. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2001, p. 11-25.

PAGE, Joseph A. *The Brazilians*. Massachusetts: Addison-Wesley, 1995.

PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 dez 2007.

POSSENTI, Sírio. O “Eu” no discurso do “Outro” ou a subjetividade mostrada. *Alfa*. São Paulo, 39, p. 45-55, 1995.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia Maria Alves & ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (org.) *Linguagem identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Pós-modernidade e a política de identidade. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. & FERREIRA, Dina Maria Martins. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. A dor e a injustiça. In: COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 7-12.

SIMON, Sherry. Introduction. In: SIMON, Sherry; ST-PIERRE, Paul (Ed.). *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2000, p. 9-29.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 236-259.

SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Tradução de Susan Semler et al. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.

UPDIKE, John. *Brazil*. s.l.: Random House, 1994.

_____. *Brazil*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

UTSCH, José Assis Simões. *O Brasil e os Brasileiros: resenhas*. Curitiba: Livraria do Chain, 2003.

VENUTI, Lawrence. Introduction. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London: Routledge, 1992, p. 1-17.

_____. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Trad de. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

ZIPSER, M. E. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. São Paulo, 2002. 170f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 20 de abril de 2008

Assinatura